JOSÉ B. RODRIGUES
S. D. B.

# O REI DE NÁRI

HISTÓRIAS, LENDAS
TRADIÇÕES DE TIMOR



AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR — 1962

JOSÉ B. RODRIGUES, S. D. B.

# O Rei de Nári

HISTÓRIAS, LENDAS, TRADIÇÕES DE TIMOR
E EPISÓDIOS DA VIDA MISSIONÁRIA



AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR
LISBOA — 1962

## A RAZÃO DESTE LIVRO

Quando comecei a anotar certos episódios logo que cheguei a Fuiloro, para não os esquecer, episódios por mim vividos, e algumas histórias que ia ouvindo aos indígenas, longe estava eu de pensar que andava a reunir material para a elaboração deste livro.

Foi um verdadeiro acaso que levou o Telucoro a narrar-me a origem da sua família, o modo como ela se salvou do Dilúvio Universal e outras circunstâncias que eles consideram milagrosas. A abertura casual duma fenda nessa cortina de mistérios e precauções que vela, a nós profanos, o viver íntimo dos timores espicaçou-me a curiosidade e fez com que procurasse, pouco a pouco, penetrar nesse mundo misterioso, relacionar ideias e factos, dar corpo e vida ao que ia vendo. Daqui, com alguma coisa da minha fantasia, resultou o que agora ofereço aos leitores.

Pessoa amiga, que me ouviu narrar alguns destes episódios, disse-me:

— Não seja egoísta e avarento; deixe saborear também aos outros a leitura dessas histórias e lendas porque tenho a certeza de que elas agradarão, tanto pela novidade como por nada se saber acerca dessa terra de Lautém.

Por mim, confesso que as acho interessantes, tanto mais que são, em parte, uma espécie de memórias da minha acção missionária, nos anos que passei em Fuiloro. Por outro lado, quem tiver a paciência de ler estes capítulos, nem sempre bem encadeados, pode fazer uma vaga ideia do que foi e do que, em parte, continua a ser o viver desta gente, antes e depois da ocupação portuguesa.

O que posso, no entanto, garantir é que tudo o que o leitor vai ler é a expressão do que vi, ouvi e observei, em contacto íntimo com os indígenas que ia instruindo e catequizando.

Que haja imprecisões, é natural; que alguns factos estejam deturpados, é naturalíssimo; porque,

interrogando indivíduos diferentes acerca do mesmo assunto, uns afirmavam o que outros negavam; contradições estas motivadas pelas rivalidades existentes entre eles. Uma coisa posso afirmar: fiz o possível por reconstituir a verdade.

Haverá quem não concorde com certas afirmações minhas: *Quot capita, tot sententiæ;* quem diga que não é uma obra literária: sou o primeiro a reconhecê-lo; que não merece sair a público: coisas piores têm saído dos prelos. Que haja alguma coisa aproveitável, julgo que sim, quanto mais não seja, falando patriòticamente, para dar mais uma prova de que a acção missionária, coordenada com a autoridade civil, é o mais forte e mais sólido esteio do Império Lusíada.

Por isso, quero expressar, aqui mesmo, a minha gratidão às autoridades civis que, de qualquer modo, nos ajudaram e colaboraram connosco para que a nossa acção fosse mais fácil e frutuosa.

Nunca me hei-de esquecer de que, um dia, durante as férias, estando eu a podar umas laranjei-

ras, veio o senhor administrador num carro e me disse:

— Vamos para Díli; distraia-se um pouco, que bem precisa. Tem um quarto de hora para se preparar.

À pressa, mudei de sapatos e de batina e lá fomos os dois para Díli, onde passei alguns dias. Quando voltava para casa, a pé, ao atravessar uma rua, vi um carro parar à minha frente e o motorista sair e convidar-me a entrar.

— Muito obrigado! — respondi.

— Foi a senhora que mandou.

Dirigi-me a ela, para lhe agradecer a atenção e dizer-lhe que não era necessário desviar-se do seu caminho porque a Missão era perto, mas a senhora disse:

— Quando estiver na sua Missão, terá tempo de fazer sacrifícios. Agora, aproveite a oportunidade de ser levado para casa.

— A quem tenho a honra de agradecer tal atenção? — perguntei.

— Sou a senhora Serpa Rosa.

Era a esposa do senhor governador Serpa Rosa. Este facto comoveu-me e prova que o missionário não anda só; que há quem se interesse por ele, quem admire e saiba apreciar a sua acção entre os indígenas.

Poderia apresentar outros casos semelhantes, mas julgo que estes são suficientes para provar o que disse.

Agora, caríssimo leitor, pode começar a ler um ou dois capítulos de cada vez; mais não, para não se cansar. Mesmo que não lhe agradem, continue a ler, ao menos para mostrar que tem força de vontade.

ras, veio o senhor administrador num carro e me disse:

— Vamos para Díli; distraia-se um pouco, que bem precisa. Tem um quarto de hora para se preparar.

À pressa, mudei de sapatos e de batina e lá fomos os dois para Díli, onde passei alguns dias. Quando voltava para casa, a pé, ao atravessar uma rua, vi um carro parar à minha frente e o motorista sair e convidar-me a entrar.

— Muito obrigado! — respondi.

— Foi a senhora que mandou.

Dirigi-me a ela, para lhe agradecer a atenção e dizer-lhe que não era necessário desviar-se do seu caminho porque a Missão era perto, mas a senhora disse:

— Quando estiver na sua Missão, terá tempo de fazer sacrifícios. Agora, aproveite a oportunidade de ser levado para casa.

— A quem tenho a honra de agradecer tal atenção? — perguntei.

— Sou a senhora Serpa Rosa.

Era a esposa do senhor governador Serpa Rosa. Este facto comoveu-me e prova que o missionário não anda só; que há quem se interesse por ele, quem admire e saiba apreciar a sua acção entre os indígenas.

Poderia apresentar outros casos semelhantes, mas julgo que estes são suficientes para provar o que disse.

Agora, caríssimo leitor, pode começar a ler um ou dois capítulos de cada vez; mais não, para não se cansar. Mesmo que não lhe agradem, continue a ler, ao menos para mostrar que tem força de vontade.

# CAPÍTULO I

*O velho da montanha — Água sagrada — Os «nipon» castigados — O Savarica*

— «Tapa afi natchuno capar pai»; não estragueis as nossas coisas.

Foram estas as palavras que ouvi, ao observar um charco, «lóri» na língua dos naturais, alimentado por três fontes que, na época das chuvas, ali despejam as suas águas.

— Quem é aquele velho? — perguntei aos rapazes que me acompanhavam.

— É ele, senhor; é ele!...

— Ele, quem?

— Ira Iotchava; o dono das águas destas fontes e de toda esta terra.

Voltei-me para o velho, e disse-lhe, na sua língua:

— «Ira nava» (quero beber água).

— Bebe da Tchenira, aquela além — disse o velho, em tom autoritário, apontando para a fonte que estava perto dum gondão, e da qual os outros bebiam.

— Não! Bebo desta! — retorqui.

— Oh, senhor, dessa não. Dessa não.

— Porquê?

— É água sagrada! — respondeu o velho, muito aflito.

— Pois é mesmo desta que quero beber.

— Se bebe dessa água, incha-lhe a garganta...

— Não importa.

— Incha-lhe, também, a língua e o pescoço.

— É o mesmo!

— Se bebe dessa água, morre.

— Não tenho medo; queres ver?

— Oh, senhor!... Oh, senhor!... — repetia ele, aproximando-se até à beira da água, enquanto eu descia, tranquilamente, por umas pedras dispostas em degraus, até à fonte.

Pus-me a beber, com toda a naturalidade, ante o assombro do velho, que parecia não acreditar no que observava. De boca aberta, ora olhava para mim, ora para os rapazes que me acompanhavam; e, ao ver-me levantar, todo satisfeito, com o à-vontade de quem nada teme, e ir sentar-me à sombra, disse para um dos rapazes:

— Bebeu da Utchanira!... Porque não bebeu ele da Tchenira?

— Para o «maartei» [1] é tudo igual! — respondeu o moço.

— Pois olha — continuou o velho —, ninguém, até agora, bebeu desta água que não fosse castigado imediatamente. Quando os «nipon» aqui chegaram pela primeira vez, dois deles atreveram-se a beber desta água, como o «malai» [2], sem darem importância às minhas recomendações. Eu mesmo vi inchar-lhes a língua, a garganta e a nuca; antes de o Sol se pôr, já tinham morrido (ao dizer isto, indicava o lugar onde os companheiros os tinham incinerado e recolhido as cinzas) e, à noite, as suas almas andavam amarradas a um porco bravo, e nunca mais encontrarão os parentes.

— O «maartei» não tem medo de nada.

— Mas bebeu da Utchanira.

— Para ele, todas as águas são iguais.

— «Ira tei»!... É água sagrada.

— Ele não tem medo de nenhum dos «teis» que há em Timor.

— Pois se um de nós bebesse desta água, já teria a língua e a garganta inchadas e, amanhã, a alma estaria atada a um porco, como as dos «nipon», para ser entregue ao diabo, que a faria acarretar pedras enquanto estas fontes dessem água. No

---

(1) «Maartei» — Pessoa sagrada, sacerdote.

(2) «Malai» — Estrangeiro; senhor estrangeiro.

entanto, o «malai» está como dantes!... Isto é incrível!... Nunca vi coisa semelhante.

Nisto, uma nuvem encobriu o Sol e uma aragem fresca do sul deu sinal de que se aproximava chuva. O nosso velho, alquebrado e trôpego, apoiado a uma estaca que lhe servia de bengala, observou as nuvens, farejou o ar e, voltando a olhar para as fontes, dirigiu-se para o mato, desaparecendo na floresta, depois de ter recomendado ainda:

— O «malai» que beba da outra água.

Este velho era, na realidade, o dono das fontes sagradas, senhor do planalto de Tchiáru, minúsculo estado de apenas alguns quilómetros quadrados e cuja autoridade ninguém lhe contesta. É pai duma numerosa prole que vive nas aldeias vizinhas, onde se estabeleceu, por ordem da autoridade local, depois da retirada dos japoneses. É o homem mais respeitado da região, e contam-se coisas fantásticas a seu respeito. Nunca mais foi a Fuiloro, depois da chegada do Savarica [1].

---

[1] Savarica, que significa Escorpião, é o nome por que é conhecido o grande Celestino da Silva. Quando ele ocupou esta parte da ilha, operação a que os naturais chamam a *vinda do Savarica*, foi tal o terror que se apoderou dos indígenas que fugiram para os montes e lá viveram em cavernas, sem se atreverem a sair desses esconderijos. Possuído, ainda, desse temor, o rei de Nári retrata-o como sendo um homem corpulento e preto (moreno) que andava sempre de espingarda a tiracolo, espada na bainha e pistola no bolso e que, apenas via um timor, o corria a tiro.

Parece que, nessa ocasião, um chefe local, que se tinha

É um personagem misterioso, rei e patriarca de Nári, depositário duma tradição milenária que se tem mantido inalterável através dos séculos. Segundo essa tradição, ele seria nada menos que descendente directo de Noé, com todas as prerrogativas a que tal ascendência lhe dá direito, acrescentadas com as dignidades de sumo sacerdote da Grande Serpente, guarda das fontes sagradas e dos «teis» de Nári, e executor único dos ritos sagrados, que só ele sabe e pode fazer, com pleno assentimento dos habitantes de Tchiáru e temor dos habitantes das aldeias vizinhas. Não é um [illegible] ou impostor, como alguém poderá pensar, mas um homem convicto das suas crenças, que acredita em

---

submetido às autoridades, as atraiçoou assassinando [illegible] dados, o que teria provocado uma forte reacção e um [illegible] militar que causou o terror de que ele fala.

Um rapaz, nosso catequista, conta que um [illegible] era um dos mais afamados heróis dos últimos [illegible] ocupação de Celestino. Mesmo depois da ocupação, [illegible] suas proezas, matando e queimando, como dantes. A sua [illegible]gância era tanta, e tinha tanta confiança em si [illegible] aparecia no bazar (mercado) de Fuiloro.

Advertido de tal, o chefe do posto mandou [illegible] dê-lo. Ao ver-se preso, aproveitou o descuido de um [illegible] um punhal, matou-o e fugiu. O chefe mandou [illegible] toda a família, ameaçando matá-la se ele não se [illegible] Como gostava muito da sobrinha, que também [illegible] solveu apresentar-se. Foi desterrado para Díli, [illegible]

Os timores, depois, vendo que os portugueses [illegible] mal algum começaram a aproximar-se das autoridades, [illegible] os impostos e a depor as armas, a ponto do [illegible] pletamente integrados na ordem estabelecida.

Deus e confia, cegamente, nos seus «teis», como toda a parte da população de Timor que ainda vive nas trevas da ignorância, Reconhece a sua categoria e dignidade mas nunca se serviu delas para fazer mal aos outros, e exerce sobre os seus súbditos uma autoridade patriarcal,

Antes da ocupação japonesa possuía muitos búfalos, cavalos, cabras, ovelhas e outros animais; mas tudo isso, segundo ele diz, os «nipon» requisitaram a troco de cédulas que nada valiam, deixando-o na maior penúria. A sua família foi muito prejudicada durante a ocupação, vindo daí o seu ressentimento, ao falar-se de tal assunto.

É pessoa que poderia dizer e revelar muitas coisas das tradições conservadas avara e religiosamente na família, mas, como isso é «tei», receia atrair sobre si e todos os seus as iras e maldições das almas dos parentes. Por isso não comunica nada seja a quem for, excepto aos filhos e, dum modo especial, àquele que lhe há-de suceder.

O próprio Telucoro, o filho que escolheu para seu sucessor, apesar de já ser cristão, ainda teme revelar tudo quanto sabe, e mesmo o que me tem dito é em grande segredo, para que ninguém o oiça e vá provocar as almas dos parentes mortos que se banham nas fontes sagradas: tal é o poder que exercem sobre esta gente a superstição e o temor de ser castigada pelas almas dos antepassados.

## CAPÍTULO II

*O rei de Nári — Seu nascimento — A Lingua — Deformidade ou signo*

O velho que víramos internar-se na selva era pois o Perecoro: o rei e patriarca de Nári. Este Estado é o mais pequeno, o mais antigo e o mais conservador de todos os que existem.

É o mais pequeno porque compreende apenas uma minúscula extensão de terra encravada no planalto de Tchiáru, na parte oriental de Timor, em frente de Kom; o mais antigo, porque a sua origem remonta, segundo a lenda, ao próprio Noé, que foi o seu primeiro patriarca; o mais conservador, porque continua a reger-se, desde a origem, pelo sistema patriarcal.

As monarquias de Nínive e Babilónia contaram a sua existência por milénios e, hoje, apenas existe o lugar das suas ruínas; o Egipto conta por cente-

nas os nomes dos reis das suas dinastias mas quase se perde da memória a data em que se deu o desaparecimento do seu esplendor; a China, que se vangloriava dum império de cem mil anos de existência, ignora hoje o paradeiro do último imperador; o Japão, cujos imperadores se dizem descendentes do próprio Sol, tem sofrido profundas transformações no seu sistema de governo; mas Nári ainda se conserva como no princípio da sua existência. Passou Mênfis com os seus sacerdotes, Jerusalém com os seus profetas, Roma com os despojos do Mundo... mas Nári continua tal qual como na sua origem. Formaram-se impérios que desapareceram na voragem dos séculos, mas Nári, na sua pequenez e humildade, vai sobrevivendo a todas as grandezas terrestres e aos cataclismos que têm assolado o Mundo.

Perecoro, o vástago actual de uma série incontável de gerações que descende do próprio Noé, ou Maupé, como eles dizem, nasceu em 1863, em Nunutchéno, e é filho de Mácoro e Lalutchai. Este personagem misterioso, espécie de melquisedeque de Timor Oriental, vive no planalto de Tchiáru, que é uma terra isolada do convívio exterior, rodeada de densas selvas e pedregais quase intransitáveis, cobertos de vegetação que, se não impossibilitam o acesso, o tornam bastante difícil e incómodo, sendo quase heroísmo penetrar nesse labirinto de carreiros que nos levam de Fuiloro a

Tchiáru e onde, segundo dizem, nenhum europeu conseguiu penetrar.

Conta Telucoro, filho do rei, que, quando este nasceu, era tão débil que tiveram de envolvê-lo em sumaúma para o proteger, e, ainda mais extraordinário, tinha cabeça de serpente [1].

No entanto, este facto alegrou a família, que viu ali uma prova da alta estima que o «tei» protector tinha por eles, visto que, sendo o pai sacerdote da Grande Serpente, julgaram que era ela quem lhe dera um filho com a cabeça daquela forma.

A criança foi crescendo, rodeada de cuidados, e, à medida que se tornava mais forte, a cabeça ia tomando a forma normal que tem hoje, restando apenas uma cicatriz na fronte, lugar em que, segundo diz, tinha anteriormente a boca. Este facto extraordinário deu mais valor ao «tei» da família e tornou-o mais venerado ainda.

Ficou órfão de mãe quando era ainda muito criança, mas isso, para um timor, é coisa de pouca importância porque a mãe não tem grande influência na educação dos filhos.

Ainda não tinha vinte anos quando lhe morreu o pai, que era já muito velho, de modo que, desde muito novo, se viu revestido da dupla dignidade de senhor e sacerdote único de Nári.

---

(1) Pela maneira de dizer, dá a entender que nasceu antes de tempo, com a cabeça deformada e semelhante à duma cobra.

Fala o «fata-luco» — que significa língua da região — conhecido oficialmente por «dágádá», nome impróprio que, além de não significar coisa alguma, é uma expressão depreciativa que os povos vizinhos empregam para troçar dele. (Como não pronunciam bem os sons D e G, provocam-nos a dizer, depressa, «dágádá! dágádá! dágádá!», que eles reproduzem: «tácátá! tácátá! tácátá!»). É uma das línguas mais difíceis de Timor, completamente diferente do «tétum», mas talvez mais lógica, mais expressiva e mais rica. Fala-se na maior parte da circunscrição de Lautem e é um pouco parecida com as línguas dos postos de Iliômar e Luro. Apresenta a curiosidade de o verbo estar sempre no fim da frase, como no latim ([1]).

---

([1]) O rei de Nári, assim como os timores desta região, não tem noção do que seja linguagem escrita nem se encontra, entre eles, o menor vestígio duma cultura desaparecida. No entanto, consegui recolher algumas composições poéticas parecidas com as poesias hebraicas, isto é, uma espécie de dísticos emparelhados, exprimindo a mesma ideia em cada verso, e mudando apenas uma ou outra palavra, como nalguns salmos de David.

Por exemplo:

«Eru pári máunu» — já vem o vento do norte e a penúria.
«Zai pári máunu» — já vem o vento do norte e a fome.

Ou então:

«Inil en sais» — tem compaixão de nós.
«Inil en etes» -- tem misericórdia de nós.

E ainda:

«Hai rau possaines» — já não há compaixão.
«Hai rau po etenes» — já não há misericórdia.

Estas composições poéticas são, quase todas, de carácter

Apesar dos instintos guerreiros que herdara dos antepassados, era amigo da paz e evitava entrar nas lutas e contendas em que os vizinhos andavam sempre envolvidos. Isto não o impediu de tomar parte numa guerra, a fim de vingar uma ofensa feita à família e de que resultou a destruição de seis aldeias com os respectivos habitantes, e de que, hoje, apenas se conhecem os nomes; os homens velhos ainda indicam os lugares onde essas aldeias existiam.

Como medida de segurança, quando Celestino da Silva ocupou definitivamente a ilha de Timor, obrigou os indígenas a construir as aldeias perto dos postos administrativos, ou em lugares onde pudessem ser fiscalizados. O Perecoro, porém, nunca saiu de Nári nem foi denunciado, tal era o respeito que a todos infundia.

---

religioso e empregadas em várias ocasiões, como nas cerimónias anteriores a uma guerra, na erecção dum «tei», na encomendação dum morto e na «lónia» para conhecer a causa das doenças.

O sistema de numeração é decimal, como o nosso, desde um até milhões mas com palavras próprias. Não sabem fazer a representação gráfica dos números e ouvi um velho dizer que para contar os anos duma pessoa penduravam uma cabeça de cabra numa árvore, por cada ano que passava. Quando queriam saber a idade da pessoa iam contar as cabeças.

Um velhote que vinha trazer leite à Missão, para não se esquecer do número de vezes que cá vinha, trazia um cordão no qual fazia um nó de cada vez que chegava, e sabia desse modo, quantas vezes viera trazer o leite.

Apesar disso, pagava o seu imposto com regularidade, o que pouco lhe custava, visto ter muitos búfalos e cavalos que constituíam a sua maior riqueza, assim como a dos povos que habitam esta região.

Hoje, vive com a segunda mulher e o filho e filha mais novos; está pobre, sem gado, pois de tudo o desapossou o monstro da guerra, que não perdoa a novos nem a velhos. Vive do milho que a mulher e os filhos cultivam, mas resigna-se com fé em Deus e nos seus «teis». Alguns dos filhos e netos são já cristãos e, como parece simpatizar com a nossa doutrina, não deve estar longe o dia em que ele abrace o Cristianismo.

# CAPÍTULO III

## *Descobrimento de Nári*

Um dos mais valiosos elementos da Missão de Fuiloro foi o irmão salesiano José Ribeiro, verdadeiro descobridor do reino de Nári, parcela do Império até então desconhecida.

Este irmão, depois de dar aulas e catequese a mais de cem rapazes, para esquecer as saudades da Pátria, ou para fazer surpresa à comunidade, pegava na espingarda, embrenhava-se na selva e, de vez em quando, trazia de lá um pombo, uma rola ou alguma codorniz, que, em certas épocas, abundam nesta região. De outras vezes ia até umas lagoas formadas pelas águas das chuvas onde os patos, que também são abundantes, costumam estacionar nas suas migrações, e não raro trazia algum.

Era dotado de grande facilidade para aprender a língua dos naturais e do condão de saber en-

tender-se com os rapazes. Por isso, os indígenas têm por ele grande estima e veneração, prontificando-se a acompanhá-lo, sobretudo nas saídas à caça.

Numa dessas excursões, não tendo conseguido ver um único pato, voltava para casa aborrecido e silencioso, quando um dos rapazes, como a desculpar-se do insucesso, lhe disse:

— Os patos fugiram para Nári, senhor.

— Para Nári? Onde fica isso?

— Acolá, senhor!... — e apontava uns montes, na direcção do mar.

— Naquela serra?

— Sim, senhor. Há muitos patos nas lagoas, muitos veados e porcos bravos. Se quiser, vamos lá, qualquer dia.

O garoto que falava era Punulóri, parente de Perecoro, e que, durante a ocupação japonesa, tinha habitado junto do velho, conhecendo a palmos aqueles lugares vedados a estranhos.

Não sei por que motivo Perecoro ameaçava os habitantes das aldeias em torno de Tchiáru de lhes tirar a água se fizessem algum desacato aos seus «teis», reconhecidos como os mais poderosos e terríveis, sobretudo a Grande Serpente. O facto é que os chefes dessas aldeias, antes de utilizarem essas águas, fazem sacrifícios aos «teis» para que lhes conservem um tão precioso líquido.

Devido à configuração do terreno no planalto

de Tchiáru, as águas não têm escoadouro e, na estação das chuvas, infiltram-se no terreno ou formam as pequenas lagoas de Foé-Ira e de Nári; daí a afirmação de Perecoro de que as águas são suas, e que bastaria invocar os seus «teis» para privar delas as aldeias, secando-lhes as fontes.

Junto dumas pedras havia, perto de Fuiloro, uma nascente donde jorravam as águas para os arrozais; depois da guerra, só uma vez essa fonte deitou água, secando pouco depois e fazendo secar as culturas de arroz. Os indígenas atribuem o caso à obra de Perecoro, que consideram seu inimigo e que lhes teria tirado a água, por meio dos seus «teis», deixando-os sem arrozais.

Este facto e outros semelhantes criaram tais prevenções que, dizem os adversários, *de Tchiáru, nem pedir nem receber.*

Deixando esta divagação, voltemos ao assunto:

O irmão Ribeiro combinou com alguns rapazes ir visitar os famosos lagos e, num domingo, depois da missa, puseram-se a caminho.

A manhã estava quente e abafada mas a natural animação dos garotos, o que uns e outros diziam, o que tinham ouvido os pais contar a respeito da terra, tudo envolvido num ar de mistério, fazia-lhes esquecer o calor [1].

---

[1] Os rapazes iam com o irmão Ribeiro e o Punulóri, com curiosidade de ir ver o misterioso reino que nenhum timor ousa

Deviam estar a meio do caminho quando um dos garotos disse, com a maior naturalidade:

— Senhor! Vou apanhar um coco para ti.

— São teus? — perguntou o irmão Ribeiro.

— Não! Mas, para o «malai», ninguém diz nada.

Começou a subir ao coqueiro e, chegado ao cimo, apanhou dois cocos, em vez de um; claro que o segundo era o pagamento do trabalho de ir apanhar o primeiro. Tentaram abri-los, à sombra duma árvore, e, quando o Punulóri começava a cortá-los com uma catana, ouviu-se uma grande restolhada no mato.

— Vaca [1], senhor, vaca! — exclamou um rapaz.

Levantaram-se todos e, cautelosamente, dirigiram-se a uma clareira coberta de pasto alto, no meio da mata. O irmão Ribeiro subiu a uma rocha a observar e, do outro lado, a cerca de cinquenta metros, viram um grande veado que parecia espiar o movimento do inimigo, caminhando vagarosamente, com a cabeça levantada para ouvir o latido

---

devassar, se não for parente de Perecoro. No entanto, a companhia do «malai» animou-os e, com ele, guiados por Punulóri, ousaram penetrar naqueles lugares que nunca tinham palmilhado antes, porque as mães, logo que eles chegavam ao uso da razão, lhes recomendavam que, de Tchiáru, não aceitassem nem pedissem uma gota de água; tal o horror que tinham à região.

[1] Veado.

dos cães que lhe seguiam o rasto. De repente, um tiro certeiro derrubou-o, com grande algazarra e alegria da garotada, que correu para o lugar onde caíra. Mal chegaram junto dele, levantou-se e fugiu, indo tombar um pouco mais adiante, onde um segundo tiro acabou de matá-lo.

Cortaram um pau, arranjaram uma corda silvestre com que ataram as patas do animal e, sem pensarem em mais nada, voltaram para a Missão, carregando o veado a pau e corda, esquecidos dos cocos, dos patos e de Nári.

Diz o ditado que o *comer e o coçar, tudo vai do começar*. Do mesmo modo, eu diria: o *comer e o caçar, tudo vai do começar*. No domingo seguinte lá voltou o irmão Ribeiro a encaminhar-se para Nári, acompanhado de um bando de rapazes e de mais um irmão salesiano, na esperança de abater, não já alguns patos, mas dois ou três veados.

Chegados ao lugar onde os cocos tinham ficado, e que ainda lá estavam, um dos rapazes abriu-os e beberam-lhes a água. Comentou-se, *in loco*, o caso do veado e, como não aparecia outro, continuaram o caminho para Nári. Ainda não tinham percorrido um quilómetro, e já o latir dos cães assinalava a presença de caça grossa. Tomaram-se posições, fez-se silêncio, e Ribeiro, de cima duns penedos, viu sair da selva três veados que fugiam aos cães. Mal os viu, fez pontaria e disparou.

O berro dum animal foi o indício de que o tiro o tinha atingido. Correram todos e, durante algum tempo, seguiram o rasto de sangue que o veado deixara. Nisto, uma nuvem em que ninguém tinha reparado descarregou sobre eles uma bátega de água das que parecem um dilúvio e, deste modo, perderam a pista do bicho ferido e desistiram de o procurar. Tiveram de voltar para casa, molhados, cheios de cansaço e aborrecimento. Quem fez a festa, no outro dia, foram os indígenas que acharam o veado.

A tentativa de chegar a Nári, começada sob tão bons auspícios, tornara-se quase trágica com a perda do veado, a molha que parecia ter-lhes repassado os ossos, e a arrelia sem igual que só um afeiçoado ao desporto da caça pode apreciar devidamente.

Apesar de tudo, ninguém desistiu de alcançar Nári, para contemplar os lagos encantados dos cimos de Tchiáru.

Algumas semanas depois, refeito do desaire, Ribeiro fez nova tentativa para chegar à meta desejada. Era uma manhã de domingo, relativamente fresca e com bom tempo. Depois da missa e de uma aula de catequese pôs-se, de novo, a caminho de Tchiáru com a sua comitiva.

Bem longe estava ele de supor que ia descobrir o misterioso reino de Nári, conhecimento muito mais precioso do que todos os veados de Tchiáru.

Atravessaram caminhos, florestas e pedregais intermináveis; trilharam carreiros mais próprios de cabras que de seres humanos; transpuseram novos bosques, qual deles mais bravio; galgaram clareiras cheias de alta pastagem e escalaram o último planalto, coberto de vegetação luxuriante. Aí, o guia disse:

— Quando passarmos aquela mata já poderemos ver os lagos.

Efectivamente, depois daquele bosque, que parece ter mais rochas do que árvores, onde as pessoas têm de andar em ziguezague, em busca de passagem, dando a sensação de que se percorre o mesmo caminho por duas vezes, não deixa de ser agradável ir encontrar, lá no cimo, um terreno plano coberto de pastagens e lagos onde os búfalos e cavalos de Perecoro vagueiam em liberdade edénica.

A pequena comitiva chegara a Foé-Ira (prado com água). Ao verem os importunos aventureiros, os patos que ali estavam nos lagos levantaram voo e desapareceram. Como iam com sede, os viajantes foram às fontes sagradas e sentaram-se, enquanto um rapaz subia a um coqueiro e apanhava alguns cocos para o «malai». Quando deitou os frutos para o chão ouviram-se gritos de alarme e apareceu um escravo de Perecoro que, ao ver o «malai», se meteu no mato, não tardando a aparecer o próprio rei, de catana na mão, a investigar quem era o atrevido

que ousara violar a sua propriedade. Nunca pessoa alguma se tinha atrevido a tanto.

Cautelosamente, foi-se aproximando do grupo e viu um dos netos a conversar com o «malai». Ficou desarmado e limitou-se a dizer que, se quisessem água, bebessem da Tchenira, e que, se quisessem mais cocos, os podiam apanhar. Depois, sem mais palavras, meteu-se no mato e desapareceu.

Estava descoberto o reino de Nári, minúsculo e misterioso estado de que não se conhecia pormenor algum.

O guia contou, então, a história das fontes sagradas, mostrou o gondão sagrado e as pedras em que se tinham transformado um cão e um porco, por terem passado pelas fontes. No extremo da clareira estava o maior dos lagos de Nári, outrora habitado por jacarés, que, devido à falta de água, desapareceram, para sempre, o que foi tomado como mau agoiro.

Depois de observar tudo, o irmão Ribeiro voltou para casa, de mãos vazias, sem patos nem veados, mas trazendo notícias preciosas acerca de Nári e do misterioso velho da montanha, notícias essas que provocaram em mim o desejo de ir vê-lo, falar-lhe e conhecer a sua vida, coisa que só mais tarde vim a conseguir por intermédio do filho.

## CAPÍTULO IV

### *Prole do rei de Nári*

Um dos motivos de orgulho do rei de Nári é a numerosa prole com que Deus — cujas manifestações ele reconhece, de modo imperfeito, nos seus «teis»—o brindou. Chegou a ter dezanove filhos de ambos os sexos, o que não é vulgar nestas terras em que a população vai decrescendo por efeito da mortalidade na infância, causada pela falta de cuidados e de higiene. Se atendermos a que só teve duas esposas ([1]) e que as famílias são, geralmente, pouco numerosas, vendo-se bastantes casais sem filhos, pode dizer-se que o seu caso é extraordinário.

---

([1]) Os pais compram as esposas para os filhos a troco de búfalos e brincos de ouro. Houve quem desse 500 búfalos por uma rapariga e tantos brincos quantos couberam num fio desde o extremo da mão estendida até ao esterno. Ter muitas esposas é sinal de riqueza e de dignidade.

O Telucoro é um dos filhos mais novos; nasceu quando o pai já tinha mais de sessenta anos. Por isso, e pela dedicação que tem ao rei, tornou-se o seu predilecto: quando o pai viu a indiferença dos mais velhos para com os seus «teis», resolveu deixar Telucoro como seu sucessor na dignidade sacerdotal e dar-lhe o encargo de velar pelos «teis» de Nári.

O primogénito deu tantos desgostos ao pai, que este esteve a ponto de o considerar espúrio e de o mandar para casa da avó materna.

Quando Celestino da Silva ocupou definitivamente esta região, que nunca fora dominada antes, abriu uma escola em Lautém para a instrução dos naturais. Perecoro mandou para lá o filho mais velho, Zémalai, que não aprendeu a ler nem a escrever ou a falar português. Em vez disso aprendeu a jogar com os chineses, que lhe iam ganhando os cavalos que roubava ao pai.

O rei procurou uma esposa para o filho e este quis casar-se com a rapariga antes do tempo combinado. O sogro opôs-se e o rapaz voltou a tirar um cavalo ao pai indo para os lados de Luro, onde o trocou pela filha dum escravo e casou com ela. Este facto foi um escândalo para a família e obrigou o pai a «barlaquear» (1) outra mulher mais de acordo com a sua condição e com a qual se casou.

---

(1) «Barlaque» é a discussão do contrato nupcial.

Um ano depois casou-se com a que o pai lhe tinha arranjado antes e ficou em casa com as duas mulheres.

Poder-se-á perguntar o que foi feito da filha do escravo. Levou-a para Lautém, jogou-a com um chinês, perdeu-a e ficou o caso arrumado.

Depois destes desgostos, o rei começou a pensar no Telucoro para lhe suceder no sacerdócio e no conhecimento dos mistérios que, através dos séculos, vinham sendo transmitidos de geração para geração. Escolheu-o para ser o depositário inviolável dos segredos conhecidos apenas pela sua família, desde o início dos tempos, não devendo revelá-los a mais ninguém, sob pena de atrair sobre si todas as desgraças e a maldição das almas dos parentes que se banham nas fontes sagradas.

De todos os filhos de Perecoro, o Telucoro é o menos elegante. Se quiséssemos atender à sua beleza física, pouco se lhe aproveitaria: é mais escuro do que os outros irmãos, tem uma grande cicatriz na cara e um ar sério de poucos amigos. Os outros irmãos são tipos elegantes, de feições regulares e olhos castanhos, com traços de tipo europeu.

Todavia, para os timores, a beleza e elegância pouca importância têm na vida prática. As mulheres querem-se trabalhadeiras, muito obedientes, que saibam estar em casa, fazer a comida, cuidar dos filhos e que, na altura devida, semeiem o milho.

arranquem as ervas, e não deixem que os macacos, porcos e cacatuas — que são os devastadores das plantações — entrem nas hortas. Ainda se requer que saibam trazer a colheita para casa. Deste modo, o pai pode explorar as qualidades da rapariga na combinação do casamento, mesmo entre dois jovens de igual posição.

Os homens procuram a que mais lhes convém, dentro da sua classe, atendendo sempre aos búfalos e cavalos de que possa dispor. Como são os pais que combinam os casamentos dos filhos e estes são meros instrumentos passivos em tal assunto, normalmente conformam-se com as determinações paternas.

O casamento entre os timores está longe do casamento que nós conhecemos nos países que vivem cristãmente, porque a mulher é um mero instrumento económico e apenas como tal é considerada.

O que narrámos atrás habilita-nos a compreender algumas passagens desta história verdadeira do rei e patriarca de Nári e a razão por que o Telucoro foi escolhido para lhe suceder como sacerdote da Grande Serpente e guarda das fontes e bosques sagrados.

Ele mesmo me revelou parte do que relato sobre a origem da sua família.

# CAPITULO V

*Nári — Foé-Ira — Nunutchêno — Poitchina ou Máapóto — Cova das cabeças — Curiosos nomes dos meses*

Nári, que na linguagem dos naturais significa lugar de ais ou gemidos, está situado, como já se disse, num planalto. Esse planalto tem 600 metros de altitude e faz parte da cordilheira que vai de Lautém à ponta de Tutulala, sobranceira ao mar, e aí se liga à serra de Môa-Pitini (terra branca), enorme baluarte de 1200 metros que se ergue, altivo, a receber o primeiro beijo do sol... — *Que o sol logo em nascendo vê primeiro.*

As regiões mais importantes deste minúsculo estado são: Nári, residência do rei e pequena capital que dá o nome ao reino; Nunutchêno, nome de trepadeira que parece significar *local onde se agarrou* e está numa pequena elevação dominando a planície que lhe fica vizinha. Neste lugar, segundo a tradição, refugiaram-se os únicos sobreviventes

do Dilúvio Universal, que depois repovoaram a Terra; existem lá, ainda, sepulturas da família do rei e a única arequeira da região, árvore sagrada que todos veneram.

Os outros lugares são Foé-Ira (prado de água), planície ao sul que, como o nome indica, se enche de pequenas lagoas na estação das chuvas, e, por último, Poitchina (clareira ou planície), lugar sem árvores e coberto de pedras e ervas, também conhecido por Máapóto (lugar das cabeças), que fica no extremo leste do estado. Aqui existe uma cova para onde os reis de Nári atiravam as cabeças dos inimigos vencidos, depois de as esfolarem e de lhes retirarem os miolos.

O neto do rei disse-me que a cova estava cheia de cabeças cobertas da terra e das folhas que lhes iam caindo em cima, mas eu só lá encontrei três crânios que não devem ser muito antigos.

O clima é temperado e benigno, não havendo mais calor do que o normal durante a Primavera da Metrópole; as chuvas são suficientes para a criação do milho, principal alimento dos naturais, assim como para manter os pastos para os rebanhos. Pode dizer-se que há quatro estações, determinadas por dois períodos de chuva e pelas estiagens que se lhes seguem.

Em cada uma das estações de chuvas há um vento predominante: na primeira, de Dezembro a Fevereiro, época das trovoadas, sopra de norte e

noroeste; na segunda, de Maio a Setembro, predomina o vento de sul ou sueste.

Como curiosidade, escrevo os nomes que os naturais dão aos meses:

— Janeiro (*Pailororo*) — mês das trovoadas.

— Fevereiro (*Massuluro*) — mês do primeiro sacrifício do milho.

— Março (*Metchiúro*) — mês em que aparece um peixe no mar, muito delgado e com cerca de um metro de comprimento.

— Abril (*Tchaileto*) — significa: o mês depois; o mês que segue.

— Maio (*Sacáru*) — mês em que aparece no campo uma flor branca como o lírio.

— Junho (*Vatassa*) — folha de coqueiro, significando que há pouca chuva.

— Julho (*Mátchu*) — nome duma fruta do tamanho dum melão pequeno, fruta-pão.

— Agosto (*Ulupá*) — mês das cinzas, pois é nele que fazem as queimadas.

— Setembro (*Élua*) — ainda faz frio; ainda se vêem, de manhã, as fogueiras.

— Outubro (*Párir Moco*) — calor pequeno; começa o calor.

— Novembro (*Párir Lafai*) — calor grande; terra quente.

— Dezembro (*Saca-Sacalainu*) — muito calor; tudo seco.

Os principais produtos agrícolas que se culti-

vam na região são: o milho, a mandioca, o feijão--frade, a batata-doce, a abóbora, os cocos, as papaias, as bananas e ainda algum algodão bravo com que as mulheres fazem tecidos.

Devido à guerra, os muitos cavalos e búfalos que existiam ficaram reduzidos a quase nada; todavia, nas selvas vizinhas, ainda abundam os veados, cuja caça, quando havia livre autorização de usar armas de fogo, constituía a diversão favorita do rei e da sua gente, vendo-se ainda nalguns lugares os esconderijos de pedra de que se serviam nas esperas.

A superfície do estado não vai além de uma dúzia de quilómetros quadrados mas, como está cercado de selva e terrenos áridos e pedregosos, que são a causa principal do seu isolamento, é pouco visitado e quase se considera terra de ninguém.

O terreno de Fuiloro até Tchiáru dá a impressão duma enorme escadaria formada por vários planaltos sobrepostos, de modo que quem quiser ir lá acima tem de escalar ladeiras, atravessar os planaltos cobertos de pedras, ervas e mato.

Depois de descrever, ainda que imprecisamente, o reino de Nári, é altura de passar a relatar o que estas gentes pensam da criação do Mundo, da aparição do homem sobre a Terra, da sua expulsão do Paraíso e doutros assuntos sobre os quais as suas ideias são interessantes.

## CAPÍTULO VI

*Criação do homem — Fruto proibido — A Ceitáru, trepadeira gigantesca*

A Bíblia diz que foi do barro que Deus formou o homem, à sua imagem e semelhança.

É surpreendente que o rei de Nári, senhor de uma tradição que não se sabe donde veio, diz quase o mesmo quanto à criação do primeiro homem, mas sem se referir à primeira mulher. Segundo a sua versão, no princípio a Terra era completamente escura e cheia de trevas — «môa tchauvele aúfu coune» — e era barro só, só — «hoco hala, hala». Não havia animais, nem aves, nem plantas de espécie alguma. Ora Deus veio à Terra e, vendo tanto barro, lembrou-se de fazer um homem, mas, como não queria que ninguém visse como o fazia, foi numa noite escura e sem luar que pegou numa porção de barro, modelou-a em forma de homem, deu-

-lhe uma alma e pô-lo num lugar onde nada lhe faltava para viver feliz e contente.

Não diz nada acerca da criação da primeira mulher, talvez por lhe parecer desnecessária tal menção como coisa natural e evidente, sem a qual não se pode conceber a existência da humanidade.

Andavam completamente nus — continua a versão — e explica o facto por não saberem tecer panos — «lau uta» — nem haver quem os vendesse. A Terra estava cheia de árvores de fruto com que se alimentavam, sem necessidade de trabalhar. Havia, no entanto, uma árvore chamada «capulai», cujo fruto Deus os proibira de comer.

A «capulai» é uma árvore pequena, como a amendoeira, de ramos espinhosos e folhas miúdas como as da silva. Dá um fruto semelhante à cereja mas com o caroço maior e cuja polpa farinhenta é comestível. É muito abundante nas planícies e aumenta de dimensões nas proximidades do mar.

A narração prossegue dizendo que havia nesse lugar uma serpente, chamada «Aca», que convenceu o homem a comer o «capulai-mana» — fruto da «capulai» — o que ele fez, desobedecendo ao preceito divino. Ainda tentou deitar fora o fruto comido, apertando a garganta com as mãos, mas não lhe foi possível vomitá-lo, formando-se aquilo a que nós chamamos maçã de Adão e que eles designam por «cocol-cáfu», «capul-cáfu» ou «rau-mana-cáfu».

Há uma versão que afirma ter sido a Lua, e não a serpente, que enganou o homem, induzindo-o a comer o fruto da «capulai». Seja como for, a desobediência teve o seu castigo.

Afirmam que, naquele tempo, havia muita comida e o homem não precisava de trabalhar para ganhar o seu sustento. No entanto, depois de comer o «capulai-mana», Deus castigou-o e deu-lhe uma catana [1] para trabalhar, pois só assim conseguiria alimentar-se, e um cão para seu companheiro na vida. É por isso que não se vê um timor que ande sem catana e sem o inseparável cão.

Ainda, segundo a mesma narração, a «ceitáru» — trepadeira que chega a atingir cem metros de comprimento — chegava até ao céu e, se alguém quisesse ir para lá, não tinha mais do que subir; quando o homem comeu o fruto a trepadeira partiu-se e, agora, é impossível sair deste mundo antes de morrer.

Parece que já havia mais gente no Mundo quando o primeiro homem comeu o fruto da «capulai».

Agora, quando as autoridades os querem tornar úteis e os obrigam a trabalhar, se bem que o trabalho seja remunerado, com a extrema repug-

---

[1] A catana é a única ferramenta do timor. Serve para tudo: para cortar, para trabalhos do campo, para caçar e para se defenderem e atacarem uns aos outros.

nância que, mais do que qualquer outro oriental, sentem pelo trabalho, lastimam-se entre eles, dizendo: «Se o avô não tivesse comido o «capulai-mana» não seríamos obrigados a suportar estes trabalhos que tanto nos custam».

Continuam, então, a labuta, no fatalismo inevitável de sofrer as consequências do pecado cometido pelo avô, e como isto foi sempre assim, assim há-de continuar até à morte, sem remédio algum.

O rei não sabia, ou não quis dizer, como se chamava o primeiro homem [1] e, menos ainda, o nome da primeira mulher, visto que esta não é considerada na hierarquia social, mas ouvi um rapaz dizer que se chamava «tchitcha-malai». («Tchitcha» significa apanhar, colher; «malai» quer dizer senhor, estrangeiro. Quererão eles dizer que foi um estrangeiro que colheu o fruto proibido, ou que aquilo não se passou em Timor, mas no Paraíso?).

Em conclusão: os conhecimentos do rei de Nári acerca da criação do homem não vão além de saber que foi feito de barro, ignorando onde e quando Deus o criou.

---

[1] Maumoto e Areçó foram, segundo a tradição dos timores de outra região, o primeiro homem e a primeira mulher. Tiveram quatro filhos: Zenátu, Vaiaquínu, Telemoto e Mauréci, e quatro filhas: Keivaca, Cassatilari, Cassalaca e Laumalai, que se casaram uns com os outros. Um dia apareceu um homem vadio, chamado Oolavánu (Boca de ouro) e matou Telemoto com um tiro. Quando perguntei como era possível que o matasse com um tiro, responderam-me: «Os timores sempre tiveram espingardas».

Seria em Timor?... Em qualquer das outras ilhas?... Não o sabe dizer, mas afirma que foi Deus que o criou, sem intervenção de qualquer outra criatura.

# CAPÍTULO VII

*O Dilúvio e suas versões — Noé de Timor — O avô dos portugueses, pretos e timores — O que diz o rei de Nári — O coqueiro e a arequeira maravilhosa*

Acho estranho que, conforme conto no capítulo anterior, o rei de Nári tenha uma ideia da criação e da culpa do primeiro homem bastante conforme com o que diz a Sagrada Escritura. É também interessante que ele fale de um Dilúvio em que pereceram todos os homens e mulheres, excepto um rapaz e uma rapariga que eram irmãos.

Será uma tradição recebida de missionários que aportaram a esta ilha há quatrocentos anos? Ignoro. O que sei é que, em 1947, quando os Salesianos, entre os quais me conto, se estabeleceram em Fuiloro, não havia memória de qualquer centro missionário aqui no extremo da ilha, nem encontrei o menor vestígio duma cristandade desaparecida. Os

únicos cristãos que encontrei, menos de uma dezena, foram baptizados há pouco mais de trinta anos em Soibala ou Díli, onde tinham estado a estudar. Ao regressarem às suas aldeias, no entanto, continuaram a viver como os seus antepassados, polígamos e agarrados às superstições, por lhes faltar o amparo e a direcção espiritual de um missionário.

Além disto, nunca encontrei o menor vestígio do conhecimento da Santíssima Trindade ou de Jesus Cristo, filho de Deus e da Virgem Maria ([1]).

---

([1]) Esta lenda parece denotar origem cristã:

Havia uma família muito boa e pobre que tinha uma filha única. Quando esta chegou à adolescência encontrou-se grávida, sem o concurso de homem algum. Teve um filho, tão pobre que nem tinha casa, mas que trazia gravada no peito a imagem do Sol e, nas costas, a da Lua.

Um dia, quando já era homem, foi a uma aldeia assistir a uma festa. Quando os habitantes dessa aldeia souberam da sua chegada começaram a estender no chão por onde ele ia passar folhas de coqueiro e de bananeira, que secavam por completo mal ele lhes punha os pés em cima. O homem levava as imagens do Sol e da Lua cobertas para que não fizessem secar as árvores nem matassem as pessoas que o vissem.

Quando morreu, enterraram-no num lugar desconhecido e a mãe chorou muito, mas, pouco depois, Deus fê-lo reviver milagrosamente — «macinú» — e fez aparecer uma casa de ferro, tão alta que tocava o céu. Essa casa tinha uma escada de mão (como as que eles usam no exterior das casas) cujos degraus eram gumes de espadas, de modo que ninguém podia subir por ela. O homem, todavia, subiu por essa escada e não voltou a descer. Passado pouco tempo, a mãe subiu também e foi para o céu. Os «lafi-cháru» (velhos sábios, conservadores das tradições de família) dizem que foi sentar-se ao pé de Deus.

«Hai láa uru namiré hai láa vátohu namiré» — foi sentar-se ao pé da Lua, foi sentar-se ao pé do Sol.

Antes de Celestino da Silva ocupar a parte oriental da ilha de Timor, esta gente vivia numa anarquia completa, em lutas contínuas e exercendo a escravatura, com cujo produto compravam armas e pólvora para se guerrearem.

Cada aldeia tinha o seu chefe, geralmente o homem mais valente e aguerrido a quem todos obedeciam mais por conveniência própria do que por direito adquirido. Às vezes, várias aldeias coligavam-se para melhor se defenderem dos inimigos.

Diz-se que, em tempos passados, eram súbditos de um «liurai»—régulo dos lados de Iliômar—mas que, quando esse régulo mandou cobrar o tributo que lhe era devido, mandaram dizer-lhe pelo próprio cobrador que viesse ele mesmo cobrá-lo, pois lhe preparariam uma boa sepultura e fariam em sua honra uma «lala-lafai» (matança de búfalos em honra dum morto). Em face da resposta, conhecendo a ferocidade e valentia destas gentes, o tal senhor achou melhor e mais prudente não pôr lá os pés, desistindo de um direito que, pràticamente, já não existia.

Os próprios chineses, únicos que exerciam o comércio de Timor, não se atreviam a sair de Lautém, que é o ponto mais extremo da ilha, e o pouco comércio que faziam com esses indígenas era através de algum chefe que se aproximava da sede da circunscrição, conforme conta o próprio filho de um desses chefes.

Tudo isto me leva a crer que nunca ali tenha penetrado missionário algum (1).

Posto isto, passo a contar o que se diz acerca do Dilúvio.

---

(1) Já depois deste livro escrito tive conhecimento do seguinte:

No caminho de Lospalos para Nairóti, à distância de pouco mais de um quilómetro da bifurcação para Iliômar, há um cabeço de cerca de vinte metros de altura em cujo cimo se vêem algumas pedras debaixo de duas árvores raquíticas e requeimadas pelos incêndios que todos os anos queimam o mato.

Nesse morro assentaram arraiais, durante algum tempo, alguns missionários que amontoaram pedra e material para a construção duma casa e abriram ao lado um poço que já deixou de dar água.

Um dia ouvi um rapaz pronunciar «matarié» — que significa «casa de pedra» — e perguntei onde é que isso ficava. O rapaz contou-me o seguinte:

— «Diz o meu avô que, há muito tempo, chegaram aqui seis padres vestidos de preto e começaram a juntar pedras e material para fazer uma casa naquele morro. Uma noite, pouco depois de chegarem, o chefe da região, que era um dos antepassados do meu avô, atacou a Missão com os seus homens, na intenção de matar os padres, mas eles defenderam-se a tiros de espingarda. Os indígenas nunca tinham visto armas de fogo e fugiram, assustados, ao ouvirem os tiros.

Quanto aos missionários vendo a hostilidade de que eram alvo, fugiram, durante a noite, exclamando em tom profético:

— Esta gente má e bravia há-de ser a última de Timor a ser evangelizada.»

Eis uma tradição que corre entre os «lafitcháru» e que chegou ao meu conhecimento por acaso.

Ao comentarem este acontecimento os chefes actuais lamentam-se:

— «Se os nossos avós não cometessem a estupidez de perseguir aqueles padres nós seríamos hoje, pelo menos, tão civilizados como os indianos.»

Existe entre os indígenas a memória de um grande cataclismo ocorrido em época muito remota — «tápi rata» — e que foi um dilúvio que causou a morte de toda a gente da ilha (e do Mundo), salvando-se apenas um rapaz e uma rapariga, irmãos, que se casaram depois e dos quais descendem todos os homens.

No entanto, há várias versões que narram o mesmo acontecimento fundamental.

Os indígenas de Môa-Pitini dizem que, há muito tempo, as águas do mar começaram a subir e a invadir a terra por todos os lados, afogando toda a gente, excepto um rapaz e uma rapariga que fugiram para a serra de Môa-Pitini, único lugar que as águas não cobriam. Quando tudo voltou à normalidade viram que morrera toda a gente e, então, apesar de serem irmãos, casaram-se e tiveram filhos.

Os velhos de Souro contam que, um dia, as águas do mar levantaram-se de norte a sul como duas montanhas enormes e correram para o centro da ilha, matando toda a gente menos um homem e uma mulher que se salvaram em cima do telhado da própria casa e de quem descendem todos os habitantes do Mundo.

Em Fuiloro contam que houve um grande dilúvio no qual morreu afogada toda a gente, salvando-se apenas um rapaz e uma rapariga, irmãos, mas sem explicarem o modo como se salvaram. No entanto, dizem que o irmão queria casar-se, mas não

havia ali outra mulher, além da irmã. Foi à praia de Lautém, a vinte quilómetros, onde encontrou uma prancha de madeira muito grande que lhe serviu de barco e com a qual costeou toda a ilha, navegando duzentos quilómetros até chegar a Díli. Não tendo encontrado ninguém no caminho, voltou ao ponto de partida.

A irmã, querendo certificar-se de que, realmente, não havia mais ninguém, pôs-se sobre a tábua e chegou também a Paraça (nome que dão a Díli). Como não encontrasse pessoa alguma, voltou para Fuiloro e casou com o irmão, sendo eles os progenitores de todos os habitantes, tanto de Timor como do Mundo.

Laivai é uma região na foz do rio Tacidara onde há uma das melhores várzeas de arroz de Timor. Fica situada entre Lautém e Laga, no caminho de Díli, e compreende várias aldeias cujos habitantes se dedicam à pesca e à cultura do arroz.

Os velhos desta região dizem que, em tempos muito remotos, os homens eram muito maus e, como castigo, cada vez chovia menos. Houve um ano em que a estiagem foi tão grande que as fontes secaram todas e os rios mal lavavam água para beber. Um dia o céu toldou-se de nuvens e começou a trovejar e relampejar de tal modo que todos se encheram de medo; depois choveu tanto que as águas dos rios saíram dos leitos e alagaram toda a planície, ao mesmo tempo que um vento impetuoso, vindo do

norte, impelia as águas do mar para a terra, começando a cobrir tudo: primeiro as casas, depois as árvores. As pessoas fugiram para as alturas mais próximas, mas as água subiram até cobrir os montes mais altos, menos o de Mate-Bian (2350 metros), o mais alto da região de Viqueque, na metade oriental do Timor Português, onde se salvaram um rapaz e uma rapariga, irmãos, únicos sobreviventes da grande catástrofe. Quando deixou de chover e as águas voltaram aos níveis normais, foram estabelecer-se na planície de Laivai, alimentando-se de folhas de árvores, de fruta e de peixe. Como não havia mais ninguém na Terra, casaram-se e tiveram três filhos e três filhas, que também se casaram entre si.

Quando os três irmãos eram muito velhos, um senhor (provàvelmente Deus) mandou dizer-lhes que viessem a sua casa para falarem com ele e receberem umas ordens que queria dar-lhes. Foram imediatamente, mas o dito senhor mandou que voltassem no dia seguinte. Tornaram todos para casa, conjecturando no que o senhor quereria deles.

O mais novo, mal chegou a casa, foi comer, deitou-se e adormeceu. De manhã cedo levantou-se e, sem dizer nada aos irmãos, foi ter com o senhor para saber o que ele queria. O senhor levou-o a um lindo palácio e conduziu-o a uma sala enorme, no meio da qual estava uma mesa muito grande e bonita, tendo em cima livros, papel, canetas, tinta, lápis e outros

objectos; encostadas às paredes havia pás, picaretas, enxadas, alavancas, martelos, azagaias, catanas e outras ferramentas. Virou-se o senhor para ele e disse-lhe:

— Foste sempre bom filho e não és preguiçoso como os teus irmãos. Por isso vou dar-te papel, tinta e autoridade para os governares.

Quando os irmãos acordaram já o Sol ia alto. Encaminharam-se para o palácio, a toda a pressa, e, quando lá chegaram, cansados e cobertos de suor, o senhor levou-os à mesma sala e deu-lhes as ferramentas para, com elas, trabalharem para o irmão mais novo. Voltaram para casa, muito tristes, mas tiveram de obedecer.

Segundo a tradição, o irmão mais novo foi o ascendente dos portugueses e dos outros brancos; o do meio foi o antepassado dos timores, que são mulatos, e o mais velho deu origem aos pretos.

Esquecendo-se de que enfermam do mesmo pecado da preguiça, lamentam que o avô fosse tão preguiçoso e não tivesse chegado antes dos outros e que, por isso, eles agora não saibam ler e tenham de trabalhar nas hortas, nas estradas e nas casas dos brancos e de obedecer aos portugueses, como o seu antepassado.

Todavia, o rei de Nári tem outra palavra a dizer acerca do cataclismo que aconteceu numa época muito remota.

Numa daquelas manhãs claras e transparentes

em que parece que mão misteriosa aproxima do local as montanhas de Luro, as quais dão a impressão de estar tão perto que se lhes pode tocar, estava ele com Telucoro, quando este disse:

— Aquela serra é mais alta do que a de Môa-Pitini.

O rei aproveitou a oportunidade para lhe dar uma lição e respondeu:

— Olha, filho: antes não havia nenhuma das montanhas que nós vemos agora; a Terra era toda plana como a de Tchiáru.

— Então, quem fez aquelas serras todas?

— Ninguém! Um dia apareceram como estão.

— Não compreendo isso! — respondeu o filho.

— Nem eu o compreenderia se teu avô não mo tivesse explicado. Escuta, pois, o que te vou dizer, para contares tudo isto a teus filhos, um dia mais tarde. Está atento e grava tudo bem na memória; estas palavras são grandes e não deves esquecê-las.

«Depois de Nosso Senhor — «Afi Otchava» — fazer o primeiro homem, nasceram muitas pessoas e havia muitos homens e muitas mulheres no Mundo. Um dia veio a água e alagou a Terra matando toda a gente. Nosso Senhor veio vê-la e achou-a deserta. Tornou a povoá-la mas voltou o mar a alagá-la, deixando-a deserta como dantes. Veio, outra vez, Nosso Senhor, não viu ninguém, voltou a trazer homens e mulheres e, passado muito tempo, o

Mundo estava cheio de gente. Isto foi já há muito tempo — «Hai tápi rata».

Os homens eram, então, muito pequenos (e indicava, com a mão, a altura, que não devia exceder um metro). Tinham os cabelos muito compridos, a arrastar pelo chão — «lohitchare» — e varriam a terra com eles — «môa lolure». As mulheres, para poderem trabalhar, enrolavam o cabelo na nuca ou atavam-no à cintura; os homens enrolavam o cabelo no alto da cabeça e atavam as barbas ao pescoço [1].

Os homens eram muito maus, faziam muitas guerras e poucos sacrifícios a Deus. Havia, porém, um homem bom que fazia muitos sacrifícios. Tinha um filho, chamado Maupê, e uma filha, chamada Puiôna, igualmente bons e tementes a Deus, como o pai.

Como o velho não gostava de viver entre aqueles homens maus, fez uma casa em Nunutchênu, onde viviam sós e contentes, cultivando hortas e criando muitos animais. O pai era muito velho e, sentindo que ia morrer, recomendou aos filhos que fizessem sacrifícios e o enterrassem entre um coqueiro e uma arequeira, onde a sua alma os esperaria para se irem juntar todos aos parentes.

---

[1] Antigamente os timores usavam cabelos compridos e brincos nas orelhas, costume que ainda é mantido por alguns velhos que habitam as montanhas. Os chefes, para castigarem os seus súbditos de alguma falta grave, cortavam-lhes o cabelo.

Quando o pai morreu, eles choraram muito, enterraram-no conforme as disposições recebidas e continuaram a viver, sòzinhos, naquele lugar, como o velho lhes indicara.

Uma tarde estavam sentados ao pé da casa quando ouviram um ruído subterrâneo que os deixou estarrecidos. A terra começou a tremer violentamente, as pedras da sepultura do pai ([1]) começaram a esboroar-se, e o chão abriu-se em fendas enormes donde saía fogo e fumo.

Fugiram, aterrorizados, mas outro abalo, ainda maior do que o primeiro, obrigou-os a voltar para casa: mas esta já havia desaparecido. Choraram muito e não comeram nada, lembrando-se apenas da alma do pai, até que, alta noite, se agasalharam junto do coqueiro e adormeceram. De madrugada, o céu cobriu-se de nuvens e os irmãos foram acordados por um trovão violentíssimo. Refugiaram-se nos braços um do outro, mas os relâmpagos eram cada vez mais frequentes e os trovões faziam tanto barulho que o Mundo parecia desabar. A chuva começou a cair, torrencialmente, e um ruído estranho aproximou-se deles.

A tempestade aumentava cada vez mais; os relâmpagos e trovões sucediam-se sem interrupção e

---

([1]) Os timores enterram os mortos em pequenas covas, geralmente perto das casas, covas essas que são cobertas de pedras a formar um rectângulo cuja superfície varia com a importância do defunto.

as águas cobriam os campos em redor, não restando aos infelizes irmãos outra esperança de se salvarem que não fosse a de subirem às árvores que resistiam à violência do temporal. Maupê disse à irmã:

— Sobe por essa arequeira que eu subo pelo coqueiro, para não morrermos afogados.

Assim fizeram, refugiando-se nos ramos dessas árvores, a tremer de frio e de medo.

Já eram horas de o dia chegar, mas a escuridão permanecia, e apenas à luz dos relâmpagos eles podiam ver que tudo ia desaparecendo debaixo das água. A tempestade não mostrava sinais de abrandar. O ruído que haviam notado antes tornou-se um barulho aterrador que, à medida que a sua causa se aproximava, aumentava de intensidade. Viram, então, duas montanhas de água, vindo uma do norte e outra do sul, que se foram chocar perto do lugar onde se encontravam.

— «Hai tin sai!» — Acabou-se tudo! — gritaram eles.

Mas, com grande pasmo, viram que o coqueiro e a arequeira cresciam à medida que as águas iam subindo, chegando quase a tocar o céu.

As chuvas duraram sete dias e sete noites, passados os quais as águas começaram a baixar, assim como as árvores onde os irmãos estavam, até voltarem ao tamanho normal.

Passaram-se catorze dias, até que desceram das árvores; mas a região estava irreconhecível: dantes,

a Terra era toda plana e, agora, só se viam montanhas; as ilhas, que estavam todas ligadas, formando um continente, agora estavam separadas pelo mar; a Terra estava cheia de árvores, algumas tão grandes que até serviam de habitação; e, quando as águas desceram, só se viam pedras e barro.

Estavam esfomeados e, por isso, grande foi a sua alegria ao verem que os charcos estavam cheios de peixe, que constituiu o seu único alimento enquanto a terra não produziu vegetação.

À medida que os campos enxugavam, os dois começaram a percorrer a região, mas, achando-se sós e sem recursos, Maupê pôs-se a chorar, ao que a irmã objectou:

— Não chores! O nosso pai ensinou-nos que, se não mentíssemos, não roubássemos e não matássemos ele estaria sempre connosco, e Deus ficaria contente. Talvez toda a gente tenha morrido, todas as árvores tenham desaparecido, e ficassem de pé apenas aquelas em que nos salvámos. Portanto, não mintamos, não roubemos nem matemos, e Nosso Senhor — «Afi Otchava» — quererá que nós vivamos.

— Está bem! — respondeu ele. — Lembremo-nos, sempre, de Nosso Senhor e, quando tivermos um frango, faremos um sacrifício.

Resolveram construir uma cabana para lhes servir de abrigo, mas não tinham catana.

Um dia encontraram um esqueleto de búfalo.

muito grande, e aproveitaram-lhe as costelas, que, depois de afiadas numa pedra, utilizaram como catanas.

A vegetação começava a cobrir a Terra, por toda a parte; a lagoa de Fuiloro diminuía de volume e Maupê disse à irmã:

— Vamos ver aquele monte branco — Môa-Pitini. Talvez haja gente por lá.

Caminharam pela cumeada dos montes, à vista do mar, até Loiquere, subiram a colina fronteira a Tutuala, de onde puderam ver Môa-Pitini em toda a sua grandeza, com as ondas do mar a seu pés, rebentando contra os rochedos, mas, não encontrando caminho para passar, nem vestígios de vida, voltaram a Nunutchênu.

Maupê entristeceu e deixou de falar com a irmã. Esta perguntou-lhe:

— Porque estás triste?

— Estou triste porque não temos quem olhe por nós quando formos velhos.

— Não será assim! — respondeu ela. — Iremos até àquele monte mais alto ([1]), veremos se lá há gente, e encontraremos uma mulher para ti.

— Dizes bem! Partiremos amanhã.

Dormiram tranquilos, aquela noite, esperando o dia seguinte para empreenderem a viagem.

---

([1]) *O monte a que se referia é o Apara, para lá de Lauro. Tem 1236 metros e é o maior das redondezas.*

## CAPITULO VIII

*Peregrinação — Na grande montanha — Em direcção ao mar — Regresso a Nári*

A narração que o velho estava a fazer ao filho prosseguia:

— No outro dia, de manhã cedo, iniciaram a sua peregrinação através da ilha, na esperança de encontrarem sobreviventes do grande cataclismo e se reunirem a eles.

Rodearam a planície de Fuiloro, em direcção a Souro, e, pelo caminho, foram-se alimentando do peixe que encontravam pelos charcos e de algumas folhas e raizes.

Dirigiram-se a Paricafa e subiram ao monte Apara, donde puderam contemplar, muito ao longe, o *mar mulher* — mar do Norte — que está sempre calmo, e o *mar homem* — mar do Sul — sempre

bravio e forte [1], e avistaram o grande monte de Mate-Bian.

Desceram os cumes do Apara e continuaram a marchar. Ao atravessarem um barranco por onde a água corria em enormes cachões viram os primeiros vestígios de vida, mas de vida destruída: os restos de uma casa arrastada pela torrente. No mesmo lugar sentiram o cheiro de um cadáver em decomposição. Aproximaram-se e ficaram horrorizados ao ver um corpo humano entre troncos de árvores, meio enterrado no lodo. Afastaram-se e continuaram a caminhar para ocidente.

Havia já vários dias que atravessavam ribeiras, subiam e desciam montes, quando viram que se tinham aproximado do mar do Sul e observavam o Mate-Bian, por entre os alcantis de um desfiladeiro. Seguiram por um curso de água e, já de tarde, foram dar a um planalto rodeado de montes todos cobertos de nevoeiro. Percorreram todo o planalto e chegaram junto da montanha que lhes ficava defronte, onde procuraram lugar para passar a noite resguardados do frio intenso que ali se fazia sentir.

Quando acordaram, de manhã, ficaram surpreendidos pelo espectáculo inesperado e magnífico que se lhes deparou: os montes, que na tarde ante-

---

[1] Os timores desta região chamam ao mar do Norte «Tahi tupúro» — que significa *mar mulher*, e ao mar do Sul «Tahi tchalú», que significa *mar macho*.

rior estavam rodeados de nuvens, apresentavam-se agora em todo o esplendor da sua beleza, iluminados pelo sol intenso que fazia brilhar os verdes das plantas e os atraía como que a convidá-los a subir.

— É aquele o maior! — disse Maupê, apontando para Mate-Bian. — Vamos vê-lo!

Transpuseram a colina, junto da qual se tinham abrigado, e começaram a penosa subida daquele monte que parecia tocar os céus. Depois de muitos esforços, chegaram ao cume mas ficaram desanimaras ao encontrarem sinais certos de que as águas também haviam alcançado aqueles sítios.

Para norte ficava o mar azul, imenso, salpicado de muitas ilhas; ao sul, o mar barrento e sem fim onde nada se via; para leste era a serra de Môa--Pitini, que corria a enterrar-se no mar, e, para oeste, muitos e muitos montes, todos mais baixos do que aquele em que se encontravam.

Não lhes restavam, agora, dúvidas de que eram eles os únicos sobreviventes que existiam na Terra, preservados pela bondade do Grande. Ali mesmo, prostrados por terra, beijaram o chão e, erguendo os braços ao céu, exclamaram:

— «Uruvátchu» (Deus) [1].

Ainda eles permaneciam na contemplação do mar e dos montes quando a névoa, tal como na vés-

---

[1] Os timores desta região, quando fazem um juramento, tomam um punhado de terra ou tocam-na simplesmente, e estendem a mão ao céu dizendo: — «Uruvátchu».

pera, se começou a fixar pelas encostas, deixando-os isolados no cume entre o claro azul do céu e as nuvens que refulgiam na luz brilhante da tarde.

Fazia muito frio lá em cima e, por isso, os dois irmãos resolveram descer pelo lado oposto, continuando a marcha para o mar do Norte. Passaram o resto do dia no vale, onde o ar era mais acolhedor, e, à noite, refugiaram-se numa cova e aí dormiram.

Na manhã seguinte prosseguiram para norte, junto da ribeira de Caticai, e, uma tarde, chegaram junto do mar calmo e acolhedor que, banhando-lhes os pés, lhes trouxe à memória as angústias passadas em Nunutchênu, sobre o coqueiro e a arequeira, cheios de frio e de fome, temendo a todo o momento ser tragados pelas ondas. No entanto, agora gozavam duma brisa morna e acariciadora, sob um sol luminoso que os inundava de calor e bem-estar.

Voltaram a prostrar-se na areia, beijaram-na e, de joelhos, em atitude de reconhecimento, tal como tinham feito no cume da montanha, estenderam as mãos para o céu, repetindo:

— «Uruvátchu».

Aquele lugar atraía-os com a amenidade do clima, a mansidão das águas, a pureza do ar e o doirado das areias que orlavam o mar imenso. Não pensavam em partir, pois encontravam-se bem e tinham abundância de peixe que lhes proporcionava todo o alimento de que necessitassem.

Os dias iam passando mansamente, tal como a

fonte cristalina desliza num prado verde, e os irmãos não tinham outras preocupações senão viver e desfrutar tranquilamente, dando graças a Deus, os bens que a natureza lhes proporcionava. No entanto, algum tempo depois, Maupê começou a andar triste e, como as tristezas e alegrias de um eram também sentidas pelo outro, a irmã perguntou-lhe:

— Porque andas aborrecido? Estamos aqui tão bem... sem que nada nos falte...

— É verdade, estamos bem!... Não nos falta nada!... Mas... quando formos velhos?...

A irmã respondeu:

— «Maar lafai navare» — O Grande sabe. — Ele, que nos salvou quando todos morreram, não se esquecerá de nós e saberá o que fazer quando formos velhos.

Retomaram a jornada e dirigiram-se para leste, encontrando uma ribeira que, ao entrar no mar, se dividia em duas e formava um delta gracioso. Atravessaram-na e foram até à ilhota de areia que ficava entre os dois braços da corrente. Estava coberta de grande variedade de conchas e os dois irmãos apanharam algumas das mais bonitas para fazerem colares que puseram ao pescoço.

Também ali passaram alguns dias, até que Puiôna disse ao irmão:

— Vamos subir àquele monte? — e indicava um outeiro que ficava defronte da ribeira.

Subiram o outeiro e mais outros que se lhe se-

guiam, quando, ao olharem para leste, viram, ao longe, quais barcos perdidos na vastidão do mar, o coqueiro e a arequeira onde se tinham salvo do dilúvio. A rapariga exclamou:

— Vamos para Nunutchênu, onde está a alma do nosso pai, e deixemo-nos lá ficar.

Desceram o monte e encaminharam-se para Lautém. Daí seguiram para Kom, onde se demoraram alguns dias a pescar, secando em seguida o peixe, que levaram para Nári.

Neste lugar estava tudo como antes de eles partirem, mas a paisagem apresentava-se diferente: o planalto de Fuiloro, que ficara coberto de água até Môa-Pitini, transformara-se num imenso tapete de verdura, salvo num sítio que ainda tinha água a formar um lago.

Acomodaram-se ao pé do coqueiro, entre umas pedras, e aí passaram a noite e descansaram de tantos sustos, surpresas e cansaços.

Na manhã seguinte, Maupê acordou muito contente e disse que a alma do pai lhe aparecera em sonhos e tinha afirmado que o Grande queria que eles ficassem sempre naquele lugar, que fossem bons amigos um do outro e que, como eram as únicas pessoas que havia no Mundo, se casassem para que houvesse muita gente (1).

---

(1) Os timores têm uma fé cega nos sonhos.

Quando Puiôna ouviu isto exclamou:

— O que a alma do nosso pai disse é verdade. Devemos obedecer ao Grande para que nos ajude sempre.

# CAPITULO IX

*Primeira indústria — A primeira galinha — Dispersão — Crenças do rei de Nári*

A narração do rei ao filho continuava:

Maupê e Puiôna estabeleceram-se, definitivamente, em Nunutchênu e, conforme as ordens que o pai lhes dera em sonhos, casaram-se e continuaram muito amigos um do outro. Não tinham grandes preocupações porque a natureza lhes fornecia com prodigalidade o alimento. Deste modo gozavam da tranquilidade dos simples e justos.

Um dia, Puiôna conseguiu fazer umas panelas de barro; o marido acendeu um fogo, friccionando pedaços de bambu, e assim puderam aquecer-se, cozer as panelas e cozinhar os alimentos, conforme faziam antes do dilúvio.

A felicidade dos dois esposos foi aumentada com o nascimento do primeiro filho, ao qual se se-

guiram mais, até que perfizeram o número de catorze — sete rapazes e sete raparigas.

Tinham-se passado quinze anos («ai ira utu tana ucan ita lime» — quinze chuvas de água), quando o Grande lhes deu uma galinha que pôs muitos ovos, de que descendem todas as galinhas que há no Mundo. A galinha chocou e, quando os pintos cresceram e se fizeram frangos, Maupê e Puiôna ofereceram sacrifícios ao Senhor e à alma do pai.

Os filhos do casal também foram crescendo, casando-se uns com os outros. A população aumentava em Nunutchênu e os jovens começaram a separar-se dos pais e a formar as suas próprias famílias, com que repovoaram a Terra.

Uma família foi habitar para Môa-Pitini, lugar onde havia muitos jacarés, animais sagrados que garantiam protecção aos moradores do local; outra foi para Loré, onde abunda o peixe e há também fartura de jacarés; outras foram para Luro e para Lavai e assim se foram estabelecendo pelas ilhas fora; o que significa que se espalharam por toda a Terra e repovoaram o Mundo inteiro.

O filho mais velho ficou com o pai, que lhe confiou todas as vicissitudes por que passara, e ele, por sua vez, foi transmitindo aos filhos para que estes narrassem aos seus descendentes, numa série ininterrupta, todas as grandes palavras que Pere-

coro agora transmitia ao filho para que as soubesse e as transmitisse às gerações vindouras.

— Os homens já esqueceram muitas coisas! — terminou o velho. — É preciso que tu não esqueças estas, porque são palavras grandes (coisas importantes) — «eluculucu lafai tapa malufé».

*

Os timores não sabem dizer nada sobre o modo como os outros animais apareceram, mas opinam que vieram de Macassar.

— Os búfalos, afirma o rei, vieram de Viqueque; foi o meu avô que os introduziu em Nári pela primeira vez.

É muito difícil conseguir que os velhos «lafitcháru» nos contem as suas crenças, porque têm muito medo dos espíritos dos antepassados, que lhes poderiam prender as almas, matá-los e privá-los da sua companhia, o que corresponderia à condenação eterna.

Certo dia mandei um rapaz perguntar ao pai algumas particularidades do «Massulé». O homem, despreocupado, ia respondendo às perguntas que o filho lhe fazia. Mandei o moço fazer-lhe novas perguntas e o pai, desconfiado por o filho lhe perguntar tanta coisa, suspeitou do caso e, olhando-o muito sério, disse:

— Tu andas a enganar-me. És ainda muito novo para saber estas coisas.

E não lhe disse mais nada.

Vejamos agora o que pensa o rei de Nári acerca da existência de Deus.

Como toda esta gente, o rei acredita em Deus: um Deus único, bom, Senhor supremo do Universo, que gosta dos bons e não gosta dos maus. Para exprimir a ideia de Deus empregam a palavra «Otchava» — Senhor — ou o termo «Uruvátchu» — Lua-Sol — mas creio que este não exprime tão claramente a ideia de Deus como o primeiro, porque se o Sol é considerado um ser benfazejo e amigo dos homens, a quem dá luz e calor e faz germinar as sementes, a Lua, pelo contrário, é má e só procura fazer mal aos homens. Dizem que ela tem medo do Sol, visto este ser mais forte: por isso foge e só aparece quando o Sol não brilha. Quando está em fase de Lua Nova afirmam que ela não se vê porque se escondeu para comer alguma alma que apanhou, dizendo o mesmo quando há eclipse. Também há quem diga que as manchas da Lua representam um saco que ela traz sempre e onde mete os ossos das almas que vai apanhando e comendo.

Não me parece, por estas razões, que seja lógica a expressão da ideia de Deus pelo termo «Uruvátchu».

Se pergunto aos cristãos quem é Jesus Cristo, alguns respondem:

— «Afí Otchava».

Todavia, há alguns que *dizem que é «Uru-*vátchu».

Para pedirem uma medalha *dizem*:

— Dá-me um «Uruvátchu».

Quererão eles significar com *«Otchava»* a ideia de Deus e com «Uruvátchu» a sua *representação* ou a das suas qualidades? Ignoro-o. Também pode ser que a palavra tenha entrado na linguagem ordinária para exprimir a ideia de Deus, abstraindo da origem etimológica.

Também é curiosa a explicação que fazem do Sol, apesar de grosseira por falta de ideias mais apropriadas.

Segundo a sua crença, o Sol é o ventre de Deus. Ou antes: Deus tem uma lanterna ou foco de luz, à maneira de um olho, que despede uma luz imensa que ilumina o Mundo e com a qual vê tudo, sem que ninguém o possa fixar.

Quando o Sol nasce, é Deus que aparece no céu e desabotoa uma espécie de casaco para fazer o dia, destapando o foco. À tarde volta a abotoá-lo para fazer a noite, havendo já quem acrescente que, à noite, Deus vai fazer o dia na parte da Terra que fica oposta à ilha de Timor.

Perguntei, um dia, ao rei quem lhe tinha dado a posse das fontes sagradas, e ele respondeu:

— «Atchálafu» (os meus antepassados).

Quando lhe perguntei quem as dera aos antepassados dele, retorquiu sem a menor hesitação:

— «Maar lafai» [o Grande (referindo-se a Deus) ou a Pessoa grande].

Também usam esta palavra para designar o governador e mesmo o administrador da circunscrição.

Para dar uma definição de Deus não acharia melhor do que esta que o rei dá:

— Deus é o que é ([1]).

Apesar de o rei de Nári ter de Deus a ideia de Senhor supremo que ama o bem e aborrece o mal, dá tal importância ao poder das almas e dos «teis», que parece que Deus lhes comunicou os seus poderes para aplicarem os prémios e castigos que os homens tenham merecido em vida.

Tem-se a impressão de que as almas estão revestidas de poderes sobrenaturais para completar a justiça que não pôde ser feita na Terra; o que não obsta que lutem constantemente entre elas, como faziam em vida, exercendo vinganças, represálias e prisões, como os deuses das antigas mitologias.

---

([1]) Não têm o verbo *ser*, mas têm «ane», que significa haver, existir, na acepção de existência permanente.

# CAPÍTULO X

*«Tei» — Sacerdote — O jacaré — Lenda da mulher-orvalho*

A palavra «tei» tem significados interessantes e parece ter a mesma raiz da palavra grega «theós», que significa Deus.

«Tei» em Fata-lúcu; «Lulic» em Tetum; «Falúnu» em Socòlòri — a palavra varia com os diversos dialectos — está para os timores como as imagens para os católicos.

O timor, remotamente no seu subconsciente, deve ter em vista honrar a Deus com sacrifícios e outros actos religiosos, mas está quase totalmente obcecado pelo «tei», de tal forma que não vê mais do que o madeiro, o animal, a ave ou o fenómeno que o impressiona e, assim, presta a estes seres um culto que é próprio só de Deus.

«Tei» significa coisa sagrada, inviolável, mas tem ainda outros significados diferentes, se bem que relacionados entre si. Eis alguns deles:

— Coisa sagrada ou inviolável.

Nenhum timor que não tenha tido contacto com elementos estranhos se atreve a tocar num objecto considerado «tei» porque, se o fizesse, crê que atrairia sobre si males sem conta, e mesmo a própria morte.

Relacionada com esta palavra há outra muito expressiva e a que eles guardam bastante respeito: «maartei». Por mim, não conheço outra mais expressiva e mais própria para designar a dignidade de sacerdote. É formada por dois elementos: «maar» (pessoa) e «tei» (sagrada, ou relacionada com coisas sagradas, exprimindo também o conceito de intocável).

Nesta região não há hierarquias nem castas sacerdotais, mas em Nári é sempre o rei que desempenha o múnus de sacerdote da Grande Serpente, das fontes, dos bosques sagrados e, especialmente, na festa do «Massulé», que virá descrita noutro capítulo deste livro.

O «maartei» é, em geral, um homem velho que, por herança, saber ou habilidade — mas mais pelo valor dos seus «teis» —, é reconhecido como tal.

— Símbolo.

De todos os «teis» que os timores desta região veneram, o mais conhecido, o mais comum, respei-

tado e temido é a «saca». Dão este nome a um forcado de pontas curvas e aguçadas, cujo tamanho pode variar entre dois decímetros e um metro. A «saca» está em cada um dos quatro cantos da casa, para proteger os moradores de todos os malefícios; há uma à entrada, por cima da porta, para proteger os que entram e saem; outra sobre o «lafúru-teinu» — lareira sagrada — onde o chefe da família faz sacrifícios; não falta à entrada dos currais, para proteger os búfalos e os cavalos; vê-se nalgumas sepulturas, e muitas aldeias têm a sua em lugar bem visível, o que faz lembrar os nossos cruzeiros.

Quando alguém sabe fazer estátuas, aproveita essa habilidade para fazer uma do pai e outra da mãe, colocando-as sobre as respectivas sepulturas, o que lhes dá a categoria de «teis». É raro encontrarem-se estátuas dessas, mas consegui trazer dois pares para a Missão e creio que deve haver muitas perdidas pelos matos.

— Ser animado digno de respeito.

Entre os animais venerados pela gente desta região, o jacaré é sem dúvida o mais respeitado e temido. Chamam-lhe avô e ninguém se atreve a fazer-lhe mal.

Quando um membro da família adoece, o chefe oferece um cabrito ou um leitão ao bicho, para que ele restitua a saúde ao doente.

Independentemente deste «tei» geral que encarna a alma dos antepassados do timor, há os «teis» particulares, protectores de cada família, tais como o corvo, o «tòké» ([1]), o mocho ou a coruja.

A serpente é o «tei» da família do rei de Nári e de outras famílias.

Havia um cozinheiro na Missão que contava a seguinte história:

«Meu pai tinha uma irmã, de quem era muito amigo. Um dia, quando ela foi buscar água a uma fonte, um jacaré atirou-se a ela e mordeu-a. A mulher começou a gritar e os vizinhos, atraídos pelos gritos, berraram de forma estridente, como é uso em casos semelhantes, para afugentar o jacaré, que fugiu, deixando-a quase morta.

Levaram-na para casa, onde, com muito custo, se salvou.

Quando o irmão teve conhecimento do caso, pegou na espingarda, foi ao local do acontecimento e matou o jacaré. Daí em diante matava quantos podia, o que muito escandalizava os vizinhos.

---

([1]) «Tòké» é um lagarto com cerca de trinta centímetros de comprimento e que procura insectos nas habitações. O voz deste animal é uma repetição das sílabas tò-ké, o que lhe dá o nome. É crença que, repetindo o canto sete vezes, é sinal de bom agoiro para quem o ouve. Porém, se cantar só três vezes, indica que vai morrer uma pessoa.

Pois este homem não matava moscas, porque eram o «tei» da família.»

Também me contaram a história de um homem que tinha um cão que muito estimava e que, certo dia, aproximando-se dum ribeiro, um jacaré apanhou o pobre animal e ficou, calmamente, com ele na boca.

O homem começou a gritar:

— Avô, deixa-me o cão!... Avô, deixa-me o cão!...

Como o *avô* não lho deixasse, pegou num pedregulho e, atirando-lho à cabeça, matou-o.

Estes dois casos são os únicos que chegaram ao meu conhecimento, de timores desta região matarem jacarés.

Outro significado de «tei» é: proibição. Há frutos que não devem ser comidos sem que, prèviamente, se realize um cerimonial que levanta a proibição. Quando se pergunta a algum timor porque não come desses frutos antes da cerimónia, responde:

— É «tei».

Há famílias que afirmam ter origem em tubarões, abóboras e outras coisas do género, tudo confirmado com lendas interessantíssimas. Os membros dessas famílias não comem o objecto de que dizem provir porque é «tei» para eles.

Uma família afirma ser descendente do orvalho e conta-se a respeito dessa origem a seguinte

## *Lenda da mulher-orvalho*

Havia em Laivai uma aldeia chamada Liarafa onde vivia o velho Salamodo, viúvo e com alguns filhos. Tinha sido um herói em guerras passadas e, quando as forças começaram a faltar-lhe, dedicou--se a cuidar dum quintal que herdara do pai e onde passava a vida, sòzinho e sem convivência.

Um dia em que, depois de muita fadiga e trabalho, acabou de murar o quintal, retirou-se para casa, muito satisfeito com o que realizara. Quando, no dia seguinte, se levantou e foi admirar a sua obra, ficou muito zangado e cheio de surpresa, ao ver parte do muro por terra. Compôs a parede e, na manhã seguinte, voltou a encontrá-la derrubada. Ficou ainda mais zangado, rogou pragas, invocou os seus «teis» para fazerem cair toda a espécie de males sobre o autor da façanha e, tornando a levantar o muro, foi para casa, confiado em que ninguém voltaria a estragar-lho.

Dormiu tranquilamente e, de manhã, quando chegou ao quintal, viu o muro outra vez desfeito. Assaltado de enorme furor, jurou tomar vingança de tamanha afronta.

Mais uma vez compôs o muro e, à noite, pegou na catana e escondeu-se à espera.

Muito depois de a Lua nascer, o homem, dominado pela fadiga, deitou-se e adormeceu mas, cerca

da meia-noite, foi acordado pelo barulho de pedras a caírem.

Levantando-se, viu uma mulher muito bonita a tocar pandeireta e a dançar pelo muro fora. O homem escondeu-se muito bem e, quando ela chegou perto, agarrou-a com ambas as mãos e, por mais esforços que ela fizesse, não conseguiu fugir-lhe.

Vendo que não vencia o homem, transformou-se, sucessivamente, em serpente, jacaré e outros monstros, mas, como estava presa com mãos de ferro, voltou a converter-se em mulher e disse:

— Larga-me, que quero ir-me embora.

— Não! — respondeu o homem. — Não te deixarei.

— Que me queres?

— Vou levar-te para minha casa.

— Então, gostas de mim?

— Sim, gosto! — respondeu ele.

— Pois bem! Se queres que case contigo hás-de ter-me em casa, sem me obrigares a tratar da horta, sem me mandares à água nem à lenha, sem que eu faça coisa alguma.

— Está bem! — tornou o homem. — Mas, primeiro, hás-de dizer-me de onde vens.

— Venho do céu! — respondeu ela.

— E como te chamas?

— Chamo-me Nora-Bou (orvalho).

— Vamos, então, para casa. Serei teu marido, farei os trabalhos todos e não precisarás de sair a fazer seja o que for.

Assim fizeram, e a mulher ficou escondida para que ninguém a visse. O marido construiu uma casa redonda, para onde se mudaram, e continuaram a viver fora de todo o convívio humano.

Pouco mais do que um ano depois, nasceu-lhes um filho. A mãe passava o tempo todo a olhar pelo pequeno, mas o homem começou a andar aborrecido por ter de fazer todo o trabalho da casa.

Já o rapaz tinha cinco anos quando, um dia, ela disse ao marido:

— Vai buscar um bambu de água para eu me lavar.

Ele, aborrecido com a vida que tivera até então, respondeu:

— Vai tu, que não fazes nada durante todo o dia. Não sou teu criado.

A mulher ficou muito triste, pôs-se a chorar e disse:

— Trata do nosso filho, que eu vou buscar água.

Abraçou a criança e foi para a fonte. Apenas aí chegou, sentou-se à beira da água, a chorar desconsoladamente. As lágrimas que vertia transformaram-se em nuvens e, daí a pouco, começou a trovejar e a chover com abundância.

A mulher, então, entrou na água, de mansinho, para se banhar, mas, como era orvalho, ia-se desfa-

zendo à medida que entrava na água e invocava as irmãs com as seguintes palavras:

*Môé cicilé, môé, môé*
*Cili lèti, dai lèti*
*Mara labalou*
*Nia ela, niadá* [1]

Quando o filho viu a mãe sair de casa, começou a chorar, porque nunca se separara dela; mas o pai pôs-se a cantar para que ele se calasse.

No entanto, como a trovoada aumentava de intensidade, chovia cada vez mais e a esposa não aparecia, o velho dirigiu-se à fonte para ver se lhe tinha acontecido alguma coisa. Ao chegar lá viu a mulher metida na água até aos peitos e cantando a invocação: «môé cicilé»..., enquanto se submergia até ao pescoço.

Deitou-lhe as mãos ao cabelo, para a tirar, mas, como já estava dissolvida na água, só ficou com os cabelos na mão, assim como com um pente de ouro que ela trazia.

---

[1] Esta quadra está em língua socòlòri e significa:

— Oh orvalho, oh orvalho!
Oh amigas, oh irmãos:
Descei do alto de mansinho
e subiremos ao céu.

Nessa altura ouviu a voz da mãe do seu filho retumbando nos ares:

— És o culpado de o nosso filho ficar sem mãe. Trata-o bem, que eu nunca me esquecerei dele nem de quem se lembrar de mim.

O velho, muito triste, voltou para junto do pequeno. Daí em diante, sempre que este perguntava pela mãe, o pai cantava-lhe:

— «Môé cicilé, môé, môé...» e apontava para a cabeleira, pendurada na parede, que conservava o pente de ouro.

Quando o velho morreu, o filho, já crescido, casou-se e conservou aquelas relíquias da mãe, às quais fazia sacrifícios.

Dizem que a cabeleira e o pente de ouro ainda se conservam na aldeia, em casa do chefe, que é descendente directo daquela família.

Todo o povo tem grande veneração pelas relíquias, fazendo-lhes sacrifícios e dizendo que obtêm favores, sobretudo nas grandes estiagens, quando recorrem à sua protecção para que a chuva ou, pelo menos, o orvalho venha refrescar-lhes as terras.

Os que se dizem descendentes dessa mulher não bebem água das primeiras chuvas, porque não querem beber a avó, o que lhes traria grandes desgraças.

O cabelo e o pente de Nora-Bou são «teis», assim como é «tei» que os não descendentes dela façam casas redondas.

# CAPÍTULO XI

*A grande serpente — Visão da serpente — O Arco-íris e a sua formação*

Depois de nos termos referido aos significados da palavra «tei», vamos dizer alguma coisa sobre a Grande Serpente, principal «tei» do rei de Nári.

A Grande Serpente tem sete cabeças e todas as outras serpentes são suas filhas ou suas vassalas.

Os indígenas acreditam que, em tempos remotos, grandes serpentes se meteram nos buracos de onde a água sai em mananciais e ali passam a vida chorando as suas amarguras e produzindo, com as lágrimas, a água que se vê sair das rochas. Quando chove muito, é sinal de que a tristeza das serpentes aumentou. Então, para lhes acalmarem as mágoas, fazem sacrifícios à «nâna» (serpente) para a consolarem e para que, deste modo, a chuva não seja excessiva a ponto de causar prejuízos.

O rei diz que o avô dele viu a grande serpente e que o seu próprio filho também teve a sorte de a ver. Ele nunca a viu mas, não obstante, acredita nela como se a tivesse visto.

Narra-nos, assim, a forma como o filho viu o seu «tei» principal, ao qual apenas ele tem o direito de fazer sacrifícios, o que lhe dá enorme prestígio entre os súbditos e um temor reverencial da parte dos estranhos:

— Um dia, o filho foi a Los Palos, ver um parente que estava enfermo no posto sanitário.

Era uma tarde do mês de Novembro e estava o rapaz a conversar com o enfermeiro, ao pé do doente, quando ouviram trovejar. O enfermeiro saiu para observar o tempo e olhou para os lados de Môa-Pitini, onde uma nuvem escura pairava sobre a serra e da qual se viam cair grossas bátegas de chuva. Fixando melhor o nuvem, o filho notou um fenómeno nunca visto: uma espécie de apêndice, em forma de cone muito agudo, com a base na parte inferior da nuvem e o vértice virado para a Terra.

Chamou os presentes para observarem o caso e foi então que começaram a ver, na parte inferior, qualquer coisa que se movia como água em ebulição. O cone começou a encolher-se até quase se confundir com a nuvem e, de súbito, viu-se o vértice crescer vertiginosamente, até chegar à Terra, com o aspecto de uma serpente enorme, mais grossa do que o caule duma palmeira, e contorcendo-se.

— «Nâna»! «Nâna»! (A serpente, a serpente) — exclamaram todos como que extasiados, e esfregando os olhos para verem melhor, quase não acreditando no que se lhes deparava.

A visão durou pouco mais do que um minuto. De repente, a cauda desprendeu-se da Terra, como se se evaporasse, e, ao mesmo tempo, a luz vivíssima dum relâmpago fendeu os espaços, seguida de um trovão que ecoou por montes e vales até se perder no infinito.

O arco-íris é um fenómeno que os timores desta região também relacionam com a Grande Serpente.

Em Fuiloro há duas épocas de chuvas e observam-se fenómenos que nunca vi na Metrópole.

Na primeira época, as chuvas são mais abundantes e regulares, quase sempre em consequência de trovoadas.

O interessante é que chove a horas certas, quase sempre das duas às quatro da tarde. Isto traz em consequência que o arco-íris é pouco frequente, por causa da posição quase vertical em que o Sol se encontra a essa hora.

Outras vezes, as nuvens formam-se em lugares onde descarregam formidáveis aguaceiros, dando-se o caso de, a poucas centenas de metros, não chover nada, ou quase nada.

Qualquer estudante dos nossos liceus responderia, acerca da formação do arco-íris, coisas que o rei de Nári não conseguiria dizer. Segundo a epi-

nião do rei, a serpente sai dos seus esconderijos, na época das chuvas, e anda por lugares onde ninguém a pode ver. Quando chove, ela deita água pela boca, forma o arco-íris e, dando um salto por cima dele, passa dum lugar para outro e vai esconder-se para não a verem chorar.

Logo que o rei vê o arco no céu, o seu primeiro cuidado é fazer um sacrifício para que a serpente, sentindo o cheiro da carne assada, volte ao seu poiso habitual e continue ali, junto deles, dispensando a sua valiosa protecção aos habitantes de Nári.

Um dia, um neto do rei, mais indiscreto, levou-me ao bosque (que eles consideram sagrado) onde o velho costuma fazer sacrifícios à Grande Serpente. Confesso, francamente, que levava um certo receio ao entrar nesse lugar temido e cheio de mistério onde o grande «maartei» sacrifica às serpentes. Tinham-me afirmado que tratava directamente com elas, e daí provinha a minha preocupação.

Apesar de tudo, atrevi-me a entrar.

Estive no lugar onde nenhum timor ousou, jamais, pôr os pés e vi ainda vestígios dum sacrifício recente. O que não vi foi traço algum desse monstro terrível, imaginado pela fantasia dos antigos e cuja tradição se propaga de geração em geração, confirmada pelo aparecimento do arco-íris e da tromba lacustre que se forma nos charcos do extremo de Nári, ou para além de Mehara.

O rei de Nári fala como o garoto a quem num

dia, em que se formava um lindo arco-íris sobre Môa-Pitini, perguntei:

— O que é aquilo?

— «Nâna», senhor! «Nâna».

— Tu já a viste?

— Não, senhor.

— O teu pai já a viu?

— Não, senhor.

— Então quem é que a viu?

— Não sei, senhor.

— Onde foi que a viram?

— Também não sei.

— Então, quem sabe?

— Eu não sei. Mas houve gente que viu uma serpente muito grande deitar pela boca uma baforada de água que forma o arco-íris. Depois, a serpente dá um salto e, seguindo o trajecto do arco, passa dum lado para o outro, sem que ninguém saiba donde veio, para onde foi nem onde está.

## CAPÍTULO XII

*O sacrifício — Lareira sagrada — O sacrificador — As almas e o seu poder*

Como todos os chefes de família timorenses, o rei de Nári faz sacrifícios aos «teis» e às almas dos parentes.

Inicialmente, estes sacrifícios seriam feitos a Deus, mas é tal a impressão causada pelos «teis» e pelo suposto poder das almas, que a ideia de Deus fica apagada e só se vê o «tei» e o ressentimento das almas como reflexo do poder divino.

Não há casa que não tenha a sua lareira sagrada, com todas as coisas necessárias para o sacrifício, o único acto religioso que praticam. Não têm a menor ideia de penitência e, como orações, apenas o «Massulé», que será objecto de outro capítulo, reveste um carácter semelhante a prece colectiva e pública, pelo menos em Nári.

## CAPÍTULO XII

*O sacrifício — Lareira sagrada — O sacrificador — As almas e o seu poder*

Como todos os chefes de família timorenses, o rei de Nári faz sacrifícios aos «teis» e às almas dos parentes.

Inicialmente, estes sacrifícios seriam feitos a Deus, mas é tal a impressão causada pelos «teis» e pelo suposto poder das almas, que a ideia de Deus fica apagada e só se vê o «tei» e o ressentimento das almas como reflexo do poder divino.

Não há casa que não tenha a sua lareira sagrada, com todas as coisas necessárias para o sacrifício, o único acto religioso que praticam. Não têm a menor ideia de penitência e, como orações, apenas o «Massulé», que será objecto de outro capítulo, reveste um carácter semelhante a prece colectiva e pública, pelo menos em Nári.

É o homem que faz os sacrifícios. As mulheres não podem fazê-los, embora possam assistir e participar da parte destinada a ser comida. Cada chefe de família é o sacrificador na sua própria casa, tendo cada um o seu formulário privativo, com palavras que só eles empregam.

Entre as usadas pelo rei aparecem, além de outras, as nossas conhecidas Maupê e Puiôna. O mais curioso é que, por vezes, pronunciam termos caídos em desuso, sem saberem mesmo o que significam.

Nem todos os que sacrificam são «maartei» e nem todas as povoações têm «maartei».

O «Massulé», com o seu conjunto de cerimónias próprias dum povo inculto, tem passagens impressionantes que nos lembram o baptismo, como a insuflação e a insalivação, ou a parte em que o «maartei» caminha em procissão para uma encruzilhada enquanto vai dizendo certas palavras misteriosas e atirando para o ar punhados de cinza sagrada, a fim de esconjurar os espíritos maus.

A morte de uma pessoa, especialmente se for velha e de haveres, é caracterizada pelo abatimento de búfalos, cavalos, porcos e outros animais para fazer a «lala» (hecatombe). Depois de feita a oferta, ou sacrifício, às almas e aos «teis» da família, os vivos comem arroz e carne em honra do morto, de modo que a morte de um homem destes é quase considerada uma festa.

Numa cerimónia de casamento não faltam os sacrifícios em que os pais dos noivos oferecem ao «tei» tutelar das famílias a parte que lhes corresponde, de acordo com os usos e costumes.

Todavia, a causa principal que leva os timores a sacrificar é a doença. Consideram-na como a simples detenção da alma e só um sacrifício poderá ter eficácia bastante para a libertar da vingança de outras almas inimigas.

A causa da detenção tanto pode ser uma dívida que o doente tivesse, como dívidas de algum parente seu, morto mesmo há dezenas ou centenas de anos.

Os timores não têm ideia de sacrifício no sentido de privação, renúncia a favor de outrem, mortificação, penitência ou jejum. No entanto, é impressionante a importância que dão ao seu único meio de comunicar com as potências sobrenaturais, como se pode deduzir das fórmulas empregadas no ritual e da convicção e fervor com que praticam todos os actos do sacrifício.

É com esta grande convicção e fervor que o rei de Nári sacrifica aos seus «teis», motivo por que todos o reverenciam e temem como um ser superior [1].

---

[1] Numa das visitas que lhe fiz perguntei-lhe a causa das cicatrizes que a sua mulher tinha nos braços e no peito. Respondeu-me imediatamente:

— Uma chaga, senhor. Mas eu fiz um sacrifício e curou logo.

Como já disse, um morto é coisa sagrada para os timores e, como tal, oferecem sacrifícios às almas.

Separadas dos corpos, elas continuam a viver, noutro local, uma vida material mais perfeita e feliz, na companhia das almas dos parentes e amigos, separadas dos vivos apenas por uma cortina misteriosa, invisível, colocada entre o corpo e a alma: entre os que vivem neste mundo e os que passaram ao outro.

Tão arreigada é a crença nesta imortalidade da alma, que a religião fica quase reduzida ao culto dos espíritos, que formam como que o elo de ligação entre Deus e as criaturas.

Assim, quando alguém morre, não deve ser enterrado sem que toda a família esteja presente. Deve-se este facto à crença de que a alma do defunto paira sobre eles, e não se afasta enquanto não estiverem reunidos todos os parentes vivos, a fim de poder dar notícias deles às almas que a esperam.

São mortos búfalos, cavalos, porcos, cabras e outros animais para que acompanhem o defunto quando este se apresentar às almas da família. Faz-se o sacrifício tradicional ao morto e às almas dos parentes, come-se carne e arroz, bebe-se «tuaca» (vinho extraído da palmeira, ou aguardente destilada da «tuaca»), fuma-se e, quando todos estão reunidos e toda a carne comida, o cadáver é transportado para a cova.

As mulheres vão atrás do ataúde, carpindo e

cantando o «aruré»; no caso de ter servos, eles vão também fazendo a sua choradeira.

O corpo é colocado na sepultura com um saquito de arroz e carne ao pé da boca, para a alma comer durante a viagem. Espalham-se punhados de arroz sobre o corpo, a fim de que alma apanhe alguns grãos antes que caiam ao chão.

Não falta tabaco para o morto oferecer às almas dos parentes, à chegada, nem dinheiro e jóias, que hão-de provar àquelas a sua ascendência e importância.

Hoje já vai aparecendo um ou outro caso de indivíduos que negam a imortalidade da alma, dizendo que tudo acaba com a morte, ou que acreditam na transmigração. Estes casos são devidos, sem dúvida, aos deportados ou aos chineses que fazem propaganda das suas ideias. No entanto, o número dos que falam assim é limitado, pois para o timor em geral a alma continua a ter uma enorme importância.

Dizem eles que as almas vivem perto de nós, conhecem a nossa vida, tudo o que fazemos e mesmo os nossos desejos e aspirações, como se fosse Deus, mas também são ciosas de sacrifícios e ofertas, como se fossem seres com vida fisiológica.

O poder das almas é quase divino: julgam as almas dos parentes e excluem-nas da sua companhia, se o merecerem, exercem sobre as almas inimigas castigos e prisões até que estas satisfaçam, na

íntegra, dívidas que tinham em aberto e que os vivos desconheciam.

Exercem também as funções de anjos tutelares que vigiam, inspiram e guiam os parentes que se colocam sob a protecção delas, como se fossem uma espécie de segunda providência de Deus.

No entanto, é tão grande o temor que inspiram aos vivos, que estes evitam tudo quanto suponham que as possa irritar. Os velhos calam muitas coisas diante das mulheres, porque são seres inferiores, e das crianças, por não estarem ainda na idade de compreender essas coisas. Ao fazerem os sacrifícios, dizem as palavras em voz muito baixa para que ninguém as oiça, o que iria irritar as almas e desencadear uma série de males sobre eles ou a família.

Deste facto nasce a dificuldade de se conhecerem certas histórias que correm entre os «lafitchá-ru», e mesmo as palavras do ritual do sacrifício, porque lhes é vedado darem-nas a conhecer.

## CAPÍTULO XIII

*Às doenças — Causas curiosas atribuídas às mesmas — Os curandeiros — Remédios*

Há biólogos que afirmam não haver doenças, mas sim doentes. As teorias do rei de Nári sobre o assunto são muito curiosas e originais e absolutamente de acordo com as afirmações de tais biólogos.

Entre as muitas causas que podem afectar o organismo apresentarei algumas, seguidas da cura indicada, conforme o pensar do rei, que exprime o sentir do seu povo.

Em primeiro lugar, a doença pode ser um castigo do «tei saca». Quando uma família se descuida de fazer sacrifícios aos «teis» e se esquece de oferecer-lhes comida, especialmente ao «tei» da casa, que todos têm (ou deviam ter) sobre a lareira sagrada, o «tei» começa a sentir fome. Por isso, de noite, enquanto todos dormem, acerca-se dum

membro da família e pica-o com uma das pontas, sem a pessoa sentir, para lembrar ao chefe da casa que está com fome.

Quando o indivíduo picado acorda, vê-se atacado de pneumonia, que pode ser simples ou dupla, conforme tenha sido picado num ou dois pulmões.

Por consequência, para curar estas doenças, sacrifica-se ao «tei», o que afasta a causa do mal. É claro que, juntamente com estas causas, poderiam existir outras que só os entendidos são capazes de descobrir.

Estes entendidos são curandeiros que, sob o nome pomposo de Ina-Harânu (Olho de Luz), chegam a atingir verdadeira fama, vindo gente de muito longe para ouvir os seus prognósticos e ditames.

A segunda causa de doença que se pode apontar é a prisão da alma.

Alma é o princípio activo pelo qual o homem vive, se move e exerce toda a sua actividade. Estando ela detida, desaparece o equilíbrio, fundamento da saúde e do bem-estar, e a pessoa cai num estado de desequilíbrio, que são as doenças com todos os inconvenientes que acarretam.

Já vimos que a alma, na outra vida, se reveste dum poder jamais exercido por homem algum, podendo aprisionar outras almas, se houver motivo para isso. Os motivos são os pecados próprios ou de um membro da família ainda vivo ou mesmo já falecido.

Portanto, quando alguém adoece, fazem imediatamente sacrifícios ao «tei», para que a alma do enfermo recupere a liberdade perdida e a pessoa se cure. Se a doença se agrava, recorrem ao Ina-Harânu, para que indague a causa da prisão da alma do doente e consiga, por todos os meios ao seu alcance, quebrar as prisões que a algemam.

A primeira coisa que o vidente faz, depois de visitar o enfermo, é matar um frango. Investiga-lhe as entranhas, sòzinho ou, por vezes, acompanhado de algum prático da sua confiança, observa-as bem e descobre o que motivou a doença, ou seja a prisão da alma do paciente.

Apenas o Ina-Harânu penetra nestes mistérios e é o único a dar a sentença:

— «Aquele vosso parente que morreu não tinha pago uma dívida; um parente vosso, muito afastado, que não conheceis, prejudicou, ou tem uma dívida para com um membro de outra família.»

Com termos deste jaez deixa pelo incerto a certeza do delito.

Por vezes, a família do doente afirma que nem ele nem outro membro fizeram dívidas ou prejudicaram pessoa alguma.

As escusas não são aceites; se não fizerem um sacrifício indicado não lhe libertarão a alma. Aliás, submetem-se com facilidade para afastar o furor do curandeiro, que pode invocar o poder dos seus

«teis» e fazer cair males muito maiores sobre a família.

Nem sempre o Ina-Harânu dá com a causa do mal. Quando isso acontece, leva outro frango, vai para casa e sacrifica-o ao seu «tei» preferido; come a parte que lhe é devida, bebe uma porção de «tuaca», que o faz dormir bem, e ordena que lhe atirem punhados de arroz quando estiver a dormir, para que as almas venham comer alguns grãos antes de caírem no chão e o façam sonhar com as causas que levaram à prisão da alma do enfermo. Recomenda também à família do doente que faça a mesma coisa para que as almas o ajudem a sonhar melhor.

Se o enfermo se cura, o Ina-Harânu cresce na estima e admiração gerais e o seu «tei» vai-se tornando mais notável. Se morre, é porque existe outro «tei» mais forte que não o deixou livrar a alma, ou porque não foram bem cumpridas as prescrições recomendadas.

No caso de cura, se a família tem meios, o vidente pode exigir um porco, uma cabra, ou mesmo um búfalo para o seu «tei».

Em terceiro lugar, como motivo de doenças, há os malefícios.

Existe uma crença segundo a qual existem homens muito maus e com poderes sobrenaturais, os «atcháru», espécie de bruxos ou lobisomens, que se alimentam de almas ou mesmo de cadáveres.

Erram pelas florestas nas noites de luar e há

quem diga que os viu pendurados nas árvores, de cabeça para baixo como os morcegos. Se a pessoa lhes pergunta o que estão a fazer, respondem:

— Estou a descansar.

Também há quem afirme tê-los visto, cerca das 11 horas da manhã, sob a forma de cavalo e pés de porco, atravessar os campos e as aldeias em corrida tão vertiginosa que ninguém seria capaz de alcançá-los.

É, sobretudo, nos doentes com febres intermitentes que exercem a sua acção maligna.

Os curandeiros especializados em casos destes, ao serem chamados, bebem um copo de «tuaca» e declaram que o doente alberga nos intestinos uma legião de ratos que lhe devora a alma a pouco e pouco. Emprega todo o poder da sua ciência para expulsar esses ratos do interior do enfermo. Por meio de ofertas e sacrifícios aos «teis» conseguem-se bons resultados à noite, mas, de manhãzinha, eles tornam a entrar sem que ninguém os veja. Como prova do que os curandeiros afirmam, o paciente acha-se melhor à noite, mas piora de manhã, quando os hóspedes inoportunos voltam a entrar.

Trava-se, então, uma luta de vida ou de morte entre o curandeiro e os ratos que vão devorando, aos poucos, a alma e os intestinos do pobre paciente, não querendo largar a sua presa. Se o curandeiro consegue expulsar os ratos, o doente cura-se; de

contrário, os roedores acabam por comer a alma ao desgraçado e este morre.

A maldade dos bichos não fica por aqui, visto que, consumidas as entranhas do pobre enfermo, convertem-se em «atcháru» (lobisomens) e ficam prontos a entrarem nos intestinos de outras pessoas, a fim de lhes devorarem as almas. É por isso que evitam tratar com todos os homens suspeitos de «atcháru», e fogem mesmo da vista deles.

A «aca», ou serpente imaginária, também pode produzir doenças.

O neto do rei afirmou-me que, quando uma pessoa apanha um susto, a alma sai do corpo. É por isso que as pessoas batem no peito, a fim de chamar a alma. Quando a impressão do susto passa, quer dizer que a alma reocupou o seu lugar.

No entanto, se houver perto uma «aca», apanha a alma e fica com ela. A pessoa começa a sentir-se mal, adoece, e, se não consegue libertar a alma com esconjuros que só eles conhecem, o indivíduo morre sem que haja remédio que o cure.

Finalmente, a paralisação da alma é outro responsável pelos sofrimentos desta gente. Manifesta-se por fortes dores de cabeça, opressão no peito e pontadas dos lados.

Para estimular a alma, se o enfermo for homem ou rapaz, aquecem uma catana ao lume e, com ela, queimam-lhe as costas, o peito, o rosto, todas as

partes do corpo que lhe doerem. Até para curar a dor de dentes empregam este método.

Se a pessoa for rapariga, aquecem umas sementes, parecidas com as da alfarrobeira, e põem-lhas em fila, muito certinhas, à volta da cabeça, apertando-as com um pano. As cicatrizes das queimaduras ficam gravadas na testa, o que nos dá a impressão de que as mulheres assim tratadas andam com um terço atado à cabeça.

Além dos remédios que ficaram apontados, usam ainda a mudança de nome, que, sendo o doente criança, é o último recurso quando a acção dos curandeiros se mostra impotente.

Se o enfermo é um rapaz, há um tio que, de combinação prévia com os pais, oferece o seu nome ao sobrinho para o curar. Se a oferta é aceite e o doente se cura, passará a usar o nome do tio, e este usará outro.

Se for uma menina, será uma tia a oferecer-lhe o nome.

Dando-se o caso de o enfermo não ter tio nem tia, nem ninguém que esteja disposto a fazer a troca, serão os próprios pais a dar o nome à criança.

Parece isto indicar que, com a troca do nome, o doente recebe uma alma nova, visto que a que tinha não lhe servia já, porque não foi possível libertá-la. Também se pode inferir que, com esta mudança, o espírito que prendia a alma fica ludi-

briado e a larga, convencido de que já não é a mesma.

Dado o caso de o tio dar o nome à criança, a alma do sobrinho passa para ele, mas liberta das prisões com que a malvadez da outra alma a tinha retido.

## CAPÍTULO XIV

*O paraíso e o inferno — Como encaram a morte — Sinalização dos mortos*

Desde que se admita a existência de Deus e da alma humana, admite-se, consequentemente, a existência de castigos ou de prémios pelas más ou boas acções que se praticaram nesta vida.

Quando perguntei ao rei de Nári onde estava o céu ele respondeu-me sem hesitar, apontando para o firmamento:

— «Hiane!» (lá em cima).

— E o inferno onde está? («alivana caparana, tenáe?»).

— «Mutchune» (ali dentro) — disse apontando para a terra.

— E que há lá dentro?

— «Utcha!» (fogo).

Como todos os timores, acredita numa vida futura, sem saber dizer bem em que consiste, mas

materializando o prémio e o castigo à semelhança do que acontece neste mundo.

As classes superiores, os «ratos» (nobres)[1], passam a vida em ociosidade contínua, com jogos, caçadas e festas, enquanto o «acânos» (escravos), que vivem no meio das florestas, estão amarrados ao trabalho, sem descanso nem remuneração condignos.

Assim, para dar uma ideia das penas infernais, afirmam que os maus irão trabalhar sem descanso, levando pedras de um lado para outro, o que nos faz recordar o suplício de Sísifo. Ouvi também dizer a outros que os maus irão para o fogo, mas não sabem precisar se o castigo é eterno ou se a alma se consome nas chamas.

O paraíso não é mais do que o convívio com as almas dos parentes, sem cuidados, nem doenças, nem nenhuma das preocupações que afligem a pobre humanidade. Pela maneira como falam depreende-se que a vida no paraíso é eterna, pois repetem com frequência a palavra «ihaem, ihaem» (sempre, sempre).

Uma das coisas que mais atemorizam o rei é a ideia de se separar dos seus na outra vida, o que equivale à condenação eterna. Do mesmo modo, nada o conforta mais do que a ideia de ir reunir-se aos parentes e amigos já falecidos.

É curioso observar estes velhos, caquéticos, entrevados, sem esperança de melhorar, sem forças

e sentindo a vida fugir-lhes, seguindo com singular afã os preparativos da festa que há-de seguir-se à sua morte, dando ordens e fazendo disposições para que tudo corra normalmente, sem deficiências nem descontentamentos. Há os que chegam à minuciosidade de dizer quantos estrados se hão-de fazer ([1]) e de determinar os lugares onde as outras famílias terão assento durante a «lala».

Recomendam, especialmente, que não esqueçam as ofertas às almas em momento tão solene. Recordam as dívidas que os vizinhos têm para com eles, contraídas em ocasiões semelhantes, como: Fulano deve-me tabaco, que lhe dei quando o pai morreu; deve trazê-lo quando eu morrer.

Ordenam o sacrifício do maior número possível de vítimas porque crêem que elas os hão-de acompanhar, ao juntarem-se às almas dos parentes. A lembrança de que levam à frente esses búfalos, cavalos e porcos suaviza-lhes o temor da morte e dá-lhes coragem para afrontar o que haja de terrível e ignoto no Além.

É crença que, quando as almas vêem chegar outra, vão ao seu encontro e a primeira coisa que observam é o acompanhamento com que a recém-

---

([1]) Costumam fazer estrados de bambu, com cerca de um metro de altura, onde se acomodam os membros das outras famílias para comer enquanto durarem as cerimónias.

-chegada se apresenta. Se leva muitas vítimas imoladas, as almas dos ricos dizem:

— Deve ser alguém da nossa família.

Daqui provém o seu interesse em que se sacrifique o maior número possível de animais, para fazer boa figura com a comitiva oferecida por parentes e amigos na ocasião do funeral.

Cada família tem o seu sinal convencional próprio e pelo qual os que morrem são reconhecidos pelas almas dos parentes ao chegarem ao termo da viagem. Esse sinal pode ser uma tira de pano na mão esquerda, na cabeça, num pé, conforme a tradição familiar.

Deste modo, quando as almas vêem chegar uma outra com o sinal da família, reconhecem-na e levam-na com elas, para que lhes dê notícias dos parentes que ficaram na Terra, enquanto é feita a distribuição dos presentes levados pela recém-chegada.

Estas crenças baseiam-se no princípio da autoridade porque, se lhes perguntamos como sabem que as coisas se passam assim, respondem:

— «Lafitcháru táa!» (os velhos dizem que é deste modo) — o que é o mesmo que dizerem que os que sabem mais do que eles, pela maior experiência e pela obrigação de ensinar, os instruíram nestas coisas transcendentes e indispensáveis à felicidade futura que consiste em encontrar os parentes e amigos depois da morte.

## CAPÍTULO XV

### *As festas*

A aspiração de ser feliz é tão natural no homem como o seu desejo de viver. Os timores sentem, como todos os homens, esta aspiração. Como tal organizam as suas festas, mais ou menos ruidosas, onde comem, bebem, cantam e dançam. Tirar-lhes as festas seria mutilar-lhes a vida, e, visto elas serem uma necessidade, vejamos as principais que eu conheço, e que andam ìntimamente ligadas com a sua maneira de ser.

«Lipálu» é a festa do casamento.

No dia marcado, a família do noivo vai buscar a noiva a casa desta, onde já está preparado um jantar de que só podem participar o noivo e os parentes dele. À tarde, a família da noiva acompanha-a à sua nova casa, com vivas, gritos e cantos, e deixam-se lá ficar até ao dia seguinte, sem comer.

No outro dia todos comem, bebem e dançam, observando certas regras tradicionais e bastante complicadas. A festa pode durar um ou mais dias, e mesmo semanas, conforme a quantidade de búfalos mortos e de arroz que haja para comer.

«Pohênu» é uma festa que se realiza quando duas famílias combinam as condições para o matrimónio entre membros das mesmas. O pai da noiva mata um porco ou, se não o tiver, duas cabras, de que só pode comer a família do futuro marido. Os parentes da noiva comerão carne de outra cabra.

Combinado o casamento, escolhe-se o dia da entrega mútua dos presentes e, então, há a festa do «tuatênu». O pai do noivo faz a entrega dos búfalos, cavalos, «mutiçalas» (colares) e espadas; o pai da noiva dá panos, brincos, pulseiras e outros enfeites, tudo isto durante bons jantares, alegrados com o «sikiri», que é uma dança popular.

O «hôruhôrúnu» é uma festa que denota certos princípios de cooperação entre os timores, especialmente entre os chefes.

Quando um constrói uma casa, o que pode levar cinco, dez ou mesmo quinze anos a fazer-se, é natural que contraia dívidas. Nesse caso, todos os outros, os parentes e os amigos, concorrem com búfalos, cavalos, dinheiro, tudo quanto possam, ficando a pessoa que recebe obrigada a restituir a oferta logo que os outros necessitem. É uma espécie de empréstimo sem juros.

Às vezes, um chefe precisa de juntar, por qualquer motivo, cem patacas. Convida alguns amigos para comerem um porco com arroz, milho e «tuaca»; cada convidado leva as patacas estabelecidas, e o devedor paga-as quando for convidado a comer outro porco em casa de outro chefe.

Pela inauguração da nova casa há festa rija que dura tantos dias quantos os permitidos pela quantidade de animais abatidos, e que é regada com muita «tuaca» e alegrada com danças.

O sacrifício de búfalos, cavalos, porcos e cabras, em honra de um morto, e em que participam as almas dos parentes falecidos, chama-se «lalalátchi». O cadáver, embrulhado numa esteira, ou em panos, está presente até que toda a família esteja reunida. Entretanto, comem a carne dos animais abatidos, só se dispersando depois de enterrado o corpo.

Mas, se calha faltar algum parente durante o «lalalátchi», faz-se outra festa em honra do morto quando aquele aparecer. Essa festa é o «tcháru», menos ruidosa do que a anterior e que pode também fazer-se como simples homenagem em memória do falecido.

Do «Massulé», pela sua importância religiosa e social, trataremos a seguir.

## CAPÍTULO XVI

*O «Massulé» — Preparativos — Conselhos do rei ao Telucoro — A cerimónia*

O «Massulé» é constituído por um conjunto de cerimónias que não me atrevo a definir, mas é um acto essencial para os habitantes de Nári, e de toda a região oriental da ilha, pelo significado que encerra e pela grande importância social e religiosa.

Celebra-se nos fins de Fevereiro ou princípios de Março, alguns dias antes da Lua Nova, se não tiver havido algum óbito na comunidade nos dois meses anteriores.

Quando lhe parece oportuno, o rei avisa o seu povo que se prepare para fazer o «Massulé». Dá ele próprio as suas ordens para serem abatidas as vítimas destinadas ao sacrifício. Apenas no ano de que falamos ele encarregou o Telucoro de ordenar e vigiar tudo, para que nada faltasse na grande

festa, pois queria que o seu sucessor se habituasse a fazer o que lhe vinha ensinando, havia anos, sem esquecer o mínimo pormenor.

Fixado o dia, as mulheres dirigem-se às hortas, a fim de apanharem o milho preciso para a festa, levando um laço cingido na fronte. Os rapazes em idade de casar, com uma faixa vermelha atada à cabeça, vão ao mato apanhar o «aiano» para a grande cerimónia. Os homens, nesse ano em que tanto se fizera sentir a falta de milho, foram apanhar umas cabras, um porco e outros animais para serem sacrificados no grande dia, tão desejado e suspirado por todos.

A povoação de Nunutchêno tomou um aspecto singular: as raparigas traziam mato para as fogueiras, e as mulheres vinham chegando, ajoujadas debaixo dos «leus» (ceiras compridas) com espigas de milho. Os homens tinham uma faina mais nobre: matavam, chamuscavam e esquartejavam as vítimas para o grande sacrifício.

Devido à penúria dos tempos que iam correndo, este «Massulé» não se podia comparar, nem mesmo vagamente, com os de antes da guerra, quando os búfalos abundavam, pendentes dos gondões.

Velhas e garotos colocavam nos seus lugares as pedras que deviam servir de trempe às panelas; alguns miúdos, de mais longe, espremiam os intestinos das cabras, para lhes despejarem o conteúdo,

enquanto outros davam uma ligeira lavagem aos do porco [1].

Como a colheita do ano anterior fora má, encontravam-se pessoas que não comiam milho havia alguns meses. O rei, bom patriarca e amigo dos súbditos, compartilhava das suas alegrias e tristezas, da abundância e da escassez.

Para os miúdos, aproximava-se a hora de se fartarem de milho mas, se algum mais cobiçoso deitava a mão a uma espiga, era repreendido pela mãe ou pela avó, que lhe diziam, imediatamente:

-- É «tei»! Ainda não se pode comer.

Era quase noite. O rei, acompanhado pelo Telucoro, deu uma volta ao arraial. Observou tudo, deu ordens, fez recomendações e exortou-os a todos a que se preparassem bem para o «Massulé». Depois disse:

— «A penúria dos tempos não permite, como dantes, abundância de vítimas. No gondão onde outrora se penduravam quatro ou cinco búfalos com cabras e porcos, temos agora só um porco e

---

[1] Os timores não lavam os intestinos dos herbívoros; espremem-nos e cozem-nos para os comerem.

Um dia perguntei:

— Porque não lavam as tripas?

— Oh, senhor! O animal não come nada de mau. Por isso, o que está dentro dele é bom.

No entanto, dão uma ligeira lavagem às dos porcos e cães.

duas cabras. No entanto, os «teis» são os mesmos, e o Grande também é o mesmo. Eles são imutáveis, por isso as suas obras são perfeitas.

Os homens é que mudam. Os japoneses, que nos tiraram tudo, passaram. Deus não passa. Deus abençoar-nos-á a nós, e à terra de Nári; a abundância há-de regressar a esta terra.»

O Sol já estava no ocaso e uma brisa fresca da tarde obrigou o rei a retirar-se para o interior da palhota, acompanhado pelo filho. O velho aproveitou a oportunidade de estarem a sós para, enquanto atiçavam o fogo quase apagado, fazer estas sábias recomendações:

— «Meu filho! Estou já velho e fraco; faltam-me as forças e não deve vir longe o dia em que irei juntar-me às almas dos nossos parentes que se banham nas fontes sagradas de Nári.

Quando eu morrer, tomarás o meu lugar no «Massulé». Repito: faz bem o «Massulé» e os sacrifícios aos «teis». Os sacrifícios são grandes, mas o «Massulé» é maior. Eu tenho procurado fazer bem o «Massulé», por isso «Afi Otchava» me deu dezanove filhos, prova de que está satisfeito comigo. Faz o mesmo, e ele ficará satisfeito contigo. Agora, presta atenção ao que te vou dizer; digo-te só a ti, e mais ninguém deve sabê-lo.

Não deves matar, não deves mentir, não deves roubar. Se roubarmos, morreremos depressa;

se dissermos a verdade morreremos de velhos. Ensina a cuidar das hortas, a semear milho, a criar porcos e a comprar búfalos. Não exerças violências sobre ninguém, porque o Senhor zanga-se. Ensina isto aos irmãos mais pequenos e aos teus filhos. Deves afastar de ti os filhos maus, manda-os para casa das mães, para que não fiquem perto dos bons e os estraguem. Faz isto, e Nosso Senhor dará aos teus filhos muitos búfalos, cavalos, porcos e milho. Quando eu morrer enterra-me no segundo dia porque o meu corpo podre só te dará incómodos. Nosso Senhor disse estas palavras, há muito tempo. Estas palavras são grandes; não as esqueças.»

Como se verifica, dada a falta de categoria em que é tida a mãe timor, o rei só a menciona para que os filhos maus sejam mandados para casa dela, a fim de não corromperem os bons.

O rei continuou:

— «Põe em prática todas estas recomendações e, «Afi Otchava», os «teis» e as almas dos nossos antepassados hão-de proteger-te como me protegeram. Não te esqueças das fontes sagradas onde as almas dos nossos parentes se purificaram, e onde nós, um dia, teremos de nos purificar. Ainda tenho muitas coisas a dizer-te mas, agora, vou descansar. Quando forem horas, chama-me.»

O velho deitou-se na esteira e acomodou-se o melhor que pôde. O Telucoro, após ter atiçado os cavacos da fogueira, saiu da palhota e foi para

o arraial, juntar-se aos amigos que vagueavam em volta das panelas.

Os cocos, o «aiano», a areca, o «malaho», já tudo estava preparado. A garotada fazia grande algazarra, havendo miúdos que não se tinham deitado nem deixado ninguém dormir. Outros, mais sonolentos, afastavam-se e pediam que os chamassem depois.

Grupos de homens e de mulheres, separados uns dos outros, rodeavam as fogueiras e comentavam os «Massulés» de outros tempos, que eram uma maravilha comparados com aquele, o que não admirava, pois os «nipon» nada lhes tinham deixado.

À medida que o tempo passava, a animação decrescia e começavam a aparecer os velhos, que já tinham dormido bastante desde a tarde anterior.

De madrugada ouviu-se o som dum chifre de búfalo ressoar pela selva, tocado por um homem chamado Verira. Era o sinal: indicava que todos se deviam reunir, para que o rei não esperasse quando viesse acender o lume novo.

O rei não tardou a chegar. Examinou tudo, para ver se nada faltava, e deu início à primeira parte da grande cerimónia, que consiste em acender o lume novo, o fogo sagrado, para cozer o milho e a carne.

Trouxeram uma cana rachada ao meio, donde rasparam uma espécie de penugem que meteram

dentro de outra cana, por um buraco feito perto do nó. Verica e Telucoro seguravam na segunda, enquanto o rei, usando a cana rachada como se fosse uma lima, começou a friccioná-las com força até que se produziu um fumo ténue e as raspas começaram a arder, com grande alegria dos presentes.

Agora todos queriam acender o seu lume primeiro do que os outros; o rei teve mesmo de ameaçar alguns garotos mais atrevidos que, contra todas as regras e costumes, queriam levar o fogo.

Foi acender o lume debaixo do seu panelão, quase vazio porque a carne era pouca. Quando a lenha começou a arder ouviu-se uma revoada de gritos e exclamações selvagens que atroaram os ares de Nunutchênu, sinal da alegria que transbordava das almas daqueles filhos das selvas.

A grande estrela não tinha nascido ainda, e os cálculos mais acertados previam que as panelas teriam tempo de começar a ferver antes que ela aparecesse. Na copa de um coqueiro, um rapaz vigiava o horizonte, pronto para dar sinal, mal a visse despontar.

O ajuntamento animava-se. Algumas panelas já ferviam, outras principiavam a ferver e toda a gente se impacientava com o nascimento da grande estrela. O oriente revestia-se da claridade que precede o alvorecer do Sol; as cabeças viravam-se para o rapaz que estava no coqueiro.

De súbito ouviu-se um grito prolongado que vinha lá de cima:

— «Ipinaca ilafai, hai suké!» (A estrela grande já nasceu!).

O rei, na sua qualidade de Sumo Sacerdote, ordenou que se pusessem na ordem já conhecida e que era a seguinte: primeiro, os homens casados que tinham filhos; a seguir, os homens casados e sem filhos; depois, os rapazes solteiros e, por último, os garotos.

Do lado oposto colocavam-se as mulheres, segundo a mesma ordem.

O momento era solene e o silêncio absoluto, porque todos sabiam bem que o sacerdote não consentiria coisa alguma imprópria da solenidade do acto que ia realizar-se.

O oficiante dirigiu-se a uma clareira que ficava perto, e não foi sem emoção que viu assomar, ao longe, entre os gondões, a grande estrela da manhã. Era o sinal que indicava que podia começar a grande cerimónia do levantamento da proibição de comerem os alimentos que, naquele ano, «Iotchava» lhes dera com abundância.

Tomando um ar ainda mais grave, aquele homem que raros tinham visto rir observou se todos estavam preparados. Então, com voz cansada mas forte, fazendo-se ouvir por aquelas centenas de pessoas, quebrou, solenemente, o silêncio religioso, dizendo:

— «Fulumé tufé-tufé fai! Ucâni, etche, utué, faté, limé, nené, fitu.»

Enquanto falava, ia cuspindo, sete vezes, nos ouvidos dos presentes e, depois, a meio de silêncio absoluto, continuou:

— «Virahana, tei fai!» (Ofereçamos arroz cozido ao «tei»).

Fez sete montículos de arroz cozido e de carne, para oferecer, em sacrifício, ao Grande, e prosseguiu:

— «Pupulé, emassulé fai, tchipi fulumé!» (O fumo sobe. Fazei o «Massulé» e esfregai a testa com saliva).

Toda a gente cuspiu nas mãos e esfregou a testa com saliva. As mulheres que tinham filhos pequenos fizeram o mesmo às crianças.

O rei continuou:

— «Aiânu tein ailé, lácu tia, tchipi fulumé» (Tomai o *aiano* sagrado, mascai a areca e esfregai a cara).

Mastigou, ele mesmo, a areca com cal e cuspiu sete vezes nas orelhas de cada um, gritando:

— «Fuoohh!» (Fora! — referindo ao mal que pudesse haver neles).

A seguir esfregou aos presentes, que estavam de mãos erguidas, os dedos polegares e a testa com saliva; as pernas e os braços com carne.

Acabado isto, todos se dirigiram a uma encru-

zilhada existente à entrada da povoação, depois de o oficiante ter pronunciado:

— «Ulupá tein herere eme, ia útu lácu!» (Tomai cinza sagrada e espalhai-a pelo caminho).

Ele, à frente do cortejo, lançava punhados de cinza, que trazia numa tijela de coco, para o ar, e gritava:

— «Tchopé láa! Tchopé láa!» (Afastai-vos! Afastai-vos! — referia-se aos espíritos malignos).

Chegado ao cruzamento, gritou, outra vez:

— «Fuoohh!».

Espalhou cinzas pelas quatro direcções, a fim de que os maus espíritos não transitassem por aqueles caminhos, e, depois, voltou para o arraial, seguido pela procissão dos habitantes, e continuou:

— «Aiânu teinu, maláhu teinu, pua teinu. Aiânu imassulé, tia imassulé, pua imassulé, fulumana fai». (*Aiano* sagrado, *malaho* sagrado, *pua* sagrada, *aiano* não sagrado, areca não sagrada, *pua* não sagrada, cuspam tudo) ([1]).

Aqui, o «maartei» fez uma exortação aos presentes, acerca da cerimónia que estava prestes a findar, e na qual lhes recomendava, de modo especial, o respeito e veneração aos «teis», para que o Grande não os desamparasse. Não consegui recolher as palavras do que disse.

---

(1) *Aiano, pua,* etc. são nomes de frutos.

Finda a exortação tomou uma faixa de pano encarnado e foi-a colocando na cabeça, enquanto dizia:

— «Pai fóot! Cassácu tchau cilé!» (o porco está em pedaços! Cinjam as cabeças com os panos)[1].

Cortou um pedaço de carne e meteu-o na sua panela; os outros esquartejaram o animal, para cada chefe meter o seu bocado na panela respectiva.

— «Puhu teinu! — prosseguiu. — Lafúru teinu, atacha teinu, ulupa teinu, leura teinu, fóo-fóo tana fai!» (panela sagrada, lareira sagrada, fogo sagrado, cinza sagrada, carne sagrada está em pedaços).

Sentia-se cansado mas, tomando novo alento, continuou:

«Aiânu teinu ailé, laicu imassulé, laicu teinu eruhé, laicu imassulé eruhé!» (Tomai o *aiano* sagrado, tomai a areca sagrada e não sagrada, tomai tudo).

No meio do profundo silêncio ia soprando nos ouvidos dos presentes e pronunciando umas palavras cujo sentido ninguém, a não ser ele, compreendia. Terminada esta operação, disse:

— «Couné, tufé tufé fai!» (Ainda está escuro; cuspam, cuspam).

Como um rebanho de cabras que começasse a espirrar, assim os assistentes começaram a soprar e a cuspir.

— «Ipinaca lafai hiamoi!» (a estrela grande

está alta) — disse o rei. — «Naunopé, tchêru tchêru, mauére, tufé tufé fai!» (Já rompe a manhã. Chamem todos e cuspam, cuspam todos).

— «Láicu massulé men, láicu teinu men, tchene teinu hapi!» (Tomai e mastigai a areca sagrada e não sagrada. O milho já está sagrado) — foram as palavras que disse antes de, finalmente, pronunciar:

— «Vata ira fulumé, em vata ira em mau, máaru tóuru paciké!» (Tomem a água do coco e cuspam. Venham buscar todos a água deste (coco) e cuspam!).

Toda a gente encheu a boca com água do coco e se começou a espargir mùtuamente, numa gritaria infernal, dando saltos e gritos inarticulados com que costumam demonstrar a sua alegria.

A tempestade foi serenando a pouco e pouco. Seguindo o exemplo do rei, aproximaram-se das desejadas panelas que continham a carne e o milho.

O velho sentou-se, pegou num prato de comida e todos o imitaram.

O Sol, já alto, iluminava com a sua luz, coada pela ramaria dos gondões, aquela gente sôfrega, farta de esperar, que parecia querer devorar com os olhos a comida que desejava meter na boca. Finalmente fez-se a distribuição.

O silêncio tornou-se quase completo, interrompido apenas pelo choro de alguma criança e pelo mastigar daquela gente faminta.

Podia, com rigor, aplicar-se o provérbio latino que, referindo-se a banquetes, diz: «primum silentium; secundum stridor dentium; deinde confusio gentium», isto é: «primeiro, o silêncio; segundo, o estridor dos dentes; depois a confusão das gentes».

Foi isto mesmo que, finalmente, sucedeu com essa multidão já farta e satisfeita.

O rei, também saciado, e contente com o modo como a cerimónia decorrera, vendo que os outros tinham acabado de comer, levantou-se, majestosamente, no que foi imitado por todos, e, pegando numa tijela de caldo com restos de milho e carne, fez sinal para que todos se calassem. Depois, dominando o arraial com o olhar, gritou:

— «Tchoopé!» (Afastai-vos para longe, espíritos maus).

Cada um pegou na sua tijela e, de olhos fitos no rei, viram-no levar a tijela à boca e pronunciar, baixinho, umas palavras misteriosas que nem ele compreendia e, a seguir, autoritário e imponente, gritar:

— «Fulumé, tufé tufé fai!» (Cuspam todos, sofrem muito!).

No meio duma explosão de gritos e espirros que atroavam a floresta começaram todos a esfregar o corpo com o caldo, à imitação do rei, que, esperando um momento de silêncio mal contido, concluiu com as palavras que já poucos ouviram:

— «Tei fâni!» (Alimentai o «tei»).

Os restos de comida que havia nas tijelas foram atirados ao ar, por entre gritos e saltos de alegria, índice do prazer daquele povo primitivo.

Estava terminado o «Massulé» e levantada a proibição de comer milho e outros frutos; o rei, fatigado mas risonho, dirigiu-se à palhota.

A multidão farta, embora um pouco cansada, começou a dispersar-se, e daí a pouco tempo apenas se viam no local algumas mulheres a recolher as vasilhas utilizadas na festa, e os cães que iam rilhando os ossos que os donos não tinham conseguido devorar.

## CAPÍTULO XVII

*Apreensões do rei — Os «nipon»*

O «Massulé» tinha deixado o rei satisfeito; a abundância de milho era comprovada pelo chegar constante de mulheres ajoujadas debaixo de enormes «léus» de espigas, sinal certo de que, nesse ano, a fome não os visitaria.

No entanto, deram-se factos que, por mais que pensasse, o rei não conseguia explicar. O ano anterior fora de penúria, pior ainda, de fome. Além de a colheita ter sido fraca, os ratos haviam destruído grande parte da produção. Havia famílias que, nos últimos seis meses, não tinham provado milho, alimentando-se com folhas de árvores, ervas e alguma batata-doce que ainda havia pelas hortas. Não obstante essa miséria, ninguém adoecera, mas agora, que a abundância trouxera alegria, começaram a aparecer doentes, alguns dos quais morre-

ram. A notícia de que o neto Zévatau tinha adoecido preocupou bastante o rei.

Outro facto, de menos importância, mas que não lhe passou despercebido, foi a ausência de outro neto no «Massulé». Nos outros anos, esse neto era o fulcro de animação do rapazio; agora, andava na Missão de Fuiloro, mas esse facto não pareceu ao velho motivo bastante para faltar à cerimónia, visto que os outros também lá tinham ido.

Tudo isto, e as contrariedades por causa do casamento do Telucoro, que contarei adiante, veio anuviar a satisfação provocada pelo «Massulé».

Tinha visto tantas coisas, presenciara tantas mudanças nos últimos sessenta anos, desde a vinda do Savarica, que lhe deu um longo período de paz e bem-estar, até à chegada dos «nipon», que o tinham deixado pobre e sem recursos, que não estranhava estarem iminentes novos acontecimentos, como tudo fazia prever.

Quando o Savarica veio, o minúsculo estado de Nári servira de asilo para muitos parentes, amigos e vizinhos a quem o terror empurrara para aquele refúgio. Foi um período de medo passageiro, seguido de sessenta anos de paz e tranquilidade. Vira depois o seu reino assolado pelos «nipon», de um modo que nunca tinha acontecido antes.

Agora ouvia dizer que os missionários estavam

estabelecidos em Fuiloro e ensinavam coisas com que ele nunca poderia concordar.

Quando uma mulher narrou em Nunutchênu que os missionários tinham morto um jacaré, foi tal o horror que a notícia causou, que as mães taparam os ouvidos aos filhos pequenos para que não ouvissem a narração desse acto sacrílego, desse desacato feito ao *avô* (1).

É verdade que, quando as chuvas começaram a faltar, os jacarés desapareceram da única lagoa da região, situada ao fundo da clareira ocidental de Nári, mas, não obstante, ainda os veneravam como se lá estivessem.

O rei, triste e melancólico, vislumbrando tragédias para um futuro próximo, sentenciava, em tom profético:

— Grandes calamidades estão para cair sobre nós, pois nem o *avô* é respeitado.

---

(1) Os timores admitem a transmigração das almas dos antepassados para o jacaré, onde continuam a viver, e chamam avô ao animal.

Perto da Missão de Fuiloro há vários charcos onde aparecem jacarés. Um dia um desses bichos apanhou uma cabra da Missão e o rapaz que as guardava veio avisar-nos. Foi a sentença de morte do jacaré: uma boa pontaria, um pulso seguro e sem medo, duas descargas de zagalotes e o anfíbio teve os dias acabados.

Com as lágrimas nos olhos, os trabalhadores tiraram-lhe a pele e explicavam, para se consolarem:

— O avô fez um pecado e por isso morreu.

Numa inspiração súbita, mandou apanhar um galo, dirigiu-se ao bosque sagrado e fez aí um sacrifício, para que os «teis» preservassem a sua família dos perigos que pressentia iminentes.

## CAPÍTULO XVIII

### *As fontes sagradas: Utchanira, Umunira e Tchenira — O cão e o porco petrificados*

Deixando o rei na floresta sagrada a praticar os seus actos de expiação pelos agravos feitos ao *avô*, vamo-nos às fontes sagradas, lugar muito venerado e respeitado por todos, cheio de lendas intimamente relacionadas com a vida e a história do nosso rei e da sua família.

Existem em Nári três fontes, próximas umas das outras, que, se exceptuarmos as duas de Nunutchênu, que secam durante a estiagem, e os lagos que se formam por ocasião das chuvas, fornecem a única água do planalto de Tchiáru.

Utchanira, Umunira e Tchenira são os nomes destas três fontes sagradas. Vamos agora referir-nos às lendas respectivas.

A palavra *utchanira* é composta de: «utcha»,

matar, e «ira», água, com o «n» intervocálico por eufonia.

Conta-se que, em tempos muito remotos, um ascendente do rei foi assassinado naquele local, sem ter cometido falta alguma. Passados dias, começou ali a correr água que vinha ensanguentada e diz-se que ainda nos nossos tempos aparecem nela gotas de sangue. Esse sangue é o dos mártires que têm perecido de morte violenta, em guerras ou assassinados, e que se vão banhar nas águas sagradas.

A explicação de que a água, por vezes, se apresenta cor de sangue deve provir do facto de passar por terrenos de barro vermelho.

O nosso rei foi sempre amante da paz e foi no seu reinado que acabaram as lutas com os vizinhos. No entanto, os seus antepassados eram guerreiros violentos e não toleravam que os apodassem de *mulheres,* insulto máximo que se podia dirigir a um desses valentes. É muito natural, pois, que nessas lutas tivessem morrido alguns, que vieram engrossar o número de heróis e mártires que deram a vida na defesa da comunidade.

Convencidos de que essas almas se vão banhar ali, que vagueiam por aqueles sítios e que, como entes protectores, estão dispostas a ajudá-los, ou a puni-los, nas várias contingências da vida, não falta quem vá ali fazer sacrifícios quan-

do morre algum parente ou quando têm necessidade dum favor dessas almas.

*Umunira* significa fonte dos mortos. O nome é composto de «umu», morrer, e de «ira», água. A lenda da sua origem é semelhante à da Utchanira.

Um dia, um antepassado do rei, passando por aqueles lugares, caiu e morreu. Desconhece-se a causa da queda, não se sabendo se seria um ataque apoplético, se cairia de um cavalo ou de uma árvore, mas conta-se que, desde aquele dia, começou a nascer ali água. Não trazia sinais de sangue porque o homem não tinha morrido a defender a comunidade nem assassinado. Não fora mártir, e é isso que distingue esta fonte da anterior.

O rei julga-se na obrigação moral de velar por essas fontes, a fim de atrair a protecção dos seus mártires e afastar de si e dos seus as maldições das almas dos parentes, o que sucederia se abandonasse os locais venerandos.

Bebeu com o leite materno essas histórias e lendas, confirmadas com exemplos que lhe não deixavam a menor dúvida. A provar-lhe a veracidade, ainda hoje existem, numa pequena elevação sobranceira às fontes, um cão e um porco que ficaram petrificados por terem entrado nas águas proibidas [1].

---

[1] Dizem os antigos que um dia viram sair do bosque um porco perseguido por um cão enorme e que, passando pelas fontes

O próprio rei, como já referimos no princípio deste livro, viu dois «nipon» que, desprezando os seus conselhos, beberam água da Utchanira e morraram no mesmo dia, antes do pôr do Sol, com a boca e a língua terrìvelmente inchadas.

A última fonte é a Tchenira, donde tiram a água para as necessidades ordinárias e cujo nome se compõe de «tchenu», que é o nome de uma árvore, e «ira», água.

Segundo a lenda, havia, em tempos remotos, um casal de jibóias que habitava um buraco onde hoje nasce a Tchenira. Um dia mataram uma delas; a outra fugiu para a toca onde continua a viver em perpétuo choro, e são as suas lágrimas a água que alimenta a fonte.

Quando chove, dizem que a tristeza da jibóia aumentou e a abundância das suas lágrimas se converte em chuva. Se a chuva é demais sacrificam um cabrito ou um leitão para lhe mitigar as mágoas e, deixando ela de chorar tanto, faça parar a chuva.

---

sagradas, subiram a elevação e, lá no cimo, começaram a brigar raivosamente. Como se calaram de repente, a gente do lugar aproximou-se e viu os animais convertidos em pedra.

Vista de lado, um pouco à retaguarda, uma das pedras dá, realmente, a impressão dum porco gordo enterrado até à barriga. Quanto à outra, seria precisa muita dose de boa vontade para ver nela um cão petrificado. No entanto, essas pedras lisas e redondas são as únicas que, na redondeza, se apresentam com este aspecto, visto que as outras estão carcomidas como uma esponja.

# CAPÍTULO XIX

*O casamento de Telucoro — Contrariedades — Cerimónia do casamento*

O Telucoro, filho preferido do rei de Nári, que lhe há-de suceder na dignidade de sacerdote, foi o menos bafejado pela sorte no que se refere à questão de casamento.

É verdade que não é mais valente nem mais elegante do que os irmãos. Pelo contrário: parece o mais desajeitado de todos os que conheço. Tem uma grande cicatriz na cara, que o desfeia bastante; gosta muito da «tuaca» e, por mais de uma vez, sob a influência da bebida, tem provocado desordens que o pai ignora.

Por outro lado, é excelente rapaz, muito respeitador, com grande veneração pelo pai, dócil e muito submisso.

Devido a estas qualidades, aperfeiçoadas depois que se fez cristão, julgo que o pai não errou em escolhê-lo para lhe suceder e transmitir aos vindouros os misteriosos conhecimentos de que é depositário e que não quer que se percam.

Todavia, circunstâncias várias fizeram deste filho o menos bafejado pela fortuna.

Antes da guerra o rei entregara, a um homem chamado Ratucoro, bastantes búfalos para pagar o «barlaque» da que iria ser sua nora. Ao chegar à idade do casamento a rapariga recusou-se e foi casar com um chefe vizinho que lhe oferecera mais búfalos.

O rei ficou muito aborrecido e mandou dizer ao pai da moça que, em vista de não ter cumprido o combinado, devia devolver os búfalos, porque havia mais mulheres solteiras do que homens sem palavra.

O pai da rapariga, porém, não estava pelos ajustes e, portanto, foi pessoalmente apresentar as suas desculpas ao rei, afirmando que a sua vontade era que a filha se tivesse casado com Telucoro. Como ela gostava mais do outro, não a quisera fazer infeliz, nem ao noivo prometido, obrigando-a a casar com um homem de quem não gostava. Todavia, tinha outra filha, um pouco mais nova, e não via inconveniente em casá-la com o Telucoro. Era questão de esperar apenas um

ano, se tanto, e tudo se resolveria sem que houvesse modificação no «barlaque» já combinado.

O rei, um pouco contrariado, concordou com a proposta para evitar arrelias, e combinou o casamento do filho com a Lapacoro, assim se chamava a rapariga, para o ano seguinte.

Entretanto, os missionários chegaram .a Fuiloro, e a moça foi uma das primeiras a frequentar o catecismo. Fez bastantes progressos, e foi indicada para fazer parte do primeiro grupo a ser baptizado na Missão.

O tempo passou, a data combinada aproximava-se, e o rei mandou dizer ao futuro sogro do filho que viesse ter com ele, a fim de fixarem o dia do enlace.

O caso, agora, era muito sério e complicado para o pai da moça porque, andando ela a aprender a doutrina cristã na Missão, não se atrevia a casá-la sem pedir licença ao missionário; constava que este era amigo do administrador da circunscrição e para esse lado não queria o homem sarilhos. Maldisse a sua sorte e o momento em que combinara o «barlaque» da filha, que tantas amarguras lhe trazia. Como em todas as dificuldades, houve alguém que viu as coisas com mais serenidade. Neste caso, esse alguém foi uma tia da rapariga, chamada Reiporo, que alvitrou:

— Porque não vão falar com o missionário, para ele resolver o caso?

Concordaram todos com tão feliz ideia e resolveram, naquela mesma tarde, ir expor o caso ao missionário.

Estava eu sentado à varanda da Missão, aproveitando alguns momentos livres para me dedicar à leitura, quando vi chegar a Lapacoro, o pai, a mãe, dois irmãos e um rapaz com uma grande cicatriz na cara, acompanhados do Vicente, o meu fiel intérprete, que retardava a marcha do grupo porque é coxo. Recebi-os, ali mesmo na varanda, e o Vicente foi expondo o motivo da respeitável embaixada, que consistia em obter licença para que a Lapacoro casasse com o rapaz da cicatriz, segundo as condições que as respectivas famílias haviam estipulado.

Empreguei todo o poder da minha argumentação para adiar o casamento, traduzindo o Vicente as minhas razões o melhor que podia. Insisti para que o noivo indicado viesse aprender o catecismo, casando-se depois, porque a rapariga, sem que os pais vissem, fazia-me sinais para que negasse o consentimento. Após uma hora de luta de raciocínios e argúcias para convencê-los, pareceu-me ter conseguido o meu objectivo e despedi-os, porque os julgava de acordo comigo. Longe estava eu de supor quanto me enganava.

O pai da rapariga abalou a pensar na melhor maneira de fugir às iras do rei; a mãe lamentava

a sua fraqueza, por não ter imitado a irmã, que não consentira que as filhas frequentassem a catequese; o Telucoro maldizia a hora em que os missionários tinham posto pé naquela terra e o Vicente, com o seu sorriso peculiar, ia repetindo o estribilho que usava em todas as lamentações:

— É assim, é assim.

A rapariga continuou a vir ao catecismo, e eu vivia satisfeito, na ingénua ilusão de ter obtido um grande triunfo diplomático, até que, volvidas algumas semanas, me vieram dizer que a Lapacoro casara e estava a viver com o marido.

O meu desapontamento foi completo e, para evitar arrelias, desinteressei-me do caso e dei por remediado o que já não tinha remédio.

Havia-se passado o seguinte:

Depois da conversa comigo, o Telucoro não se atreveu a aparecer ao pai; o futuro sogro teria feito o mesmo, se não fosse o seu dever de dar uma satisfação ao rei apesar de não querer contrariar o missionário.

No dia seguinte o pobre homem dirigiu-se a Nári, quase empurrado pela irmã, mais decidida e varonil do que ele. Estava o rei, à porta, observando uns cães que brigavam, quando viu o outro aproximar-se. Conheceu, pela fisionomia, que trazia más notícias e, por isso, perguntou logo:

— Vens anunciar-me o dia do casamento?

Mortalmente pálido, o outro respondeu com humildade:

— O missionário não quer...

— «Maupara tá úmu licare!» (Que o diabo vos espanque!). Queres tu, quero eu, que mais é preciso?

— O missionário diz que os casará quando ambos forem cristãos.

— O missionário que fique na Missão e nos deixe casar os filhos como sabemos e queremos! — respondeu o rei, que, com os olhos acesos de furor, continuou:

— «Maupara e cacale tá rau!» (Que o diabo te espanque). Maupara, arpô ucu cacale, cutcha ucu cacale, pipi cacale, tá úmu!» (Que o diabo espanque os búfalos todos, os cavalos todos e as cabras, até que morram).

Levantou-se e dirigiu-se ao mato, continuando a soltar uma série de imprecações que deixaram o outro sem pinga de sangue:

— «Pui, nana, maluru, mau atcha eme, tchau ramahe, somone!» (Gatos, cobras, malhafres, venham apanhar as galinhas, esmaguem-lhes as cabeças e levem-nas ([1]).

---

([1]) Os timores têm muito medo destas pragas e atribuem-lhes a morte ou desaparecimento dos animais, e mesmo das pessoas de família.

Assim que o pai da rapariga ouviu esta ladainha de pragas, virou as costas ao interlocutor, que continuava a vomitar impropérios, e dirigiu-se a casa. Ia esmagado sob o peso de tantas calamidades que lhe desejava aquele homem singular que todos temiam, sem atinar numa solução para o assunto.

Chegado a casa, a irmã sentenciou:

— Porque não se faz o casamento sem o missionário saber?

Estas palavras foram o véu que se correu e deixou patente a solução de um caso tão complicado e quase impossível de resolver e trouxeram alívio àquela alma torturada por tantas contrariedades imprevistas.

Os interessados reuniram-se e discutiram o assunto. Combinaram que o casamento se devia realizar quanto antes e, no outro dia, o pai tornou a encontrar-se com o rei, que ficou deslumbrado e satisfeitíssimo com a sugestão da mulher, tão simples e tão fácil, mas em qúe ninguém pensara.

Trataram de tudo no maior segredo, para que o missionário não viesse, uma vez mais, transtornar-lhes os planos. A rapariga ignorava o que se estava a tramar visto que, solteira, o seu dever era obedecer ao pai; casada, obedeceria ao marido.

Modificaram-se certas praxes não essenciais ao casamento, fizeram-se as entregas mútuas que ainda faltavam e, na véspera à tardinha, abalaram

para Pinu, terra de residência da mãe do noivo. Instalaram-se em casa dos parentes, onde se realizou a cerimónia da entrega da filha, como se estivesse na própria casa.

O pai da rapariga havia já mandado um porco gordo e, ali no meio da selva, poderiam matá-lo, comê-lo, cantar e dançar à vontade, sem receio de que o missionário os visse ou ouvisse.

O tio Latussó, homem prático e sabedor de tais assuntos, foi convidado a abrir o peito do porco, trabalho pelo qual recebeu uma pataca. Jéssoroto, outro técnico no desempenho desse ritual, foi incumbido de tirar as tripas, do modo que só ele conhecia, para as cozer, recebendo uma rupia. Um parente próximo da noiva extraiu os rins do animal e foi dá-los aos pais do noivo, que, sendo velhos, já não tinham esperança de gerar novos filhos. Outro parente cortou uma comprida tira de carne do abdómen do porco, desde as patas anteriores até às posteriores, para o noivo comer com o pai; às mulheres era vedado provar essa carne, sob pena de morrerem ou contraírem uma doença incurável.

Um velho tirou o baço da vítima, reuniu outros venerandos áuspices, e leram nele coisas mirabolantes, tais como: a noiva viverá muito e terá muitos filhos; haverá um caminho que trará os búfalos direitos à casa; será amiga do marido; não haverá

morte próxima de parente ausente, nem de parente afastado que esteja em perigo de vida.

Feito tudo isto, partiram o baço e comeram-no.

A seguir, o porco foi esquartejado e cozinhado com arroz. Apenas a família do noivo podia comer daquela carne, sendo proibido, no entanto, beber qualquer coisa, sob pena de serem multados em cinco búfalos ou num par de brincos de ouro.

Findo o repasto, foram buscar a noiva a casa duma tia, onde estava hospedada desde a véspera. Quando ela apareceu, com o seu vestido de festa, vários colares ao pescoço, os braços cheios de pulseiras e mais de uma dúzia de brincos nas orelhas, as raparigas amigas e conhecidas começaram a atirar-lhe punhados de arroz, enquanto se encaminhavam todos para casa do noivo, cantando:

— «Oh cèlelé! Oh cèlelé!» (Viva, viva). «Lapacoro inálu, lata mara» (Lapacoro vai ser mãe para a sua terra). «Oh cèlelé! Oh cèlelé!».

A mãe e as irmãs do noivo receberam-na em casa, com a etiqueta que o caso requeria.

Mal a rapariga transpôs os umbrais da casa, os veneráveis áuspices da família fizeram as devidas observações nas entranhas de um cão e de um cavalo e observaram bem os baços das vítimas, que não lhes deram os sinais desejados. Por isso viram-se obrigados a matar outro cão, que os deixou mais satisfeitos. No entanto, como o fel deste esta-

va um pouco inchado, ficaram apreensivos porque era sinal de lágrimas na família.

Apesar de tudo, a festa continuou normalmente e a família do noivo comeu, bebeu, cantou e dançou, sem que os viessem interromper. Depois de fartos e cansados, já noite alta, a mãe e irmãs do Telucoro acompanharam-no a casa, onde já estava a noiva com as mulheres da sua família. Feitos os cumprimentos devidos, retiraram-se todas, deixando os noivos sob a protecção dos «teis» de ambas as famílias, e desejando-lhes as maiores felicidades.

É da praxe que a família da noiva não coma nada no próprio dia do casamento; por isso eles suspiram pelo raiar do dia seguinte, a fim de satisfazerem as exigências do estômago.

O movimento, no outro dia, começou bastante cedo. Antes de a aurora raiar já as fogueiras ardiam debaixo dos panelões de ferro que os japoneses tinham abandonado nos acampamentos; iam metendo bocados de carne nesses panelões, e colocando pratos e tijelas nos «lataus», que são estrados de bambu, cobertos de capim e que servem de mesa. Os convivas absorviam o aroma da suspirada carne com arroz, e já o sol ia alto quando vieram tirar os dois primeiros pratos de comida para os noivos, que iam ficar encerrados em casa durante sete dias.

Foi o sinal para o início do banquete.

Cada um tomou o lugar que lhe era destinado e, sem mais demora, atacaram os pratos de arroz e carne, regando-os com largos e frequentes golos de «tuaca».

O banquete durou todo aquele dia e os dias seguintes, enquanto houve comida. Ali, sem perigo de serem perturbados, comeram, beberam, falaram, dançaram e dormiram. Quando não havia já coisa alguma para comer, cada qual regressou a sua casa, ficando apenas os noivos a cumprirem a clausura regulamentar.

A Lapacoro deixou de vir à catequese.

Passaram-se meses e, quando eu já tinha esquecido o caso, apareceu-me na Missão o Telucoro, dizendo que vinha aprender o catecismo, pois queria baptizar-se. Era, no entanto, necessária a autorização da autoridade para se deslocar para a aldeia do sogro, que ficava mais perto da Missão. A licença foi obtida e, do pé para a mão, tive entre os catecúmenos nada menos do que o filho do rei de Nári.

Estes foram os primeiros contactos que tive com a família do rei. Nesta altura ainda ignorava a ascendência dele e a existência desse minúsculo estado encravado no planalto de Tchiáru, quase tão desconhecido dos habitantes das aldeias vizinhas como de qualquer estranho que chegasse aqui pela primeira vez.

Os timores desta região sabem que o velho da

montanha se chama Perecoro, faz sacrifícios às serpentes na selva sagrada, é dono das fontes e tem «teis» muito fortes que o fazem temido e respeitado. No entanto, só pessoas da sua família, ou muito suas amigas, se atrevem a entrar nesses lugares proibidos, o que causa o isolamento em que têm vivido e a ignorância dos vizinhos sobre quase tudo o que se refere ao que lá se passa.

## CAPITULO XX

*Más notícias — Doença, morte e enterro do neto*

Um dia, o rei viu aparecer um arco-íris por sobre a maior lagoa de Nári, sinal de que a serpente andava por ali. Todavia, a sua satisfação em breve foi perturbada porque, nessa mesma tarde, vieram anunciar-lhe que Zévatau, o seu neto mais estimado, estava doente com muita febre e só tomava água de coco.

O rei foi logo ao bosque sagrado fazer um sacrifício à serpente, a implorar a cura do netinho. Além disso recomendou ao portador do recado que dissesse à família para, à noite, espalhar sobre o doente algumas mãos-cheias de arroz a fim de alimentar as almas, e estas, por sua vez, o fazerem a ele sonhar com a causa da doença do neto.

À noite o rei tomou uma boa dose de «tuaca» e recomendou à filha que lhe espalhasse arroz por

cima; podia ser que algum parente tivesse saído deste mundo com uma dívida e a alma do inocente estivesse retida por esse motivo.

Passado o efeito do álcool, o rei acordou e tentou lembrar-se se teria sonhado alguma coisa mas, por mais que se esforçasse, não se recordava de coisa alguma. Convencendo-se de que nada sonhara, ficou preocupado e mandou saber como estava o rapaz. A resposta foi alarmante: o neto estava cada vez pior.

Uma filha do rei, tia do Zévatau, ainda alvitrou que chamasse o célebre Utupei ([1]) para ir

---

([1]) Utupei é o Ina-Harânu mais procurado desta região, e com quem tive o seguinte colóquio:

— Dizem que sabes tudo (é esta a maneira de começar a interrogá-lo). Sabes quem morreu e quem está vivo. Por isso, quero que respondas à minha pergunta: a minha mãe está doente e não sei se morreu ou não.

— Oh, senhor! Eu não sei isso.

— Mentiroso! Levas uma rupia a quem te vem consultar e respondes a tudo. Dou-te uma pataca mas lembro-te de uma coisa: se disseres que minha mãe morreu, e ela ainda for viva, está mal; se disseres que ela vive, mas eu saiba que já morreu, pior.

A resposta dele foi admirável:

— Oh, senhor! O mar separa as nossas terras, e eu não posso saber o que sucede para além do mar.

Vinham comigo três garotos que se puseram a rir. O velho encarou-os, furioso, e disse:

— Vocês é que ensinaram ao «maartei» a fazer estas perguntas.

Muito zangado, dirigiu-se para casa. No entanto, adivinhou uma coisa: foram os garotos que me ensinaram a fazer a pergunta sacramental.

ver a criança, pois era muito entendido em doenças difíceis e vinha gente de longe para o consultar.

O rei dava pouca importância ao Ina-Harânu e aos seus diagnósticos, porque os sabia fazer tão bem ou melhor do que ele, e o que não conseguisse dos seus «teis» ninguém mais conseguiria, pois era sinal de que o Grande assim o queria; por isso, não consentiu que fossem consultá-lo.

Para melhor se certificar do resultado da doença do neto foi ao bosque sagrado fazer a «Lónia», vindo para casa alarmado com a persuasão de que o neto viveria poucos dias mais.

A «Lónia» é um ritual em que, depois de feitas umas certas invocações, se fazem coincidir os dedos da mão direita com os da esquerda; depois, medem-se três palmos no braço esquerdo, até ao ombro, voltando a contar outros três, até à polpa do dedo médio. Se os dedos coincidirem, é sinal de que o doente não morre; se não coincidirem, terá mais ou menos dias de vida conforme o que falte para se dar a coincidência.

As observações das entranhas dum galo não lhe deram bons sinais, o mesmo acontecendo com a «tuaca», onde notou umas sombras suspeitas. À noite, quando o «toké» cantou apenas duas vezes, ficou consternado. A confirmação dos augúrios não se fez esperar e, dias depois, o pequeno morria.

Quando lhe foram comunicar que o neto tinha

falecido, o rei, muito pesaroso, deu as instruções para o enterro, recomendando que não se omitisse coisa alguma do que era costume fazer-se. A pessoa que lhe deu a notícia respondeu que o enterro não podia seguir o ritual costumado, visto que o missionário não queria e era preciso obedecer-lhe. Muito exaltado, o avô respondeu:

— O missionário que fique em casa e nos deixe enterrar os mortos como queremos.

O outro, indicando com o dedo uma futura posição do Sol, respondeu:

— Já fui avisar o «maartei», e ele disse-me que, quando o Sol estivesse além, estaria ele no lugar do enterro.

— E para que disseste ao missionário que o Zévatau morreu?

—Porque o Zévatau é cristão! («Hai sarana»).

— «Hai sarana, hai sarana!» (É cristão, é cristão) — murmurou o velho, surpreendido. — Por isso lhe chamavam António.

Continuou repetindo «sarana, sarana» e entrou na palhota sem dizer mais nada.

A meio da tarde cheguei à aldeia para assistir ao enterro do António e abençoar os seus restos: os do primeiro baptizado na Missão a deixar este mundo.

Pelo caminho ia recordando como, ao inscrever-se no catecumenato, me havia impressionado aquele rapaz com os seus doze anos de idade, mo-

destamente vestido mas limpo, simpático e com um olhar cativante, reflexo da sua alma inocente. Durante os seis meses de aprendizagem para receber o baptismo não faltou à catequese um único dia; prestava muita atenção ao que se explicava e aprendia bem a doutrina. Apesar de ter de andar cerca de vinte quilómetros por dia, nunca chegou atrasado.

Recebeu com grande alegria a notícia de que iria ser baptizado com um grupo de outros catecúmenos e quando, quinze dias antes, os separei dos restantes, era notória a ansiedade com que esperava a data do baptismo, esforçando-se, ainda mais, por atender a tudo quanto lhe recomendavam.

O dia em que foi baptizado foi o mais feliz da sua vida.

Houve grande festa, para a qual o administrador ofereceu um búfalo, e a esposa preparou doces e bolos. Compareceram as autoridades civis, os baptizandos estavam satisfeitos, mas nada se comparava à satisfação espiritual que enchia a alma do missionário.

O Zévatau continuou a frequentar a catequese e, aos domingos, nunca deixou de se confessar e comungar, como faz a maior parte destes cristãos. Algum tempo depois começou a faltar. Admirado, mandei saber a razão, e disseram-me que estava doente. Julguei que a resposta era uma da-

quelas desculpas em que esta gente é fértil, e não pensei que o caso fosse tão grave.

Um dia, preparava-me para ir visitar um doente, quando me vieram dizer que o António de Carvalho tinha morrido e queriam que o fosse enterrar. Fiquei surpreendido, mas prometi estar lá às quatro horas da tarde; dispus, como pude, as minhas ocupações, e à hora combinada entrava pela primeira vez nessa aldeia que tanta impressão iria deixar na minha alma

Ao chegar fiquei surpreendido por ver o António sentado numa cadeira, à sombra da casa, vestido com um calção preto e uma camisa branquinha onde caberiam dois Antónios, uma gravata vermelha atada no pescoço, como que a atar a boca de um saco. Tinha uma medalha por cima da gravata, um chapéu colonial na cabeça e, na mão direita, o terço que recebera no baptismo. Se não fosse um enxame de moscas esverdeadas que lhe pousavam na boca e nos olhos e que duas velhas escravas sacudiam, dar-me-ia a impressão de estar a dormir.

Aproximei-me dele e contemplei aquela cara que ainda conservava uns vestígios do seu sorriso peculiar, observei-lhe os pés inchados com que tanto caminhara para se instruir na doutrina cristã e consolei-me por saber que, ao deixar este mundo, se afastava de todos os males que afligem a pobre humanidade.

Depois retirei-me e, sentado num banco, esperei que a família se reunisse para assistir ao enterro. Passada cerca de uma hora vieram pedir-me que esperasse um pouco mais, que era um instante, que já tinham chegado todos e que era só começar e acabar.

— Está bem! — respondi. — Eu esperarei.

Daí a pouco, duma palhota próxima, saiu a mãe do garoto com todo o mulherio e miúdos da aldeia, que, num silêncio profundo — pois eu recomendara que não gritassem nem se espojassem no chão —, começaram a desfilar ante o cadáver e a beijar-lhe as mãos. Finda esta cerimónia, quatro homens levaram-no na cadeira até junto da sepultura, aberta a poucos metros da casa.

Fiz a encomendação do corpo, recitei os salmos e as orações e voltei a recomendar que não pusessem o tradicional saquito de arroz ao pé da boca, nem panos, nem tabaco, nem dinheiro, porque a alma não precisava dessas coisas.

Ao ouvir isto, uma mulher exclamou:

— Coitadinho!... E, se tiver fome, o que há-de comer?

Logo outras comentaram:

— Como se há-de agasalhar se tiver frio?

— E como se apresentará, de mãos vazias, aos parentes?

Cobriram o fundo da sepultura com uma esteira nova, colocaram-lhe o cadáver em cima e, com

a parte que restava, cobriram o corpo. Aproveitando um momento em que eu conversava com o pai — talvez este tivesse feito de propósito — lá foram metendo uma pataca, um pedaço de pano, arroz cozido, tabaco e outras miudezas. Disfarcei e fingi não ver o que se passava, visto a família e quase todos os presentes serem pagãos, e eu não querer, num momento destes, magoar os seus sentimentos.

Acabado o enterro, montei a cavalo e abalei para a Missão, impressionado com o que vira.

Mal havia entrado na mata, comecei a ouvir o «Aruré» (canto fúnebre e lamentações)[1] que a mãe do morto e as pessoas de família faziam entoar pela floresta.

Quando, passados dois anos, voltei àquela aldeia, o meu primeiro pensamento foi ir visitar a campa do António. Estava coberta com um acervo de pedras, da altura de um metro, formando um alegrete de flores que testemunhava o carinho da família. Do lado da cabeça tinha uma cruz tosca, feita à catana, com a inscrição seguinte:

*ANTÓNIO CARVALHO*
*Faleceu a 24 de Julho de 1950*

Aquela cruz indica que descansa ali, na paz dos justos, o primeiro cristão natural de Nári que abandonou este mundo: o neto do próprio rei.

## CAPÍTULO XXI

*Os «liurais» e a «hélura» — A «hupia» — Os poderes misteriosos*

O rei ficou entregue à dor de ter perdido o neto, dor essa agravada pelo facto de não ter sido enterrado como os outros membros da familia. Pegou num cabrito e foi oferecê-lo em sacrifício junto da «Umunira», para que as almas dos parentes viessem ao encontro do neto e o recebessem, visto que, embora cristão, pertencia à família.

Deixemos o rei, por algum tempo, e falemos de outras coisas relacionadas com os costumes destas gentes.

Em Timor ainda existem «liurais», pequenos senhores feudais a que se dá o nome de régulos, mas na região de Lautém não existem os «liurais» pròpriamente ditos.

Parece que, em tempos idos, os timores de leste eram súbditos do «liurai» de Iliômar.

No entanto, o senhorio deste homem sobre a região era tão precário que se passou o que já referi no princípio deste livro:

Mandou cobrar o imposto que lhe era devido mas os chefes de Fuiloro mandaram-lhe dizer, pelos seus próprios emissários, que viesse ele mesmo buscar o imposto. Acrescentaram que teriam pronta, em sua honra, uma hecatombe condigna da sua pessoa, para que pudesse apresentar-se convenientemente às almas da família.

Como esta gente era valente e destemida, o «liurai» compreendeu que as suas palavras não eram mais do que simples fanfarronada e desistiu do direito que, pràticamente, já não existia.

Desde que o chefe deixou de controlar a região, os habitantes dela passaram a viver em completa anarquia, sem autoridade legìtimamente constituída. Cada aldeia governava-se por si mesma, e cada indivíduo procedia como entendia, segundo regras mais ou menos tradicionais e vindas sabe Deus de onde.

Por isso, as lutas eram constantes e o mais forte era quem dominava, sobretudo quando se tratava de defender os bens próprios. No entanto, esta mesma autoridade era mais ocasional do que efectiva.

Além do chefe guerreiro havia o «lafitcháru», espécie de patriarca que decidia as contendas entre as partes interessadas. Quando os litigantes não

acatavam as decisões deste, intervinha o chefe guerreiro, que os obrigava a chegar a acordo. No entanto, tais soluções eram apenas válidas para pessoas da mesma aldeia.

Quando as disputas eram entre habitantes de aldeias diferentes, a questão complicava-se e, se os «lafitcháru» das povoações respectivas não chegavam a acordo, recorria-se à violência, originando-se agressões que, por vezes, degeneravam em guerra entre os habitantes.

Supondo o caso de um indivíduo ser assassinado, a família assumia, automàticamente, a obrigação de matar o assassino ou, não sendo isso possível, outra pessoa da sua família. Desta sorte, quando havia um crime de morte, a família do assassino ficava em permanente sobressalto. Para viver em paz, mandava um representante seu parlamentar com a outra família procurando chegar a um entendimento. Conseguido este entendimento, o assassino, ou a sua família, entregavam aos parentes do morto o combinado: um ou mais pares de brincos de ouro, uma «mutissala», ou um objecto de valor, com que ficava salva a paz entre as famílias.

O representante dos parentes do morto recebia as oferendas, fazia-as tilintar na mão e dizia, convicto:

— Não morreu, não! Está aqui, vive aqui, e aqui ficará, para sempre, connosco.

Estes objectos ficavam em poder do chefe da família, como uma relíquia de que não era lícito desfazer-se. Quando é designado o sucessor do chefe, este faz-lhe a entrega destes objectos e repete-lhe a história, sabida por todos, da morte desse membro da família. Assim se vai conservando, através das gerações, a recordação dum antepassado cuja alma vive junte deles e é o seu anjo tutelar.

É nisto que consiste a «hélura», que é um dos seus «teis» mais venerandos.

Quando, antigamente, os chefes iam contratar guerreiros a outras aldeias, davam, em geral, as filhas em casamento aos combatentes, como paga dos seus serviços. Todavia, também podiam combinar a entrega de objectos e ficavam, neste caso, obrigados a dar esses objectos à família do guerreiro, no caso de este morrer na luta. Tais objectos passavam a constituir uma «hélura».

Foi por casualidade que tive conhecimento deste vocábulo, pois já tomara contacto com várias «héluras» sem saber o que eram.

Um dia chamaram-me para queimar os «teis» de uma aldeia cujos habitantes eram já todos cristãos. Entregaram-me brincos de ouro e prata e algumas «mutissalas» para benzer, o que fiz, julgando tratar-se de ex-votos oferecidos aos «teis».

Daí a tempos, uma viúva que se baptizara com a filha veio trazer-me uns brincos para benzer.

Quando lhe perguntei o que era aquilo, respondeu-me:

— «Hélura», senhor.

Fiquei intrigado e resolvi saber o significado da palavra, só então descobrindo em que consistia a «hélura».

Com a ocupação portuguesa, a autoridade começou a julgar e a solucionar as questões, acabando com as arbitrariedades e com o assassínio legal. A vingança deixou de ser uma obrigação, pois todo o crime passou a ter o castigo legal. Deste modo, a causa da «hélura» desapareceu.

No que respeita às leis materiais, o assunto ficou resolvido, mas, quanto às leis morais, ainda há muito que fazer.

Assim, não existe uma lei desta gente que indique o que é o pecado, no sentido em que nós o tomamos.

Mesmo entre as famílias mais conscienciosas e bem formadas, que ensinam os filhos a não roubar, não matar sem motivo ou não praticar más acções, mesmo entre estes, dizia, se alguém cometer qualquer falta, no caso de ninguém ter conhecimento do sucedido, ficam tranquilos como se nada se passasse.

O roubo, por exemplo, não tem, entre eles, a gravidade que nós lhe atribuímos. Se alguém pode apanhar um porco, um cavalo ou um búfalo de outrem, apanha-o e fica com ele, como se fosse seu.

Se ninguém os descobre, ficam radiantes e com a consciência tranquila, mas, se são descobertos, restituem o que roubaram ou o seu valor.

Um dia, alguns meses depois de o Zévatau ter morrido, apareceram-me os seus pais a queixar-se de que os ladrões lhes haviam roubado uma camisa, duas camisolas, cinco patacas e outras coisas.

Fiz-lhes ver que a Missão não tinha nada com o assunto, visto ser da alçada da autoridade civil. Não obstante, aproveitei a ocasião para lhes dar alguns conselhos, e comecei por dizer:

— Deixam a casa aberta e as coisas à vista; vão para a horta e, claro, os ladrões vêm e roubam.

— Oh, senhor! Os ladrões vieram de noite.

— Pior ainda — respondi. — Deixam a casa só e os ladrões roubam à vontade.

— Nós estávamos em casa, a dormir, e as coisas estavam debaixo do travesseiro.

— Não têm vergonha de dormir tanto que se deixem roubar assim?

— «Hupia», senhor, «hupia!» — replicaram.

Aconselhei-os a exporem o caso às autoridades e, quando abalaram, fui ter com o intérprete, para que me explicasse o que era a «hupia».

Vim a saber que os timores acreditam na existência de pessoas dotadas com poderes misteriosos e que exercem esses poderes para fins desones-

tos. Tais indivíduos sabem preparar um pó que põem na palma da mão, sopram e espalham numa casa. Quem aí estiver adormece, imediatamente, e só acorda muito tempo depois.

É a isto que eles chamam «hupia».

O mais extraordinário é que a «hupia», praticada à entrada duma aldeia, produz o mesmo resultado em todos os habitantes, e mesmo nos cães, de modo que a pessoa que a pratica pode fazer o que quiser sem ser perturbado por pessoa alguma.

Não se sabe quem faz a «hupia», mas todos acreditam nela, e só assim explicam certos roubos.

O último recurso para os que foram defraudados por este meio é irem junto de um «tei», ou outro lugar eficaz, e invocar toda a série de pragas e imprecações sobre o autor ou autores da façanha: que a sua alma seja presa; que o diabo lhe mate os búfalos, cavalos e outros animais; que não tenha um momento de descanso para desfrutar o roubo, e outras do mesmo jaez.

Como toda esta gente é muito supersticiosa, o ladrão, temendo que as pragas surtam efeito, restitui o roubo, às escondidas, para que a sua alma não seja presa, nem a de ninguém da sua família.

## CAPÍTULO XXII

*Lutas passadas — Atentado contra o irmão do rei — Sua morte, lamentações da família e funerais*

O pai do rei de Nári chamava-se Máacoro e gostava, também, de viver em paz com os vizinhos. As suas únicas inquietações provinham dos habitantes de umas aldeias situadas no extremo de Fuiloro, gente belicosa e valente que, mais de uma vez, ousara chegar até Nári; já mais de um destes arrogantes guerreiros deixou a cabeça na cova de Poitchina.

Os habitantes da aldeia de Raça eram os inimigos naturais dos de Tchiáru, e de tal modo se odiavam que ainda hoje se olham com desconfiança. As mães repetem mesmo aos filhos que *De Nári, nem receber, nem dar.*

O Surucoro, a quem já me referi, era o herói mais temido e admirado destes sítios. Saíra sem-

pre com vida dos mil combates e aventuras em que tinha tomado parte, apesar de, muitas vezes, ter sido ferido com tiros, espadeiradas e zarabatanas. Parecia que um poder sobrenatural o protegia e preservava de todo o malefício.

Diz-se que possuía um talismã, herdado do pai, que não o deixava morrer em combate e, por isso, apesar de o temerem, todos o seguiam confiadamente.

Um dia, o Surucoro entrou em Nári com um pequeno grupo de valentes.

Iam na intenção de fazer um ataque de surpresa, mas foram eles os surpreendidos porque, de súbito, viram-se cercados e sem possibilidade de baterem em retirada.

Para salvar a situação, o Surucoro propôs:

— Vou atacar os mais valentes. Quando estiver envolvido em combate com eles, cada um que fuja como puder.

Assim foi. Como um vendaval, lançou-se sobre os inimigos, que não tiveram tempo de utilizar as armas convenientemente. Feriu alguns, matou outros e conseguiu fazê-los debandar.

Os companheiros, aproveitando a confusão, fugiram; ele, vendo-os salvos, conseguiu também escapar-se, com alguns ferimentos que só fizeram aumentar a sua fama sem igual.

Um guerreiro que o acompanhara, no entanto, não ficou satisfeito com o desaire. Por isso, um

dia, pegou numa espingarda e foi, sòzinho, à procura de inimigos. Encontrou o filho mais velho de Máacoro em cima dum coqueiro e deu-lhe um tiro, fugindo em seguida.

Os vizinhos acorreram ao ouvirem o tiro e os gritos do ferido. Foram dar com este agarrado às folhas do coqueiro e sem poder descer. Subiram alguns homens à árvore, ataram-no com cordas e, muito difìcilmente, conseguiram pô-lo no chão.

O pai do rei ficou muito desgostoso e, quando dias mais tarde o filho morreu, tendo conseguido dizer o nome do assassino, a sua fúria não conheceu limites.

Aliás, toda a gente manifestou grande repulsa por este atentado, que era necessário vingar, mas ainda restou à família a consolação de poder enterrar o morto com cabeça.

Assim que o filho morreu, o pai ordenou que o cobrissem com os melhores panos que houvesse, que os escravos permanecessem a fazer companhia ao corpo, que cantassem o «Aruré» e que se iniciasse a matança dos búfalos, cabras e outros animais para a «lala». Frisou, especialmente, que não faltassem os sacrifícios em honra do filho, vítima de uma cobarde traição.

Iniciado o velatório, foi uma prima do defunto encarregada de receber as condolências dos parentes e amigos, tendo ainda a obrigação de lhes oferecer tabaco e folhas de milho para nelas enrola-

rem os cigarros. Entretanto, as viúvas do assassinado, numa choradeira enorme e com os cabelos desgrenhados, aproximavam-se, curvadas, dos que chegavam, punham-lhes as mãos nos ombros e, sem os fitarem, iam soltando exclamações rituais no género das seguintes:

— Onde estás, ó esposo querido?

— As outras mulheres chamam o marido e ele responde, mas eu já não tenho marido.

— Sou a mais desgraçada das mulheres! Dantes podia dizer: o meu pai recebeu cem búfalos e quinze cavalos; agora digo: o meu esposo já morreu!

— Vem, ó esposo desta mulher aflita, vem!

— Eu chamo o meu esposo e ele não me responde.

— Os meus filhos são os mais infelizes que há no Mundo! Os filhos das outras mulheres chamam o pai, e ele responde; os meus já não têm pai.

— Os outros têm pai para lhes fazer a horta; os meus filhos já não têm.

— «Helah!» (Que desgraça!).

Estas choradeiras repetiam-se sempre que chegava alguma pessoa de importância e, entretanto, os que já lá se encontravam iam contemplando as espirais de fumo que se evolavam dos cigarros que os recém-chegados saboreavam.

Como não conheciam o uso de caixões, embrulharam o corpo em panos. Passados quinze

dias [1] puseram o morto numa padiola de bambu, donde pingava o líquido do corpo em putrefacção.

Embora exalasse um cheiro insuportável, ninguém se atrevia a mencionar o facto, por ser incorrecto e contrário à boa educação.

Quando tudo estava pronto para levar o corpo à sepultura, um dos presentes matou o melhor cão do defunto para o acompanhar à outra vida, e o «maartei» descobriu a cara do homem, ofereceu-lhe cal e areca, meteu-lhas na boca e disse:

— Tapicoro.

Pintou-lhe os lábios de vermelho e continuou:

| | |
|---|---|
| — *Ete eni nate láa* | Tu, levanta-te para ires |
| — *Ete lui nete láa* | Tu estás a caminho |
| — *A láa úru tana lae* | Tu vais para a Lua |
| — *A láa vátchu tana lae* | Tu vais para o Sol |
| — *Enáhu hai ete láa* | Deus chamou-te para si |
| — *Enáhu hai caile láa* | O teu destino está determinado |
| — *E láa tchalu humaara atchi* | Vai unir-te às almas dos avós |
| — *E láa pálu humaara atchi* | Vai unir-te às almas dos teus pais |

---

[1] Quanto mais categorizada é a pessoa que morre mais dias fica insepulta. Os panos encobrem a corrupção mas o cheiro, sem caixão de chumbo, não se disfarça fàcilmente. O descobridor de Nári encontrou, numa palhota, o cadáver de um homem insepulto havia mais de três meses. Estava por cima da lareira, quase seco, e não sabiam ainda quando seria enterrado.

| | |
|---|---|
| — *Láa touro lafai ulu mira* | Vai colocar-te entre os finados |
| — *Láa rehúnu lafai ulu mira* | Vai colocar-te entre essa multidão |
| — *Hôru nere* | Vai com eles |
| — *Hôru tcherece* | Une-te a eles |
| — *Ine hau iram itáa* | Abençoa-nos |
| — *Ine hau ita itaim itáa* | Bendize-nos |
| — *Ini tapa ia popoéte* | Para que afastes de nós as doenças |
| — *Ini tapa tana popoéte* | Para que não andemos doentes |
| — *Ini tapa ofuru popoéte* | Para que o corpo não esteja doente |
| — *Ini tapa âmu popoéte* | Para que o corpo não enfraqueça |
| — *Tupuro o rau rau* | Para que também as mulheres tenham saúde |
| — *Nâmi o rau rau* | Para que também os homens tenham saúde |
| — *Tá eluturo vári luluré* | Para que limpem a tua sepultura |
| — *Tá enarúnu vári luluré* | Para que limpem a tua campa |

Terminados estes exorcismos, o cortejo organizou-se: à frente iam as mulheres do defunto e uma filha casada, de cabelos desgrenhados, a tapar-lhes os rostos, cabeças caídas e braços pendentes,

quase tocando com as mãos no chão e fazendo uma choradeira enorme; depois ia o féretro; atrás, os escravos proferindo as suas lamentações e acompanhando os parentes e amigos do morto. Na retaguarda vinha um bom cavalo aparelhado, trazendo as ofertas que deviam ser entregues às almas dos familiares que o haviam precedido na morte.

Chegados ao local da sepultura, esta foi rodeada pelos homens, indo dois deles lá para dentro.

Colocaram a padiola com o corpo ao lado, e foi a ocasião de as mulheres, em fúrias inconscientes, aumentando o choro e puxando os cabelos, se lançarem de cabeça para dentro da cova, para demonstrarem a sua dor e aflição. Iam cair nos braços dos dois homens que para lá tinham descido, e eram puxadas para fora pelos outros, depois de muito gritarem e espernearem.

Esta cena repetiu-se três vezes.

Quando pareceu que a coisa já estava bem pranteada, afastaram-nas, definitivamente, e levaram-nas para casa. Lá foram, continuando a choradeira, enquanto eram vistas pelos que rodeavam a sepultura.

Tendo já abalado as mulheres, colocaram uma esteira no fundo da cova, enrolaram o corpo no que restava, e começaram a lançar abundantes punhados de arroz para alimento da alma.

À esquerda da cabeça foi posto um saco com arroz cozido e, à direita, outro saco com moedas

de ouro e prata. Os panos e outras oferendas foram postos a enrolar o cadáver, tudo bem preso com pedrinhas para ficar seguro. Cobriram tudo com camadas alternadas de terra fina, cascalhos e vidros partidos. A função destes últimos era evitar que o diabo viesse buscar a alma, pois, cortando-se neles, abalaria.

Finalmente ficou tudo tapado por pedras grandes, formando um rectângulo que se elevava a um metro de altura. À cabeceira do túmulo puseram cinco cabeças de búfalo, enfiadas num pau.

Lançaram as últimas mãos-cheias de arroz, e retiram-se para casa, onde mataram o cavalo para que a sua alma servisse, na outra vida, de montada à alma do dono e a levasse à presença dos parentes.

Nessa noite comeram o cão e parte do cavalo. De madrugada, antes de a aurora romper, dirigiram-se ao sepulcro e, um deles, mais prático em tais assuntos, tomou a palavra e disse:

— Tapicoro! Estamos contentes porque a tua cabeça fica com o teu corpo, ao pé de nós. Sabemos que a tua alma já se foi banhar na «Utchanira» e está aqui presente. Por isso, todos os que aqui estamos juramos ser sempre amigos e unidos até à morte. Se algum de nós for perjuro, que morra, imediatamente, para ser julgado por ti e pelos nossos avós que estão contigo.

Também juramos que não descansaremos enquanto a cabeça do que te matou não for atirada

para a Poitchina, onde estão as cabeças dos nossos inimigos.

Beberam aguardente que traziam numa cabaça e selaram o juramento deitando o resto da bebida sobre o túmulo. Acenderam uma vela à cabeceira e outra aos pés, para a alma não se perder na viagem, e voltaram a casa, para comer os restos do cavalo.

Depois de comerem, beberem e fumarem, durante quinze dias, cada um retirou-se para sua casa.

Quando tudo havia terminado, a filha veio junto do sepulcro do pai e, com uns caniços, fez uma escadinha para que a alma, ao sair do corpo, subisse mais depressa até à ponta do chifre de búfalo e, daí, voasse para a companhia dos antepassados.

## CAPÍTULO XXIII

*A última guerra — Pacto de sangue — Tragédia final*

A guerra de que vou falar foi, nesta região, uma das mais notáveis, no período que precedeu a ocupação final, levada a cabo por Celestino da Silva.

As aldeias costumam ser construídas, como é natural, perto dos lugares onde há água. No entanto, esta fica, por vezes, a alguns quilómetros de distância, visto que é só utilizada para beber e fazer a comida. O banho é uma coisa secundária: quando vão à fonte lavam a cara e, se faz muito calor, o corpo. As mães lavam os filhos quando chove e, uma ou outra vez, com o orvalho nocturno.

É interessante ver a pequenada, completamente nua, aproveitar as chuvas para refrescar o corpo e

espojarem-se nas poças de água, ou na lama, como os búfalos, soltando gritos estridentes de suprema alegria.

Os timores procuram pequenas eminências, onde haja tufos de árvores, para construírem aí as suas vivendas, aproveitando a sombra e a defesa contra as ventanias, que, em algumas ocasiões, sopram com violência.

Por outro lado, estes lugares estão livres de mosquitos, que são companheiros bem importunos.

As casas são construídas sobre quatro troncos de árvore, com os pavimentos feitos de bambu, a dois ou três metros de altura do solo. A entrada é um buraco quadrado, praticado no soalho, a um canto, como se fosse um alçapão. Sobe-se por uma escada de mão que, de noite, é retirada e metida em casa, por causa dos ladrões. Por esse buraco apenas pode passar uma pessoa de cada vez, e com bastante lentidão; só assim se explica que tenha sido possível, numa só noite, aniquilar seis aldeias com os respectivos habitantes, conforme contarei depois.

Conforme já aqui ficou dito, antes de Celestino da Silva ocupar o Timor Oriental, estes povos viviam em pequenas comunidades, em pura anarquia e sem outra lei além da força, dos caprichos e da tradição.

Tais aldeias nem sempre tinham um chefe pròpriamente dito mas, nas lutas, obedeciam ao «Pò-

roké», herói valentão que os conduzia à vitória. Às vezes, a autoridade deste estendia-se a várias aldeias aliadas, mas só enquanto a guerra durasse.

Ao percorrer estas regiões, ainda hoje se encontram restos de muros desmantelados, vestígios de aldeias destruídas nessas lutas, ou abandonadas por conveniência própria.

Como a segurança era precária, costumavam cercar as povoações com árvores espinhosas, figueiras da Índia e muros de pedra para se precaverem de alguma surpresa inimiga. Pretendiam, com essas defesas rudimentares, viver mais seguros mas, por vezes, elas transformavam-se em armadilhas para os próprios habitantes.

Somotcho e Luarai são duas aldeias encostadas aos contrafortes do planalto de Tchiáru, a quatro ou cinco quilómetros de Fuiloro. Eram habitadas por gente temida e corajosa que se impunha na região.

Eram aliados do povo de Raça, a aldeia mais forte das redondezas, que exercia uma certa hegemonia e se mantinha neutra nas lutas entre os vizinhos.

Os habitantes de Somotcho e Luarai estavam, e continuam ainda hoje, unidos por casamentos sucessivos de modo que, apesar de formarem duas aldeias separadas, eram como duas famílias amigas.

Ora, no local onde, depois, construíram o antigo posto de Fuiloro havia outra aldeia, chamada

Tufutara, sobranceira à fonte de Camano, que, na época da seca, se convertia em ponto de reunião do mulherio, por ser a única que se mantinha com água.

Os homens de Tufutara eram valentes e mais do que uma vez tinham infligido pesadas derrotas aos inimigos, a quem impunham, depois, a sua vontade, com arrogância provocante. Eram aliados das cinco aldeias de Assopiano, Baròmocó, Hòròmócó, Cumilara e Sapaino, constituindo esta aliança uma ameaça constante para as aldeias próximas.

Um dia, o chefe de Tufutara, filho de Saikênu, apreendeu alguns búfalos ao chefe de Somotcho, a pretexto de que um dos seus súbditos tinha uma dívida para com ele.

O chefe mandou pedir os búfalos, visto não dever ele nada, nem ter coisa alguma a ver com as dívidas dos outros. O de Tufutara respondeu insolentemente aos enviados e ameaçou espancá-los se lá voltassem a pedir os búfalos.

Mais tarde, quando as mulheres de Somotcho e Luarai foram buscar água à fonte de Camano, os vizinhos de Tufutara partiram-lhes as cabaças e encheram-nas de insultos. Daí em diante, sempre que as mulheres iam à água, eram acompanhadas de homens armados para as livrar de mais insultos, formando-se, deste modo, um ambiente de hostilidade que não podia durar muito tempo.

Os agravados de Somotcho e Luarai calaram-

-se e fingiram esquecer as afrontas mas, secretamente, começaram a maquinar um plano de guerra contra o inimigo comum, de que resultasse a completa destruição das aldeias que os provocavam.

Convidaram, secretamente, o rei de Nári, agravado pelo filho de Saikênu, que morava em Tufutara e se recusava a entregar-lhe a «hélura» devida pela morte do irmão. Mandaram um emissário para os lados de Luro, onde tinham parentes e amigos, e outro a Môa-Pitini, para oferecer aos guerreiros dessas regiões «mutissalas» e brincos de ouro como «hélura», se morressem nos combates, e, caso contrário, as próprias filhas como esposas, além de outros valores. Tanto os habitantes de Luro como os de Môa-Pitini eram valentes e corajosos, dados à pilhagem e à rapina, fazendo profissão dessas lutas.

Sob pretexto de uma festa, reuniu-se em Somotcho um grande número de guerreiros. Celebrou-se o pacto de sangue e sacrificaram-se inúmeros búfalos para um grande banquete [1].

---

[1] Não se sabe se foi apenas o desejo de vingar-se do filho de Saikênu que levou o rei de Nári a intervir nessa luta memorável.

Ele não tinha simpatia pelas povoações afrontadas mas, quando vieram convidá-lo, não hesitou um instante. Tinha contas a ajustar com o inimigo, desde que este se recusara a entregar a «hélura» pela morte do irmão, coisa que os timores não perdoam.

Por outro lado, saíssem vencidos ou vencedores, os inimigos ficariam enfraquecidos.

Celebrado o pacto de sangue, muito secretamente, dirigiu-se

A festa deu brado, pelo número de vítimas abatidas. Enquanto a «tuaca» corria em profusão, mal sonhavam os inimigos qual o motivo que congregara tanta gente naquele lugar.

Depois de sete dias de banquetes e danças, numa madrugada, à hora de todos dormirem, enquanto um fazia a «hupia», vários grupos, com archotes acesos, aproximaram-se das povoações inimigas, tendo cada grupo a missão de atacar uma aldeia.

De súbito, a escuridão foi incendiada pelas chamas que lambiam as casas. Ao silêncio absoluto seguiram-se os gritos lancinantes das vítimas, surpreendidas a dormir, e os brados selvagens dos assaltantes.

Em cada uma das aldeias aliadas de Tufutara, algumas pessoas tentavam sair pelas escadas, ou

---

a Laikere, a fim de trocar escravos por uma espingarda nova, como nunca se vira outra; não era de pederneira, era de fulminantes e não falhava os tiros.

Apenas regressou, quis experimentar a espingarda na caça ao veado.

Era uma arma notável: o rei matou três animais com um só tiro. Não atribuiu o facto ao acaso, mas à boa qualidade do armamento.

Nesse tempo, os homens da ilha de Kissar comerciavam com os timores desta região, trocando armas e munições por escravos. Serviam-se dos portos de Leikere e Tutuala, pois o domínio dos portugueses não ia além do porto de Lautém e não se podiam vigiar, convenientemente, estas costas para obstar a esse comércio infame.

O rei de Nári, antes de sair para Somotcho, chamou os

atiravam-se pelas janelas, sendo logo abatidas à catanada. Os que, de armas na mão, enfrentaram os inimigos, foram igualmente massacrados. Em poucos instantes, os recintos dessas aldeias estavam convertidos num mar de chamas em que os náu-

---

«lafitcháru» e pô-los ao corrente do que ia fazer. Depois trouxe uma estátua do pai e pôs a família sob a sua protecção, com a seguinte cerimónia:

| | |
|---|---|
| — *À eto uruhá* | Oh estátua |
| — *À fará uruhá* | Oh ídolo! |
| — *Enim hai len apemau* | Já que vens a minha casa |
| — *Eni hai vari apemau* | Já que estás connosco |
| — *À mau, a jeu natchuro* | Vens guardar a minha esposa |
| — *À mau a motcho natchuro* | Vens guardar os meus filhos |
| — *À mau afúru natchuro* | Vens guardar o meu corpo |
| — *À mau nâmu natchuro* | Vens guardar a minha pessoa |
| — *À mau tupúru natchuro* | Vens guardar as mulheres |
| — *À mau nâmi natchuro* | Vens guardar os homens |
| — *Atchuro ina halu fai* | Vais proteger-nos na guerra |
| — *Atchuro hopo númu fai* | Vais proteger-nos nos combates |
| — *Tchalu humdara otchure* | Guarda também as almas dos nossos avós |
| — *Tchalu humdara otchuro* | Guarda também as almas dos nossos pais |
| — *Tchuro inin, hurupen láa* | Levantai-vos, vinde connosco! |
| — *Ina enoco, hurupen láa* | Vós, irmãos menores, acompanhai-nos! |
| — *Ina emotchè hurupen láa* | Vós, ó filhos, acompanhai-nos |
| — *Tinta ia vaca vacahé láa* | Para irmos seguros |
| — *Tana vaca vacahé láa* | Para irmos afoitos |
| — *Halin apeláa* | Para irmos para a luta |
| — *Caparin apeláa* | Para irmos para o combate |
| — *Láa tchau toto ifai* | Para irmos cortar cabeças |
| — *Láa nâmi toto ifai* | Para irmos cortar pescoços! |

fragos eram devorados pelo fogo ou caíam feridos pelos terríveis golpes de catana.

Ao mesmo tempo ouviam-se os gritos da alegria feroz dos assaltantes, acompanhados pelas detonações das suas armas de fogo.

Após breves horas de inferno, essas infelizes aldeias eram cinco cemitérios onde jazia a totalidade dos seus habitantes, carbonizados e degolados.

Tufutara, a cidadela do inimigo, era a maior das povoações coligadas, e quase tão grande como as outras todas juntas. Estava fortificada com espinheiros, figueiras da Índia e muros de pedra e era aí que morava o filho de Saikênu.

Quando os seus habitantes viram as aldeias aliadas em chamas tentaram ir em auxílio deles, mas deram-se conta de que também estavam sitiados. Vendo isso, e ouvindo os urros ferozes dos inimigos triunfantes, prepararam-se para a defesa e para venderem cara a vida.

Uma luta desesperada se travou, então, entre os sitiados sem esperança e o sitiantes que ardiam no desejo de se vingarem.

Seria tão temerário sair do local onde se encontravam encurralados, como entrar lá para os atacar de perto.

As baixas aumentavam de um e de outro lado, não se vendo meio de pôr termo à luta.

Em certa altura deu-se uma pequena trégua,

que os cercados aproveitaram para reforçar a defesa, tendo os inimigos, entretanto, traçado o plano do acto final da tragédia. Durante esse tempo, o filho de Saikênu, de um lugar de onde podia fazer-se ouvir, gritou:

— «Perecoro oh, Perecoro oh! Init en sai! Init en ete!» «Oh Perecoro, oh Perecoro! Tem compaixão de nós! Tem misericórdia de nós!).

O rei respondeu:

| | |
|---|---|
| — *Hai rau possaine* | Desapareceu a compaixão |
| — *Hai rau po etene* | Desapareceu a misericórdia |
| — *Ia tchau hafa hai itiele tua* | Porque vós espezinhastes o nosso chefe |
| — *Malai hai itiele tua* | Porque vós espezinhastes o nosso amo |
| — *Carassu hai itiele tua* | Porque vós espezinhastes a nossa nobreza |
| — *Hitânu hai itiele tua* | Porque vós espezinhastes os nossos títulos |
| — *Puhu lafai hai keluhe tua* | Porque não quisestes a panela grande |
| — *Rau lafai hai keluhe tua* | Porque não quisestes os pratos grandes |
| — *Unâmuto, hai keluhe tua* | Porque não quisestes as tigelas |

| | |
|---|---|
| — *Mtchênu hai keluhe tua* | Porque não quisestes a comida |
| — *Hula nere sai* | Sumam-se todos |
| — *Tani nere sai* | Desapareçam todos |
| — *Hufina palini* | Que não fiquem descendentes |
| — *Haan napu palini* (1) | Que não fique um só |

O dia rompera.

O vento começou a soprar do sul e como desse lado havia uma extensa planície de mato muito alto e seco que chegava perto de Tufutara, incen-

---

(1) Ao pacto de sangue é dado o nome de «nita vehe nava» (beber o sangue uns dos outros) porque, ao combinar o plano da luta, os chefes se reúnem e cada um extrai sangue do braço e deita-o num bambu com aguardente. O mais eloquente de entre eles pronuncia a fórmula do juramento, pegando no bambu:

| | |
|---|---|
| — *Pòròkérè, nita vehe nava* | Oh valentes! Bebamos o nosso sangue |
| — *Noco caca, acam nitahôru halu fai* | Oh irmãos novos e velhos, não vos guerreeis uns aos outros! |
| — *Nita rau rau* | Amai-vos uns aos outros |
| — *Nita foile* | Encorajai-vos uns aos outros |
| — *Afitu hálu fai* | Nós vamos para a guerra. |
| — *Hálu maar rau* | O chefe é bom |
| — *Hálu fai pòròkérè* | Lutai, ó valentes |
| — *Lafan tafa* | Matai muitos |
| — *Maavalinu neure* | Persegui os inimigos |
| — *Hálu hai rau* | A guerra vai acabar |

Terminado este discurso, cada um repete o juramento aos outros e, deste modo, aquele que faltar à palavra será morto pelos outros.

diaram-na para sufocar os inimigos com o fumo. Ao mesmo tempo começaram a disparar varetas de ferro em brasa com as espingardas.

Deste modo conseguiram incendiar algumas casas, próximas umas das outras, convertendo, a breve trecho, a aldeia num inferno de fogo, ais e gemidos dos infelizes que não podiam fugir. Corriam, desvairados, de um lado para o outro, enquanto os inimigos os iam alvejando a tiro.

O grupo que o rei de Nári comandava tinha por missão vigiar as saídas para que ninguém fugisse. Foi neste posto que ele deu provas da sua generosidade.

Apesar de, no pacto de sangue, terem combinado não poupar a vida a ninguém, um dos sitiados, que nem era da aldeia, conseguiu iludir a vigilância das sentinelas e internar-se no mato. Quando se julgava seguro encontrou-se com o rei, que era seu parente. Pensando que a sua hora tinha soado, o infeliz cobriu a cara com a longa cabeleira, para não ver desferir o golpe que o degolaria. No entanto, o rei, tapando os olhos, disse.

— Eu não te vejo! Foge, para que os outros te não vejam também.

Segundo dizem os velhos, foi o único que se salvou da terrível carnificina.

A tragédia atingira o auge. Os gritos de dor e desespero dos que estavam dentro da aldeia, os gemidos lancinantes das mulheres abraçadas aos

filhos, os uivos de rancor dos guerreiros logrados dentro da sua fortaleza, as lamentações lúgubres dos velhos que não se recordavam de coisa igual, juntos com a algazarra dos assaltantes, embriagados pelo prazer de verem aproximar-se a hora do triunfo final e do aniquilamento completo dos inimigos, davam a esta cena dantesca uma grandiosidade impossível de descrever-se.

É arripiante ouvir-se a satisfação com que, ainda hoje, eles narram estes factos lamentáveis que mostram os seus instintos sanguinários.

A carnificina começava a chegar ao fim. Apenas se ouvia um ou outro gemido das vítimas que iam sendo degoladas. No entanto, eram fortíssimos os urros dos vencedores, satisfeitos com aquela vitória que nunca tinham julgado tão fácil e completa. Aquela aldeia, que, horas antes, dormia no sono das suas esperanças, era agora um montão de destroços e de cadáveres carbonizados que iam sendo degolados sem compaixão.

O «titiro» [1] começou a tocar lùgubremente, anunciando que havia vítimas para o «semai» [2].

---

[1] «Pira-titiro» é uma espécie de bandeja que as mulheres tocam nas suas danças, e que tem um som monótono. Quando se cortava a cabeça a um inimigo, o facto era anunciado pelo «titiro», que é o mesmo instrumento, fundamentalmente, mas que chega a ter um metro de diâmetro. O som deste instrumento assemelha-se ao duma sineta. Depois da ocupação, as autoridades obrigaram a entregar os «titiros», junto com as armas.

[2] Cerimónia praticada no acto de lançar as cabeças dos inimigos na Poitchina.

As mulheres dos vencedores revolviam os corpos, para reconhecer os mortos; os homens, ajudados pelos rapazes, penduravam os corpos dos mais valentes nos ramos das árvores, em homenagem à bravura que haviam demonstrado.

Dadas as últimas ordens dos chefes para que tomassem conta do gado e haveres do inimigo, que agora lhes pertenciam, o cortejo de regresso a Somotcho foi organizado.

À frente ia o rei de Nári com o seu amigo Tanapei, um célebre cortador de cabeças; a seguir, os outros heróis notáveis, de arma ao ombro e a cabeça de um inimigo na mão; depois, os menos ilustres nos feitos de armas, orgulhosos por levarem também uma cabeça de inimigo: finalmente vinham as mulheres ([1]), precedidas das que transportavam maior número de cabeças.

Atrás do cortejo vinham as padiolas com os corpos dos que haviam caído na luta, rodeados pelos parentes, que, contra o costume, não podiam chorar nem lamentar-se; deviam mostrar-se satisfeitos, visto que os seus familiares iam precedidos pelas cabeças de tantos inimigos.

Assim que chegavam à aldeia colocavam-nas em torno do «titiro», para se dar início ao «semai».

---

([1]) Algumas raparigas solteiras, filhas dos guerreiros, tomavam parte nas lutas, armadas com espingardas e catanas. As façanhas dessas raparigas são ainda motivo de orgulho para as famílias.

# CAPÍTULO XXIV

## *O «semai» e o lançamento das cabeças à cova*

O «semai», a que eu chamaria *dança da morte*, era uma dança guerreira dos habitantes de Lautém (e creio que de toda a ilha, mas com nomes diferentes) e que, hoje, só se conserva simbolizada no «vauré» ([1]).

À medida que os guerreiros vinham chegando e depondo as cabeças, um velho chefe começou a tocar o «titiro», furiosamente, enquanto que outros, experimentados na arte, extraíam os miolos das cabeças e os colocavam em bambus vermelhos. Outros pegavam nos dedos dos pés e das mãos dos heróis vencidos e metiam-nos nos mesmos bambus, para ser cozido tudo junto. As mulheres ajeitavam pedras para colocar esses bambus, a fim de se dar início ao grande «semai», que, segundo os usos,

---

([1]) Dança de inspiração guerreira que dá uma ideia dos sentimentos e do viver desta gente antes da ocupação.

devia começar ao meio-dia, para evitar possíveis surpresas do inimigo. No entanto, no caso presente nada havia a temer.

Começaram a chegar os heróis, de enormes penachos na cabeça e vestidos apenas com uma espécie de calção de banho, reduzidíssimo, a que chamam «langotim». As mulheres, de peitos descobertos, cabelos desgrenhados, as faces enfarruscadas e as mãos sujas de sangue, iam-se juntando. Trazia, cada uma, o seu «pira-titiro» e esperavam, ansiosas.

O «lafitcháru» apareceu no arraial e deu ordem para que fosse aceso o fogo em volta dos bambus. O mulherio rodeou as cabeças e, algumas delas, mais moças, com uma ferocidade inaudita, pegaram numa cabeça, com os dentes, e mantiveram-na levantada.

Assim que os bambus começaram a fumegar, o «lafitcháru» pegou na baqueta para dar o sinal de início da dança.

Esse gesto foi saudado por urros ferozes de alegria selvagem. Depois, as gargantas calaram-se e o silêncio foi quebrado apenas pelas badaladas do «titiro» e as palavras do «lafitcháru», que cantava o «semai» em coro com as destemidas mulheres:

| | |
|---|---|
| — *Ceroló maiá* | Cantai forte, cantai, |
| — *Ceroló, roto roto* | Que os miolos já fervem. |

| | |
|---|---|
| — *Ceroló maiá* | Cantai forte, cantai. |
| — *Ia cátu mau ere* | Vinde, valentes! |
| — *Halu iotchava* | Vem tu, ó senhor! |
| — *Ia cátu mau ere* | Vinde, valentes! |
| — *Néru mau ere* | Trazei o açafate (das cabeças). |
| — *Ia cátu mau ere* | Vinde, valentes! |
| — *Tomé mau ere* | Trazei a tigela (dos miolos). |
| — *Tché maca mai fatu* | Os miolos já estão cozidos. |
| — *Ia cátu mau ere* | Vinde, valentes! |
| — *Ia fuca cau cau* | Os dedos dos pés estão quase cozidos. |
| — *Ia cátu mau ere* | Vinde, valentes! |
| — *Tana fuca cau cau* | Os dedos das mãos estão quase cozidos. |
| — *Ia cátu mau ere* | Vinde, valentes! |
| — *Nêru me mau ere* | Trazei o açafate (das cabeças). |
| — *Ia cátu mau ere* | Vinde, valentes! |
| — *Tó me mau ere* | Trazei a tigela (dos miolos). |
| — *Ia cátu mau ere* | Vinde, valentes! |

Este canto era acompanhado por dezenas, ou mesmo centenas. de gongos e pandeiretas que produziam uma melodia monótona, dando a impressão de gemidos inarticulados.

Ao mesmo tempo, as cabeças rolavam, constantemente, para dentro do círculo, empurradas pelos pés das bailarinas, numa cena macabra e arrepiante.

Entretanto, o rei, de penacho e langotim, saltou para o centro da roda, acompanhado do seu amigo Tanapei, que também era um dos mais ágeis dançarinos. Trazia nos dentes a cabeça do filho de Saikênu, na mão direita uma catana e, na esquerda, a cabeça de outro inimigo.

Ambos os guerreiros, acompanhados ao ritmo de gongos e pandeiretas, deram início a uma dança que reproduzia todos os aspectos duma luta: do insulto ao desafio, e todas as fases possíveis e imagináveis até à liquidação do adversário. De vez em quando eram interrompidos por gritos ferozes do mulherio e, sempre que paravam os cantos do «semai», a multidão correspondia com gritos ensurdecedores.

Passadas algumas horas o cansaço era notório e os organismos alquebrados faziam com que os estômagos recordassem as exigências que nem a alegria nem a glória fazem deixar alguém indiferente.

Findo o «semai», recolheram todos às suas casas, deixando apenas alguns guardas para evitar que os cães tocassem naqueles desposos humanos.

Não sei que cabala há no número sete, que até nestas danças tem o seu lugar. Durante sete dias



— «vátchu-piti» — repetiram-se as mesmas cerimónias, quando o Sol estava a pino. No fim do sétimo dia arrancaram os couros cabeludos de todas as cabeças, levaram-nas para uma caverna e, aí, ao som de instrumentos musicais, lançaram-nas de mistura com muito arroz, para que as almas se alimentassem e não perseguissem os que os mataram. É a isto que chamam «cháu-mairinu», ou seja colocar as cabeças em ordem.

Da cova dos crânios dirigiram-se às povoações destruídas, onde, com um sarcasmo inaudito, olhavam os corpos pendurados nas árvores e sorriam, dizendo:

— Cheiram bem! Agora sim, cheiram bem.

Finalmente, para não desesperarem as almas a ponto de elas se vingarem, retiraram os corpos e sepultaram-nos eles, visto não haver parentes dos mortos que procedessem a essa cerimónia piedosa.

# CAPITULO XXV

## *Entrada triunfante em Nári*

O grande «semai» acabara. Nesse mesmo dia, à tarde, após um abundante repasto, o rei regressou a Nári, acompanhado pela sua gente. Levava penduradas da montada a cabeça do filho de Saikênu e a de outro chefe, principais motivos da sua intervenção nesta luta gloriosa.

Dissemos que a causa principal da sua entrada na luta era a vingança, mas não queremos, com isso, significar que o rei seja um monstro que envergonhe a espécie humana; é apenas um produto do ambiente em que nasceu e se criou: é vingativo.

A vingança é, para os timores, uma lei natural e justa; quem não se vinga é um cobarde e fica diminuído aos olhos dos outros.

De regresso, ao passar pelas fontes sagradas, o rei lançou um olhar respeitoso a esses sítios san-

tificados pela presença das almas dos seus maiores. A firmeza da crença em que fora criado deu-lhe a certeza de que as almas estavam contentes por ele ter tirado completa desforra do assassino de Tapicoro.

A família e o resto do povo estavam radiantes. Tinham passado angústias terríveis, ao saberem dos primeiros rumores da luta, e como o inimigo era forte tinham temido uma derrota completa. Depois, ao conhecerem o resultado final, os temores e receios transformaram-se em regozijo por saberem o rei são e salvo e por terem menos um inimigo a temer.

Mal chegou a casa, Perecoro mandou apanhar um cabrito e foi sacrificá-lo às almas dos seus, junto das fontes sagradas. Além disso, deu ordem para que se matasse um búfalo preto como não havia outro que o igualasse no tamanho dos chifres, e convidou a população para o «semai» a realizar no dia seguinte.

Como é natural, achava-se cansado das lutas, das emoções e dos sete dias de «semai» em Somotcho. Por isso queria descansar.

Pendurou as cabeças à porta de casa, recomendou que não fizessem barulho, e adormeceu, só acordando quando o sol lhe encheu a casa.

Levantou-se e foi inspeccionar o arraial: viu o búfalo esquartejado, um porco gordo e duas ca-

bras penduradas nas árvores. Além disso, as panelas cheias de água esperavam pela carne. Como queria que o «semai» tivesse importância semelhante ao de Somotcho, convidara vários guerreiros e mandara pôr um montão de pedras em redor do «titiro».

Ao meio-dia, quando os miolos do filho de Saikênu e do outro ferviam nos bambus, o rei pegou na baqueta e começou a fazer vibrar o fatal instrumento, anunciando que havia cabeças cortadas e miolos a ferver nos bambus.

As cerimónias realizadas anteriormente voltaram a executar-se e, finalmente, quinze dias depois da morte, a cabeça do execrando inimigo foi levada para o bosque sagrado, enquanto que as outras eram lançadas na Poitchina.

Durante o «semai» foram executadas danças guerreiras, como o «sikiri». Nesta dança as mulheres formam uma roda e tangem os «pira-titiro» e outros instrumentos. Nessas rodas nenhuma ri ou fala, porque isso é sinal de leviandade e desfaçatez incríveis.

De vez em quando um artista salta para o meio do círculo, de espada na mão direita e um lenço na esquerda. Se são dois os bailarinos, imitam, em todos os seus gestos, as fases sucessivas duma luta.

São indispensáveis à vida do timor as danças;

devo afirmar, no entanto, que são o que há de mais natural e decentes. Noutras regiões, mais sujeitas a influências exteriores, há cantos e danças inconvenientes; aqui desconheço tais manifestações de pornografia.

# CAPITULO XXVI

## *Cerimónia da imposição do nome ao neto do rei de Nári*

Depois das arrelias e aborrecimentos causados pelo casamento do Telucoro e da tristeza pela morte do Zévatau, o rei teve uma compensação: o nascimento de outro neto.

Quando nasceu o primeiro filho ao Telucoro, o primeiro cuidado deste foi ir a Nári informar o rei de que tinha mais um descendente: um neto lindo e robusto que era um amor de criança. A notícia encheu de alegria o avô, que, no seu íntimo, dava graças ao Grande pelas manifestas provas de benevolência com que continuava a abençoar a sua família.

Combinou-se que o nome do pequeno seria Lavanira — Água de ouro — e que a cerimónia da imposição se realizaria em Nári.

Logo que a criança atingiu uma idade que não posso precisar o Telucoro dirigiu-se a Nári, com a mulher e o pequeno. Apresentaram-no ao velho, que, inebriado de alegria, o tomou nos seus braços e lhe esfregou, muitas vezes, o seu venerando nariz na testa.

Depois começaram a tratar dos preparativos para o acto que ia realizar-se.

A mãe arranjou sete meninas de sete anos, o pai pendurou o cordão umbilical do pequeno na árvore sagrada destinada a estes fins e uma irmã do Telucoro, velhota de mais de sessenta anos, mandou apanhar um coco para a cerimónia.

As sete meninas e a mãe da criança arranjaram o arroz e, ao entrarem em casa, cada uma das pequenas deitou um punhado do precioso cereal numa panela de água a ferver. Enquanto o arroz cozia, a Lapacoro raspou o cabelo do filho e atou-o em molho que, mais tarde, poderia ser aproveitado para chás que curassem certas doenças.

Cozido o arroz, as meninas sentaram-se em círculo e, com colheres de coco, começaram a comer todas duma espécie de saladeira. Comiam no maior silêncio porque, se falassem, a criança corria o risco de ficar gaga.

Enquanto as miúdas comiam, a velha tia pegou no coco, retirou-lhe os fios exteriores e fez-lhe um orifício na casca. Cuspiu sete vezes por esse orifício e, de cada vez que cuspia, dizia o nome da

criança, mas em voz tão baixa que não podia ser ouvida por ninguém. A este rito chamam eles «deitar o nome na água».

As pequenitas acabaram de comer o arroz e, nessa altura, a velha deu-lhes o coco para beberem. Bebida a água com a saliva levantaram-se todas, em círculo, com as mãos estendidas para o centro, de palmas para cima, receberam a criança e começaram a embalá-la, dizendo:

— Lavanira, que nome tão lindo! Lavanira, que nome tão lindo!

Repetiram este estribilho, até que a mãe veio buscar o miúdo e lhe deu de mamar para não chorar mais.

O rei ficou contentíssimo pelo modo como o acto decorrera. Com este rito o menino estava posto ao abrigo de qualquer desfeita das almas dos parentes e sob a protecção dos «teis» que, através dos séculos, em todas as vicissitudes haviam protegido a família.

O velho recomendou ao filho que, mesmo indo à Missão, não esquecesse nunca os «teis» da família e não seguisse o triste exemplo do irmão mais velho, a que já me referi.

O Telucoro prometeu ao pai fazer o que lhe recomendava e, no dia seguinte, voltou com a mulher e o filho para Parla, onde a autoridade o obrigava a viver, assim como a outros habitantes de Nári.

# CAPITULO XXVII

*Breve interrupção em que se conta a história da Celeste e da sua tia*

Variando um pouco de assunto, vou agora contar um caso passado na Missão de Fuiloro, logo nos primeiros anos em que aqui se procurou formar uma comunidade cristã.

Para um missionário não deixa de ser confortante presenciar atitudes como a da Celeste, onde a graça divina vinha trabalhando sem mostrar qualquer sinal extraordinário.

A Celeste era uma criança franzina e fraca, mal alimentada, por vezes, sobretudo na época que precede o «Massulé». Tinha dezassete anos, um sorriso simples, sem nada mais de notável além do seu corpo magro e desajeitado. No entanto a candura do seu sorriso escondia um drama só conhecido por ela.

Vivia com os pais e, como qualquer rapariga de Timor, sabia fazer a horta, tecer panos e, além disso, era oleira.

Começou a vir à Missão desde que esta abriu e se não foi das primeiras a serem baptizadas esse facto deve-se a ser muito atacada de febres e de feridas nos pés.

Não é uma rapariga activa e entusiasta, dessas que levam tudo atrás de si, mas, tímida e reservada, soube mostrar uma intrepidez e decisão notáveis quando lhe foi necessário conservar a integridade moral.

Num meio pagão como este, em que a virtude da pureza não tem sentido, o missionário sente-se entristecido ao ouvir, de vez em quando, expressões como estas:

— Sabe?... A Maria casou, segundo os costumes timores, e já não vem à Missão!

— A Madalena casou com um homem já casado [1] e não volta mais ao catecismo.

Raparigas em quem eu tinha confiança deixaram-se levar pelas promessas de qualquer sedutor, ou pela autoridade dos pais, que jogam com os destinos das filhas e as negoceiam como gado.

---

[1] Na moral deste povo a poligamia é legal.

Quem tem mais posses compra mais mulheres; de modo que pelo número de esposas se mede a grandeza e poderio dum homem.

A meu ver a Celeste poderia ter sido joguete destas circunstâncias, mas, uma manhã, vi-a entrar na Missão, desgrenhada e chorosa, com a cara desfigurada por arranhões e nódoas negras.

Perguntei-lhe o que se tinha passado, mas ela tentou ocultar-me até o facto de ter chorado. Esforçou-se por sorrir mas, de súbito, rebentou em pranto e soluços e, envergonhada, aflita como se fosse perseguida, meteu-se na capela, último refúgio que lhe restava, em vista dos perigos que a ameaçavam.

Deixei-a desabafar e, no fim de algum tempo, interroguei-a sobre a causa da sua aflição.

— Quando comecei a vir à Missão, começou ela, já o meu pai tinha combinado o meu casamento, a troco de alguns búfalos, com um homem que tem duas mulheres. Por isso considera esse homem meu marido.

Há dias, o homem veio falar com o meu pai, para tratar de levar-me para sua casa.

Depois, minha mãe chamou-me e disse:

-- Olha, Puaroni (é este o seu nome pagão)! O teu marido veio falar com o pai, e não sei como isto vai ser.

Vim a saber que a Celeste respondera resolutamente:

— Pois sei eu! Não vou, e fica tudo acabado.

A mãe, que amava a filha e respeitava os seus sentimentos cristãos, previu tempestade e, não

querendo ver sofrer a rapariga, retirou-se em silêncio. Sabia que a vontade do marido devia ser a sua, e da filha, enquanto estivesse a viver com eles.

Conforme ficara combinado entre os homens, na tarde do dia seguinte apareceu o pretenso esposo para levar a rapariga. O pai chamou-a e mandou-a preparar-se para ir viver na sua nova casa.

A Celeste, enèrgicamente, respondeu que não iria e, se a quisessem obrigar, faria queixa ao missionário. Como prova do que afirmava encaminhou-se para a Missão, não tendo chegado lá por ver que as suas ameaças bastavam.

Todavia estava muito enganada.

O pai ficou bastante aborrecido, mas não se desconcertou e combinou o plano seguinte, para o noivo a levar: à noite, ele, a mãe e o irmão iriam para a horta, deixando a filha em casa, acompanhada só por uma irmãzita. Assim o marido poderia vir buscá-la, porque era sua.

Ao escurecer a rapariga ficou muito admirada por terem ido todos para a horta — onde os timores costumam ter outra casa — sem nada lhe haverem dito. Comeu o seu prato de milho, com a irmã, rezou o terço e, quando se ia deitar, viu abrir-se a porta e entrar o pretendente.

Ficou lívida e sem saber que atitude tomar.

O homem, rompendo o silêncio, exclamou:

— Puaroni, vem para minha casa.

Ela sentou-se e respondeu, corajosamente, que não ia porque, sendo cristã, não podia casar com um homem que já tinha duas mulheres.

Sem mais palavras, o homem tentou arrastá-la para fora de casa mas a Celeste repeliu-o e começou a gritar.

Levou uma tremenda bofetada que a derrubou, mas, vendo que ele insistia em arrastá-la, continuou a chorar e a gritar enquanto ele a espancava brutalmente como coisa sua, ameaçando matá-la se resistisse.

Uma irmã, que vivia na casa ao lado, começou a chamá-la e a perguntar a causa daquela gritaria, e o pretendente, temendo que os vizinhos viessem e lhe fizessem passar um mau bocado por lhe ter batido estando em casa dela, retirou-se, ameaçando-a de que pagaria cara aquela resistência, e deixando-a no estado lastimoso em que se apresentou na Missão.

Pouco depois de ela chegar junto de mim apareceu o pai, acompanhado do verdugo a quem vendera a filha. Vinham ambos furiosos.

Quando me disseram quem eram e o que pretendiam, esforcei-me por fazer-lhes compreender que não tinham razão, porque a rapariga era cristã e ele casado com duas mulheres.

O pai dizia apenas:

— Quero a minha filha, que está aqui na Missão.

O outro, rugindo, reforçava:

— Quero a mulher que fugiu para aqui e que é minha. Quero levá-la comigo.

Chamei a Celeste, que tremia como varas verdes, e respondi aos homens:

— Tu — referindo-me ao que se dizia marido —, vai para casa e não tornes a pôr os pés aqui porque, nesse caso, serei eu quem vai fazer queixa às autoridades do atrevimento que tiveste de entrar em casa duma cristã e maltratá-la deste modo. E tu, pai indigno que consentes que maltratem a tua filha e a queres entregar a este monstro, vai para casa e livra-te de exercer qualquer violência sobre ela, porque não ficarás sem o castigo merecido.

O pretendente replicou:

— E os meus búfalos?

— O pai que tos devolva, mas lembra-te de que deves ir para a tua aldeia e não voltar mais aqui.

Mal humorados e resmungando, lá desapareceram os dois.

Recomendei à Celeste que passasse o dia em casa de uma boa família cristã e que, à noite, fosse para casa e nada temesse; que fosse obediente e submissa ao pai, mas que não se esquecesse de que era cristã.

Ela fez o que eu lhe aconselhei, e os verdugos deixaram-na em paz.

Continuou a vir à Missão e a cumprir os seus deveres.

O caso deu brado por aquelas aldeias fora, e as opiniões dividiram-se. Uns aprovavam a atitude da rapariga porque, sendo cristã, fazia bem em não casar com um homem que já tinha mulheres; outros, a maioria, condenavam, severamente, a sua atitude. Diziam que as raparigas deviam obedecer aos pais e que nunca se vira tal coisa em gente de Timor.

O chefe de uma povoação vizinha, descendente, segundo diziam, de um homem que viera de outra ilha montado num jacaré, afirmava que, se as mulheres se fizessem cristãs, deixariam de ter filhos, o que era uma maldição de Deus.

Estes factos, mais ou menos deformados, transpunham as fronteiras de Nári e chegavam aos ouvidos do rei, que, não podendo explicar o que tudo aquilo significava, se limitava a sentenciar:

— O missionário que ensine o que quiser, mas que nos deixe casar as nossas filhas como os nossos avós casaram as deles.

Uma das mulheres que censuravam com mais aspereza a conduta da Celeste foi Matchacoro, sua tia paterna, que apregoava:

— Fosse ela minha filha, e eu lhe diria como se vai para casa do homem que o pai lhe arranjou.

— Claro! — acrescentava outra. — Começam

a fazer-lhes as vontadinhas e elas já dizem que ao domingo não se trabalha.

— Deu ela com meu irmão, que é um pau-mandado! — atalhou a Matchacoro. — Se fosse outro, não sei em que ficaria isto. Bem fizeram os irmãos da Tchelavanu, que, como ela não casava com Assutchai, por ser cristã, lhe deram uma sova e a prenderam dois dias sem comer. Casou-se e já tem uma menina que é um amor.

— Mas o Assutchai já não a quer.

— Que importa isso? Os irmãos receberam cinco búfalos, dois cavalos e uma espada, sem terem que dar nada a não ser o porco gordo para a cerimónia. Além disso a garota vai valer mais do que a mãe, que não era nada feia.

Estes comentários deixam transparecer um pouco do que se oculta atrás dessa cortina de mistério que nos separa dos timores.

Dois anos se passaram depois de estes factos terem ocorrido quando, uma tarde, um garoto chegou ofegante à Missão e disse:

— Senhor padre! A Celeste disse: o senhor padre, depressa.

— O que há?

— A Celeste disse: Mal, muito mal.

Sem compreender o que se passava, segui o rapaz, pensando:

— Querem ver que o homem fez alguma tentativa para levar a rapariga?

Ao chegar perto do local aonde o miúdo me conduzia vi muita gente reunida e a Celeste vir ao meu encontro, acompanhada de uma prima.

— Que se passou? — perguntei.

— Um búfalo marrou na minha tia e pisou-a, deixando-a quase morta. Ela já me disse que não queria morrer sem ser baptizada e por isso mandei chamar o senhor padre.

— Que tia é essa?

— A tia Matchacoro.

— A que queria que fosses viver com aquele homem?

— Essa mesma!

Aproximei-me. A pobre mulher estava num estado lastimoso, com o peito cheio de escoriações e um fio de sangue a escorrer-lhe pela boca. Tinha uma clavícula e várias costelas fracturadas, e dava gemidos dolorosos sempre que a mexiam. A opinião geral era que não escapava.

Baptizei-a ali mesmo e, em seguida, foi levada para o Posto de Socorro, de onde a levaram para Díli.

Aí a fui eu encontrar, tempos depois, quase boa e toda contente por ser já cristã.

## CAPÍTULO XXVIII

### *O Vítor — Lenda do tubarão*

Como eu tenho um fraco por histórias e lendas, julgo que toda a gente tem a mesma opinião e, por isso, vou dar a conhecer mais uma das muitas que correm por estas regiões e que explicam certos costumes dos seus habitantes.

O Vítor entra na história do rei de Nári como Pilatos no *Credo* mas a propósito dele é que tive conhecimento da lenda que vou contar.

Era um garoto mais claro do que os outros e que viera para a Missão aprender a ler e escrever ao mesmo tempo que se instruía na doutrina cristã. Estava com um irmão mais velho numa palhota perto e tinham um criado para lhes fazer a comida. O pai deles era chefe de «suco» e queria que os filhos se instruíssem.

O Vítor era brincalhão e muito amigo do Manuel, neto do rei de Nári. Apesar dos seus carac-

teres serem muito diferentes, andavam sempre juntos e em despique para aprenderem novas expressões e frases portuguesas.

Eram os melhores alunos de entre os cinquenta da sua turma e, quando um tinha menos erros no ditado que o outro, logo se punha a mostrar a ardósia ao amigo, em ar de desafio, para o fazer arreliar.

Algumas vezes tive de castigar o Vítor por causa das suas travessuras; sentia o castigo, compreendia que era merecido e os seus olhos marejavam-se de lágrimas. No entanto não sabia o que era rancor.

Sabia ajudar à missa e estava sempre pronto a fazer qualquer serviço que lhe ordenassem.

Um dia, depois de ele ter feito um recado, ofereceram-lhe um prato de arroz com uma posta de peixe e, com grande estranheza minha, por saber que ele gostava muito da comida dos «malais», o Vítor recusou e foi para casa, despeitado.

Aquilo era uma coisa incompreensível para mim. Referi o caso a um companheiro da sua aldeia, rapaz já crescido que se exprimia regularmente em português, e este disse-me:

— Nem ele nem os da sua família comem tubarão porque, segundo a lenda, a família da mãe é originária desse animal. O Vítor viu um pescador trazer ontem um tubarãozito para a Missão e por isso não aceitou o arroz com peixe.

A seguir, o rapaz contou-me a lenda dos tubarões.

Na região de Liavai havia a aldeia de Larimata, onde, há muito tempo, se fez uma grande festa em honra dos mortos.

Acorreu gente de todos os lados para assistir à festa e tomar parte no banquete, que durou quase um ano.

Entre e pessoal do batuque apareceram duas mulheres que tocavam pandeireta maravilhosamente e que, apesar de uma ser branca e a outra preta, eram ambas duma beleza invulgar. Chegavam todos os dias, ao anoitecer, vindas duma praia chamada Raber, e, de madrugada, dirigiam-se a essa mesma praia e nunca mais ninguém as via. Ignorava-se quem eram, onde moravam, de onde vinham e para onde iam.

Ora um dia, um homem muito rico, vendo-as sair do arraial, seguiu-as sem ser notado.

Chegadas à praia, o homem viu que se metiam na pele de um tubarão e, transformando-se nesse peixe, desapareciam pelo mar dentro.

Na tarde seguinte, antes do pôr do Sol, já o homem estava em cima duma palmeira, à espera que chegassem. Efectivamente, dentro em pouco, começou a ver dois tubarões que nadavam à flor da água e se encaminhavam para terra. Saíram do mar, despiram as peles e transformaram-se nas

belas mulheres que costumavam tomar parte nas festas.

Como a mulher branca foi esconder a sua pele de tubarão debaixo da palmeira onde o homem estava, este, mal ela se afastou, desceu, pegou na pele e foi escondê-la em casa, sob a laje da lareira. Feito isto voltou para a festa.

Antes de amanhecer, como de costume, as belas tocadoras de pandeireta dirigiram-se à praia, seguidas pelo homem, que queria ver os resultados da sua manobra.

A preta, mal chegou, vestiu a sua pele e desapareceu pelo mar dentro, mas a branca, como não achou a pele que escondera, sentou-se no chão a chorar.

O homem rico foi ter com ela e perguntou-lhe o que tinha.

A dançarina não respondeu e ele, compadecido, convidou-a a ir para sua casa comer e descansar.

Após algum tempo, sem que a mulher dissesse coisa alguma, a fome venceu-a e obrigou-a a aceitar o convite.

Como era de esperar em casa de uma pessoa rica, o jantar foi lauto e deixou a rapariga mais satisfeita. Aproveitando aquela ocasião, o homem propôs-lhe casamento e, assim, viveram felizes durante muito tempo.

Sempre que saía de casa, ele recomendava à esposa que não fosse ver o que estava debaixo da

laje da lareira, pois isso lhe poderia causar a morte.

Tinham já uma filha com oito anos e um filho com três quando, um dia, tendo o homem saído, ela não resistiu à curiosidade e foi ver o que haveria no lugar proibido. Ao encontrar a pele por que tanto suspirava disse aos filhos que ia fazer limpeza à cama e mandou-os sair de casa. Pôs a pele de molho e, passado algum tempo, como viu que ainda estava boa, vestiu-a e pôs-se a saltar com tanta violência que toda a casa estremecia.

Bem gritavam os filhos que a casa vinha abaixo mas ela, para os tranquilizar, gritou-lhes que estava a sacudir os percevejos, e que era aquela a melhor maneira de os fazer cair da cama.

Vendo que a pele estava boa, meteu-a num saco e, acompanhada dos filhos, foi para a praia. Despediu-se dos pequenos, com muitas lágrimas, e recomendou-lhes que fossem sempre muito amigos e que voltassem ali, no dia seguinte, que ela lhes daria muito peixe. Dito isto, vestiu a pele e meteu-se no mar.

As crianças começaram a chorar em altos gritos e ela, em vista disso, tirou a pele e voltou para junto dos filhos. Tornou a beijá-los e abraçá-los, disse à filha que tomasse conta no irmãozito, pois ela tinha de ir-se embora, e, feitas estas recomendações, pediu que viessem trazer-lhe, àquele sítio,

batata-doce e amendoim, vestiu a pele e desapareceu no mar.

Os filhos voltaram para casa, muito tristes e chorosos.

Quando o pai voltou, à noite, perguntou-lhes pela mãe e qual era a causa daquela tristeza. As crianças contaram o sucedido e o homem, aflito, foi levantar a pedra da lareira. Como não viu lá a pele, compreendeu o que acontecera e ficou muito pesaroso.

No dia seguinte as crianças, seguindo as indicações da mãe, foram esperá-la à praia. Viram surgir um grande tubarão que perseguia um cardume de sardinhas, fazendo-as saír da água. Os dois irmãos encheram uma cesta com esses peixes, e o tubarão, saltando para terra, despiu a pele e transformou-se na sua mãe. Conversou com os filhos, durante algum tempo, voltou a dizer-lhes que fossem lá buscar o peixe que quisessem e, levando a batata-doce e o amendoim, tornou a converter-se em tubarão e a desaparecer.

Depois desse dia, muitas vezes o pai dos pequenos chegou a casa e viu muito peixe assado. Perguntava aos filhos onde o tinham ido buscar e eles respondiam que fora a mãe que lho dera.

Tantas vezes aconteceu isto que o homem cogitou uma armadilha. Foi a casa de um irmão, pediu--lhe uma boa azagaia emprestada e acompanhou os filhos à praia. Escondeu-se atrás de uns arbus-

tos e ficou à espera de que a mulher-tubarão aparecesse.

Não tardou muito que voltasse a repetir-se a cena que os filhos lhe haviam contado. O homem saltou do esconderijo e arremessou a azagaia ao tubarão, mas este abalou, levando a arma espetada.

Justificou-se o homem perante o irmão dizendo que perdera a azagaia mas que lhe arranjaria outra.

— Não! Só quero a minha! — respondeu o outro.

Sabendo que não encontraria o que queria, o homem foi para a praia e sentou-se a pensar.

Grande foi a sua surpresa ao ver um jacaré sair do mar e perguntar-lhe o que estava fazendo ali.

— Estou a ver se vejo o avô! — respondeu.

— O teu avô sou eu! — disse o jacaré. — Que queres?

— Quero a azagaia que espetei, ontem, num tubarão que fugiu levando-a. A arma é do meu irmão e ele não aceita outra em troca.

— Não atiraste a azagaia a um tubarão, mas à tua mulher, que a levou espetada num sovaco e que ficou em casa, ferida. A azagaia está lá pendurada.

— O avô sabe tudo!

— Como não hei-de saber, se voltei de lá agora mesmo?

— Que devo fazer para recuperar a azagaia?

— Vai buscar-me um chãozito e um molho de hortaliça para eu comer, que estou com fome. Depois sentas-te em cima de mim, que eu levo-te junto da tua mulher.

O homem assim fez e, depois de o avô ter comido, montou nele e dirigiu-se a casa da mulher, no fundo do mar.

Ao chegarem lá, o sogro do homem perguntou-lhe o que queria.

— Venho por causa de uma azagaia que é do meu irmão e que eu espetei num tubarão que fugiu com ela.

— Não a espetaste em nenhum tubarão, mas sim na tua mulher, que é minha filha e que está ali, ferida, a tecer.

De facto, a um canto da casa, lá estava a mulher, muito triste e abatida, sem dizer palavra e sem, tão-pouco, levantar os olhos para ele.

O sogro ordenou ao homem que ficasse lá, essa noite, prometendo que lhe daria a azagaia no dia seguinte.

No outro dia, depois do almoço, o homem recebeu a arma que fora buscar, despediu-se do sogro e subiu para as costas do avô, que o foi deixar na praia. Encaminhou-se para a aldeia, entregou a azagaia ao irmão e voltou para casa, onde continuou a viver com os filhos.

Um dia, tendo ele um bambu com aguardente encostado à parede da casa, passou por ali o irmão

e, sem reparar, tombou o bambu e entornou a aguardente.

Zangadíssimo, o homem vociferou:

— Dá-me a minha aguardente!

— Vou já buscá-la a casa! — respondeu o outro.

— Não. Quero a que tu entornaste. Assim como me obrigaste a ir ao fundo do mar buscar a tua azagaia, também eu, agora, exijo a minha aguardente.

O irmão começou a cavar, em busca do que entornara, mas chegou a uma profundidade tal que não pôde sair e lá morreu.

Os filhos da mulher-tubarão foram crescendo, casaram e tiveram descendentes que se dizem netos do tubarão. O Vítor era descendente dessa família e, por isso, não comeu o prato de arroz com peixe que lhe tinham dado.

Depois de fazer o exame da segunda classe, o Vítor foi para a sua aldeia, esperando passar umas férias divertidas pescando e caçando rolas. Todavia, uma semana mais tarde, o irmão veio pedir-me duas velas e dizer-me que ele morrera.

O caso passou-se assim:

O rapaz gostava muito de caçar com zarabatana. Um dia, no mato, sentindo-se cansado, deitou-se e adormeceu. Quando acordou estava ao sol e sentia fortes dores de cabeça. Com muito custo conseguiu regressar a casa e deitar-se, mas

a febre aumentou tanto que o rapaz começou a delirar e a dar mostras de grande sofrimento. Levaram-no para o Posto de Saúde de Mouro, mas expirou nessa mesma madrugada.

Jaz, agora, no cemitério da sua aldeia, à sombra piedosa da Cruz, lembrando aos transeuntes que, ali, repousa um cristão.

# CAPÍTULO XXIX

## *A Cova das Cabeças*

Uma das coisas que me intrigavam, desde a minha chegada a Fuiloro, era a impossibilidade de ver algum desses lugares para onde, depois das lutas, esta gente atirava as cabeças cortadas aos inimigos.

Tentei descobrir alguma caveira, mas o meu esforço foi inútil.

— Estão no mato! — diziam-me. — Os velhos é que sabem dessas coisas.

Uma vez, um velhote casado com a sobrinha de um famoso herói da época disse-me que sabia onde estava uma caverna com muitas cabeças e prontificou-se a acompanhar-me ao lugar. Montei a cavalo e segui-o até a um sítio onde estava uma casa em ruínas. Perto estava uma lapa e os vestígios de uma fogueira recente. Nada mais.

Suspeitei que se tratasse de mais uma lenda ou fanfarronice quando o velho, indiferentemente, exclamou:

— É ali, mas está tapado.

Voltei para casa, desiludido, mas quando, noutro dia, um garoto me afirmou que sabia onde se encontrava a cabeça de um príncipe indiano trazido e morto pelos japoneses, voltei a montar a cavalo e segui o garoto. Percorremos a orla duma grande mata e, chegados ao local desejado, ele observou bem o sítio, procurou e declarou-me que a caveira tinha desaparecido e ele não sabia indicar para onde deitavam as cabeças dos vencidos.

Tornei a casa com mais uma ilusão desfeita.

Querendo acreditar na história épica desta gente, pensei que eles teriam medo de descobrir esses lugares aos estranhos, temendo represálias, sabe Deus de quem.

Finalmente, descobri um rapaz, neto do rei de Nári, que tinha estado ao pé de Máapóto e perguntei-lhe:

— Sabes onde é Máapóto? (Cova das Cabeças).

— Sei sim, senhor!

— Viste lá crânios?

— Vi sim, senhor!

Combinámos ir lá no dia seguinte, que era um domingo. Ele ainda me recomendou que era melhor ir a cavalo, mas como, desta vez, não havia

cavalos em casa e, segundo depreendera, a distância não devia ir além de três ou quatro quilómetros, resolvi ir a pé porque a tarde estava fresca e eu tinha curiosidade em visitar aquele lugar.

Teríamos andado já cerca de cinco quilómetros quando perguntei:

— Falta muito?

— «Tchone», senhor. «Tchone!» — Longe, senhor. Longe!

Continuámos, durante muito tempo, por uma estrada construída pelos japoneses e, já cansado, voltei a inquirir:

— Ainda falta muito?

— «Tchone», senhor. «Tchone!»

Estava aborrecido com o caso porque, ao receio de sofrer um novo desapontamento, se juntava o facto de ter de palmilhar, a pé, a mesma distância quando voltasse para casa. É certo que as curiosidades se pagam caro, mas eu queria, a todo o custo, documentar a minha história. Para me consolar, o rapaz, que se chamava António, disse-me:

— Quando passarmos esta mata, outra mais pequena e, depois, outra como ela, estamos no sítio que o senhor procura.

Resolvi seguir.

Caminhava atrás do meu guia, sem lhe perguntar onde estávamos, receando ter de ouvir, de novo, a enervante palavra «tchone».

A certa altura, vendo-o apressar o passo e diri-

gir-se a um gondoeiro que ficava a meio de uns penedos, pensei:

— Cá estamos.

Mas qual o quê? O rapaz olhou para o chão, certificou-se do caminho que buscava, e ei-lo de novo a andar como um desalmado por carreiros pedregosos e cobertos de erva. De súbito parou, esperou um pouco, apontou para uns coqueiros que se viam à distância e exclamou:

— São do Félix!

Bem me importava que fossem do Félix ou de outro qualquer. Respondi apenas:

— O que quero é que não me enganes.

Ultrapassámos os coqueiros e, ao entrarmos numa clareira, o meu companheiro deteve-se. Olhou atentamente para umas pedras que havia no meio do mato, fez sinal a um indígena armado de catana, que passava, e aproximou-se das pedras, cheio de cautela. Ainda suspeitei que andassem à procura da Cova das Cabeças mas, de repente, ouvi um grito e vi o indígena a correr, de catana em punho e com o António atrás.

Um enorme gato bravo deu um pulo e, correndo mais do que os seus perseguidores, foi esconder-se na mata.

O rapaz voltou para junto de mim e continuou a andar, cada vez mais apressado. Segui-o, com resignação, a ver como iria acabar a aventura de me ter fiado nas distâncias calculadas por um timor.

Perto da outra mata vi o meu guia olhar atentamente para um pedregulho, aproximar-se duma árvore pequena e sentar-se ao lado. Aproximei-me, com mais vontade de descansar que de ver a Cova das Caveiras, e, no auge do desânimo, perguntei:

— Ainda está longe?

— «Enaé», senhor! (Está aqui!).

Eu esperava ir encontrar uma caverna enorme, escura, cheia de caveiras e ossadas humanas que me deixassem horrorizado. Em vez disso fui dar com uma covazita que tinha uma árvore a tapar-lhe a entrada e no fundo da qual vi três caveiras, a menos de um metro de profundidade.

Eram as últimas que o rei para lá tinha atirado. Duas delas eram enormes: uma com os dentes todos; a outra, com um só dente, no maxilar superior. Quanto à terceira, a mais pequena, não a pude observar bem, porque estava fora do meu alcance.

No fim de tanto entusiasmo, não sei se fiquei satisfeito ou não. O meu único pensamento era para os quilómetros que teria de percorrer para regressar à Missão.

Todavia, como os jornalistas que andam em busca de notícias sensacionais, consegui o meu intento: ver uma das tantas covas para onde os guerreiros deitavam as cabeças dos inimigos mortos em lutas inglórias, que tantos ódios alimentavam e tantas vítimas faziam. Levava comigo uma dessas

caveiras, que havia de causar maior horror do que quando esses infelizes eram decapitados e as suas cabeças rolavam no «semai», nessas macabras manifestações de alegria pelo aniquilamento do inimigo.

## CAPÍTULO XXX

*Curiosa entrevista com o rei na sua corte*

Tendo de afastar-me de Fuiloro, e não sabendo se voltaria a estas paragens, resolvi não partir sem ter uma entrevista com o rei de Nári.

Preparei um farnelzito com pão, queijo e algumas laranjas e tangerinas e, acompanhado pelo António, neto do rei, pus-me a caminho de Nári. O facto de ir com o rapaz bastaria para não causar suspeitas e facilitar-me-ia a entrada nessa região vedada por uma cortina de preconceitos e superstições.

Esperava ir encontrar o rei sòzinho, mas, ao contrário do que calculava, vi-o rodeado de uma corte de homens e mulheres, o que me deixou bastante desapontado.

Entrei no recinto onde toda essa gente se encontrava, e que era uma espécie de pátio cercado

por um muro de pedra solta para impedir que a criação fugisse, e esperei que o António fosse anunciar a minha visita.

Não houve nenhuma cerimónia especial.

O António, sem subir pela escada que dá acesso à casa, gritou:

— «Tchálu!» (Ó avô!).

— «Mau!» (Entra!) — respondeu uma voz lá de cima.

Nessa altura, a curiosidade dos que estavam no pátio e nas palhotas vizinhas foi atraída sobre mim. Ao verem-me o cavalo, como que obedecendo a uma voz de comando, exclamaram todos:

— Ah!

Uma rapariga veio segurar-me o cavalo, e o nosso rei, que descascava uma maçaroca para lhe torrar o milho, dando com os olhos em mim, ficou tão admirado que me obrigou a fazer qualquer coisa para o tirar do embaraço em que se encontrava.

Enquanto aquela gente se aproximava, pensando qual seria o objectivo da minha visita a Nári, rompi o silêncio e perguntei-lhe:

— Estás bem, Perecoro?

— Bem! — respondeu ele, mais senhor de si.

— E a tua família está bem?

— Bem.

Uma rapariga que frequentava a doutrina veio beijar-me a mão e convidou as outras a fazerem o

mesmo. A mais velha, cega de um olho e com os cabelos já grisalhos, pegou-me na mão e olhou para a rapariga com expressão interrogativa.

— «Tona umuè!» — (Beija a mão) — disse a outra.

Imediatamente, a velha esfregou o nariz na minha mão, sendo logo imitada por toda a *comitiva real.*

Como é natural, comecei, cautelosamente, a perguntar quais as relações das pessoas presentes com o Perecoro. Confesso que me enganei redondamente.

Referindo-me à mulher cega de um olho, perguntei:

— É tua mulher?

— Não, senhor! — respondeu, alegremente. — É minha filha.

Indicando um velhote alto, de cabelos brancos, mas mais novo e mais rijo do que o rei, disse:

— Este é teu irmão?

— Não, senhor.

Corrigi imediatamente:

— É teu genro?

— Não. Este também é meu filho.

Vendo que, até ali, todos eram filhos, apontei para uma mulher mais nova do que a cega e perguntei:

— Esta também é tua filha?

— Não. É minha mulher.

Decididamente estava com pouca sorte. No entanto, tinha quase a certeza de que, agora, iria adivinhar.

— Ah! — exclamei. — É a mãe do Telucoro!

— Sim, senhor! É mãe do Telucoro e desta rapariga, que é a minha filha mais nova.

— Onde está o Telucoro?

— Em Còcòcó! — respondeu.

— É bom rapaz — acrescentei —, assim como a Felisbela, a irmã, é boa rapariga.

Com esta lisonja estabeleceu-se uma conversação cordial.

De súbito, exclamei:

— Viste, alguma vez, a serpente?

— Não. Nunca a vi. Mas o meu avô e o Telucoro viram-na, e eu acredito como se visse.

Aproveitei a ocasião para o instruir sobre a criação de Adão e Eva, como Deus os colocara no Paraíso e como a serpente os havia enganado, induzindo-os a comer o «capulai-mana». Por esse motivo tinham sido expulsos do Paraíso, para sempre, e obrigados a trabalhar para comer. Rematei dizendo que a serpente continuava a enganar os homens e que o enganava também a ele.

— Não deves acreditar nela! — acrescentei.

Ele ficou pensativo com o que eu lhe disse e, de súbito, exclamou:

— «Maartei naucàpáré!» (O padre é formidável!).

Como eu não queria, logo de entrada, bater mais naquele assunto, tirei o relógio para ver as horas. Isto chamou a atenção de todos, incluindo o Perecoro, que quis ver bem aquela coisa como nunca vira igual. Abri a caixa e deixei-os ver as engrenagens, que os deixaram surpreendidos e os faziam soltar constantes exlamações. Quando, finalmente, meti o relógio no bolso, o rei exclamou:

— «Naucàpáré!» (Formidável!).

Fiz-lhes ver que deviam imitar o relógio, que nunca pára, e não fazerem como os preguiçosos, que não querem trabalhar.

Estando nós nesta conversa, ouvi o Perecoro dar ordem para que matassem um frango em honra do senhor padre. Como ali vivem em promiscuidade os cães, porcos, galinhas e donos, logo a esposa do rei apanhou um frango que estava ali perto e sacrificá-lo-ia se a minha pronta intervenção não tivesse salvo a vida ao bicho, dizendo que não comia carne. O rei deu nova ordem para que o apanhassem para eu o levar, mas escusei-me, afirmando que não o comeria.

Em vista de tal insistência para que eu comesse o frango, ou o levasse, abri o meu farnel para comer alguma coisa, e ofereci ao rei um bocado de pão branquinho.

Ele aceitou-o, imediatamente, mirando-o por todos os lados e saboreando uma coisa tão gostosa: era a primeira vez que comia pão. Dei-lhe, tam-

bém, um pedaço de queijo, mas o cheiro deste causou-lhe suspeitas. Olhou para o queijo e para todos os presentes, com ar interrogativo, e, depois, cravando os olhos em mim, perguntou:

— Ácam utcha?» (Não mata?).

— Não. Isto é muito bom. Olha para mim! — respondi, pondo-me a comer pão com queijo.

Imitou-me, sem receio, voltando a soltar a sua expressão favorita:

— Naucàpáré!»

Não querendo privar a *família real* do prazer de saborear pão e queijo, distribuí o que trazia, deixando-os contentíssimos. O rei aceitou laranjas e tangerinas e, como eu não trazia fruta para todos, parti a que trazia em gomos e toda a gente foi contemplada.

Ganha a boa vontade do rei, fiz nova ofensiva para penetrar nessa cortina misteriosa de segredos e tradições.

É um limiar intransponível. Sempre que perguntava alguma coisa, chocava com a sua reserva natural e nada consegui adiantar sobre o conhecimento das suas lendas. A resposta que obtinha era sempre:

— «Ácam naváré!» (Não sei!).

Só quando lhe falei do dilúvio que inundara a Terra consegui uma correcção condescendente:

— Três dilúvios! Um, não!

Não o quis contradizer e aproveitei a sua boa

disposição para perguntar se sabia os nomes do homem e da mulher que tinham sido os únicos sobreviventes. Tendo como resposta o já conhecido «ácam naváré», disse-lhe com a maior naturalidade:

— «À piri!» (Tu mentes!).

Os olhos da assistência fitaram-se no velho, para observarem a reacção dele às minhas palavras. Depois voltaram-se para mim, que continuei:

— Sabes mas não queres dizer. Eu vou dizer-tos, porque não sou mentiroso como tu: o homem chamava-se Maupê e a mulher era Puiôna.

Houve uma exclamação geral de entusiasmo, seguida do «maartei naucàpáré», dito pelo rei, que, tomando-me as mãos, esfregou nelas o nariz.

Tomado de novo acesso de entusiasmo, voltou a dizer à filha que apanhasse o frango e o matasse em minha honra.

Tornei a recusar e perguntei-lhe se tinha feito o «Massulé».

Com o ar mais inocente deste mundo, respondeu-me:

— «Ácam naváré!» (Nada sei disso!).

— Sabes! — respondi. — Mas não queres dizer!

Sem me fazer rogado, comecei a recitar-lhe parte das palavras que ele usava nessa cerimónia, o que lhe arrancou a seguinte exclamação:

— Naucàpáré! Maartei navarana!» (Formidável! O padre é um sábio!).

Dizendo isto voltou a pegar-me nas mãos e a esfregar nelas o nariz.

Falei-lhe de Deus, de Jesus, seu único filho, que morreu para nos salvar e que quer que todos nós, sem distinção de sexos, raças ou nacionalidades, alcancemos o céu. Ele fazia sinal com a cabeça e concordava:

— «Tápi! Tápi!» (É verdade! É verdade!).

Ainda lhe perguntei algumas coisas sobre as guerras que faziam antes de o Savarica vir, e onde tinha posto as cabeças que cortara aos inimigos. Como já calculava, respondeu-me:

— «Ácam naváré!»

— Pois sei eu: estão no «Máapóto», em Poitchina!

E continuei:

— Quantas cabeças lá meteste?

— Só du... duas,... senhor!

— Não foram duas, mas três. Eu já tenho uma delas na Missão.

A assembleia ouvia tudo isto de boca aberta, e o rei, no meio do assombro geral, deixou escapar a exclamação:

— «Naucàpáré! Maartei úcu naváré!» (É formidável! O padre sabe tudo!).

No entanto, não se atreveu a esfregar-me o nariz na mão. Continuei:

— Lembra-te de que mataste. Matar é um pe-

cado muito grande, e deves pedir perdão a Deus se não queres ser castigado na outra vida.

Como a minha entrevista ia já muito prolongada, dispus-me a partir.

Todavia, ainda lhe fiz esta recomendação:

— Lembra-te de que hás-de morrer; que tens uma alma, só uma, e que só o baptismo te pode abrir as portas do Paraíso para te ires juntar ao Grande.

Ensinei-lhe três palavras para dizer todos os dias:

— Jesus, Maria, José.

Retirei-me sem me livrar de nova esfrega de narizes da *comitiva real* e, no caminho, entre a casa do rei e as fontes sagradas, parei a contemplar as sepulturas dos seus parentes.

Na minha imaginação via uma sepultura para o Perecoro, diferente da dos outros por ser encimada pela Cruz em vez das cabeças de búfalo. A minha alma esperava que ele, antes de morrer, encontrasse o caminho redentor da Fé Cristã.

## CAPÍTULO XXXI

*Caçada em Nári — Lenda do jacaré — Surpresa dos búfalos*

Conforme o rei de Nári já havia afirmado antes, os «nipon» abandonaram o que tinham tirado aos outros mas, a ele, deixaram-no sem búfalos, sem cavalos, sem cabras e sem ovelhas, embora haja ainda, no mato, bastantes veados que não puderam ser caçados, nem mesmo nos tempos críticos de fome em que se encontraram nas últimas semanas da ocupação.

A fama de que os veados abundavam em Nári espicaçou ao descobridor deste reino o desejo de aí fazer uma caçada. Deste modo, organizou uma excursão até lá, para ver se conseguia ter sorte.

Há vários modos de caçar veados. Os indígenas apanham-nos com laços, cães, azagaias e, nas regiões de planície, aproveitam as noites de luar

para os perseguirem, a cavalo. Não os caçam a tiro, porque não estão autorizados a usar armas de fogo.

Na caçada de que vou falar usou-se o método mais comum entre os brancos de Timor: caçada nocturna, com espingarda.

O caçador leva uma lanterna potente e, com ela, foca os olhos do veado, que reflectem a luz. O animal fica como cego e o caçador, aproximando-se até uma distância conveniente, aponta, atira e mata — quando mata, claro.

Um dia fui convidado pela autoridade administrativa a ir a uma caçada, para os lados de Tuuala. Os atiradores eram quatro, mas os curiosos que seguiam nos carros eram muitos. A meio do caminho começaram a aparecer animais e a serem mortos. Abateram-se dezassete e não se abateram mais porque os protestos da assistência convenceram os caçadores de que já havia bastantes vítimas.

No entanto, para Nári não se vai de carro. A única coisa que se pode fazer é ir a cavalo, durante algum tempo, e, depois, continuar a pé, na esperança de que nos apareça alguma peça de caça grossa.

Desta vez, porém, a fortuna não esteve do lado do caçador, embora ele, ao pôr do Sol, já estivesse em Nunutchêno, em casa de um neto do rei de Nári.

Ao chegarem, um dos que iam na comitiva e

que fazia parte da família do dono da casa subiu a um coqueiro e apanhou cocos para oferecer ao «malai», como é da praze.

A mãe do dono da casa, a Caminutchai, mandou pôr uma panela com arroz a cozer, e a conversa generalizou-se.

Nesta altura o António pediu à mãe que contasse a história dos avós de Home, ao que ela acedeu, um pouco contrafeita, mas por outro lado não queria desgostar o «malai», que gostava muito de histórias.

Numa ilha, muito distante, viviam três irmãos. Um belo dia meteram-se num barco e, levando apenas uma panela, catanas e alguma comida, partiram em busca de fortuna. Quando já iam no mar alto veio uma forte ventania que os levou para longe e os deixou, durante muito tempo, perdidos e sem atinarem com o caminho de regresso.

Com a embarcação à mercê dos ventos, avistaram uma ilhota ao longe e dirigiram-se para ela.

Desembarcaram e viram que a ilha era deserta. Como o irmão mais novo estava ferido numa perna, os outros dois decidiram desfazer-se dele e disseram-lhe:

— Vai buscar água com esta panela, que nós iremos procurar lenha.

Como o rapaz era bom e obediante, abalou sem suspeitar dos irmãos.

Estes, quando o viram longe, meteram-se no

barco e foram para outra ilha maior que já haviam avistado, deixando o mais novo só e doente naquele deserto.

Chegando à praia e não vendo os irmãos, o rapaz pensou que tivessem ido pescar, e pôs-se à espera. À tardinha, como os outros não apareciam, começou a chamá-los, cheio de terror e com uma aflição que aumentava à medida que a noite caía.

No meio das suas lamentações ouviu uma voz que o chamava pelo nome. Dirigiu-se ao local de onde provinha a voz e, com grande espanto, viu um enorme jacaré, à tona de água. O seu primeiro impulso foi fugir, mas o jacaré disse:

— Não fujas, que não te faço mal. Porque choras?

— Porque os meus irmãos foram-se embora e deixaram-me aqui sòzinho. Não tenho para onde ir e, por certo, morrerei de fome.

— Queres ir para onde eles foram?

— Quero! — respondeu o rapaz, ansioso. — Mas não sei onde estão nem tenho barco para ir.

— Pois bem; eu sou o teu avô. Sei tudo e tudo vejo. Como tens sido bom, resolvi ajudar-te. O que queres que faça?

— Quero ir para onde foram os meus irmãos.

— Põe-te em cima de mim, que vou levar-te à ilha que viste antes de chegares cá. É grande e fértil e os teus irmãos estão prestes a atingi-la, mas tu chegarás antes deles.

— Tenho medo! — exclamou o rapaz.

— De quê?

— De que te metas debaixo de água e eu morra afogado.

— Nesse caso vai apanhar um bambu e uma cana verde das que viste junto do lugar onde achaste água. Metes-me uma em cada venta, para eu andar sempre à tona de água, e deste modo não haverá perigo de te afogares ou de seres comido por algum peixe.

O moço fez o que o jacaré lhe disse e, ao anoitecer, já se encontrava à entrada duma grande ribeira, que descia da montanha, cheia de água. O jacaré meteu-se na ribeira e foi depô-lo no sopé de um monte, onde o curso de água se juntava a outro.

Antes de se afastar, o *avô* recomendou-lhe que continuasse a ser bom e que não se juntasse aos irmãos, que eram maus. Disse-lhe também para não se esquecer de que ele, que tudo via e sabia, ficava no rio a espreitar os maus, para, se os apanhasse, os castigar pelas suas maldades.

Dizendo isto, mergulhou na água e desapareceu.

Como já tinha muita fome, o rapaz acendeu uma fogueira e começou a cozinhar algumas raízes e ervas na panela que trouxera.

Entretanto os irmãos tinham chegado ao mesmo ribeiro e meteram-se por terra, em busca de

gente. Passado tempo viram, ao longe, uma coluna de fumo e dirigiram-se para lá.

Qual não foi o seu espanto quando, ao chegarem, encontraram o irmão [1].

— Como vieste aqui parar? — perguntaram.

O rapaz narrou o que lhe sucedera e, quando acabou, os irmãos disseram:

— Como tens aí a nossa panela e nós não temos outra, poderíamos viver juntos.

— Não! — respondeu ele. — O avô disse-me que nunca me juntasse convosco, porque sois maus. Ele sabe tudo e vê tudo. Se não lhe obedecer ele castiga-me.

Quanto a vós, aconselho-vos a deixardes de praticar a maldade, pois, mesmo que fujais, ele virá castigar-vos.

Os irmãos foram-se embora e deixaram-no em paz.

O moço pegou no bambu que metera na venta do jacaré e plantou-o junto da confluência das ribeiras. Não tardou a crescer ali um grande bambual que ainda hoje existe, e no qual ninguém toca por ser considerado sagrado [2]. Perto desse sítio fica a antiga povoação de Home.

---

[1] Recorde-se a história bíblica de José do Egipto e notar-se-á um certo paralelismo, apesar da divergência pagã.

[2] Vi as canas desse bambual e afirmaram-me que não as há iguais em Timor. É uma variedade que tem o caule salpicado de manchas arroxeadas e que oferece um aspecto magnífico.

Cortei uma delas, e os nativos mais ponderados afirmaram

Desse bambual só os descendentes do que o plantou podem cortar canas, acrescentou a mulher, frisando que ela pertencia a essa família, e continuando:

— Se, por desgraça, aqueles bambus forem queimados, nunca mais choverá e morreremos todos à fome. Se uma fonte secar, bastará que se plante um bambu desses, e logo brotará água boa para beber.

Como é natural, esta história foi interrompida pelas frequentes exclamações da assistência.

Depois, a mãe do António convidou-os para comer e, se ouviram com gosto a narração, com mais gosto ouviram o convite.

Comeram, beberam e conversaram, como é natural entre gente nova, e quando a noite ficou completamente escura a comitiva preparou-se para ir em busca de veados.

Guiados pelo António, bom conhecedor daquelas paragens, puseram-se em marcha.

Ainda não teriam andado metade do caminho quando descobriram três veados entre o mato. Todos se calaram e o silêncio foi quebrado por uma detonação a que se seguiram gritos e algazarra.

---

que eu devia morrer em breve. Como isso não aconteceu, passaram a confiar mais no missionário e a descrer do que os velhos ensinavam.

Uns diziam que o bicho caíra e outros afirmavam que não. De súbito ouviu-se um grito.

— Que foi?

Ocorria um facto com que não se contara: uma cobra verde ([1]) mordera o pé de um rapaz.

Socorreram-no, o melhor que puderam, e foram levá-lo a casa, coxeando e queixando-se de dores.

Não tardou muito a ser assinalada mais caça. Desta vez a pontaria foi certeira porque os berros do animal eram sinal evidente de ter sido atingido. Seguiram o rasto de sangue, auxiliados pela luz de uma lanterna, mas o veado embrenhara-se no bosque e aí era quase impossível encontrá-lo. Apesar da certeza de terem um animal atingido, voltaram para trás, tristes e cabisbaixos. Nisto ouviu-se outro grito e alguém perguntou:

— Descobriram o veado?

— Não! Foi outro mordido pela cobra verde.

Os demais não perderam a calma e fizeram transportar o mordido a casa da Caminutchai, continuando eles as pesquisas.

Em certa altura começaram a ouvir-se gritos do António.

— Houve outro mordido pela cobra? — perguntou o padre Ribeiro.

---

([1]) É a única cobra do Timor que pode produzir a morte, se lançar o veneno, directamente, num vaso sanguíneo.

— Não, senhor; É o veado! — respondeu o rapaz, triunfante. — Eu vi-o cair e não me esqueci do lugar. Cá está ele, morto.

A alegria do grupo sobrepôs-se ao peso do animal, que não era nada pequeno. Levaram-no para casa da Caminutchai, onde o destriparam para lhe cozerem as miudezas imediatamente.

A rapaziada animou-se e voltou ao campo para ver se encontravam o segundo veado ou se aparecia mais algum para caçar. Após várias pesquisas voltaram a soar gritos.

— Outro veado?

— Não!

— Mais algum mordido pelas cobras verdes?

— Foi um escorpião que atingiu um dos do grupo.

Como a caçada se estava a tornar trágica, foi dada ordem de retirar.

O chefe anunciou:

— Ficamos satisfeitos com um veado. Se continuamos assim, corremos a risco de ser todos mordidos por qualquer animal.

Regressaram a casa da mãe do António, onde as tripas já estavam preparadas, e foram todos comer. Os que não tinham sido mordidos alternavam a comida com piadas e gargalhadas, os outros comiam e soltavam ais.

Após o repasto, já no caminho para a Missão,

ouviram uma grande restolhada que se dirigia para eles.

— «Vaca» (veado), senhor! — gritou um.

Prepararam as espingardas e focaram a luz da lanterna no local, a fim de observar bem.

— «Arapô!» (búfalo) — gritaram todos e, lançando o veado ao chão, fugiram para todos os lados. Os próprios feridos deixaram de coxear e parecia terem sido curados por milagre.

Felizmente, os búfalos, ouvindo todo aquele barulho, espantaram-se e fugiram na direcção oposta.

Ao retomarem a marcha verificaram que havia mais um ferido: caíra sobre umas pedras pontiagudas e ficara muito maltratado.

Conseguiram chegar à Missão, mas sem sombras do brio e garbo com que haviam abalado. Os feridos trataram-se e todos se puseram bons.

Em todo este caso, só o rei de Nári ficou preocupado, pois o seu reino fora devassado pelos «malais», com a agravante de terem sido guiados pelo próprio neto.

# CAPÍTULO XXXII

*O diabrete futebolista — A Luisa — Último refúgio*

Vou interromper, uma vez mais, a narração para referir dois casos que se passaram e que demonstram como esta gente, apesar de ignorante, se sente atraída para o Bem e se entregam a ele quando têm quem os encaminhe.

Quando cheguei a Fuiloro, sem experiência da vida missionária, sem saber como começar, principiei por ensinar o sinal da Cruz e a *Ave-Maria*, rematando com o cantar do *Bendito*.

Entre tanta gente, de todas as idades, que fazia uma algaraviada medonha marcando o compasso com a cabeça, reparei num garoto vestido à pai Adão, que cantava e marcava o compasso, como os outros.

No domingo seguinte voltou a aparecer, mas vestido com uma camisa comprida para parecer bem ao missionário. Mais tarde reparei que, entre os miúdos que frequentavam o catecismo, aquele fazia o desespero da mãe, das tias e das velhas sisudas, pela sua vivacidade e inquietação: era o Tapicoro.

Apenas dava a lição de catecismo, ou quando lhe parecia que tardava a sua vez de ser interrogado esgueirava-se por entre as mulheres e daí a pouco lá andava aos pontapés a uma bola, com os rapazes da sua idade.

Um dia a avó, escandalizada com tanta diabrura, agarrou-o e prendeu-o com ambos os braços a fim de obrigá-lo a estar quieto e evitar que fugisse. O rapaz bem se esforçava por sair dali, mas a pressão dos braços não afrouxava. Chegou a vez de eu interrogar a avó, e perguntei-lhe a *Confissão*. Assim que a velha chegou ao *Minha culpa*, desligou-o, para bater com a mão no peito, e foi o bastante para ele se desenvencilhar daquele braço de ferro e fugir para a brincadeira.

Mais tarde, quando entrou para a escola, era um dos mais assíduos às aulas, mas aprendia sem se salientar dos outros, pois era a bola e o pião que mais o preocupavam. A sua alegria aumentou quando o professor lhe deu o posto de guarda-redes no grupo dos rapazes da aula. Era vê-lo no meio das balizas cheio de confiança e seguindo com

o olhar os movimentos da bola, a ponto de um conhecedor do assunto dizer, entusiasmado:

— Reparem naquele garoto!... É formidável!

Depois do baptismo, confessava-se e comungava, todos os domingos.

Nunca vi gente com ouvido mais duro para a música do que a destes lados mas, a certa altura, comecei a distinguir uma voz de garoto que, quando cantava o verso: *Quanto amor que nos tens, ó bom Jesus*, durante a comunhão, punha tal sentimento nas palavras *ó bom Jesus*, que parecia que a alma se derramava em amor. Era o Tapicoro, agora chamado Filipe Serra, que punha em louvor ao Senhor o mesmo entusiasmo com que fazia tudo.

Só compreendi que havia alguma coisa mais do que entusiasmo naquela alma um dia em que, vendo-o entrar sòzinho na capela, o segui para observar o que fazia. Chegou junto do altar, tocou nos pés de Nossa Senhora e beijou as pontas dos dedos.

— Que estás a fazer? — perguntei-lhe.

Ele, na sua simplicidade lacónica e selvagem, respondeu:

— Rezo!

— Que rezas tu?

— Uma Ave-Maria.

— Para quê?

— Para ser bom e não pecar.

Um domingo, depois de se ter confessado,

ouvido missa e comungado, foi mais cedo para casa porque tinha de acompanhar a mãe que ia trabalhar na horta (ainda era pagã).

Chegados lá, a mãe foi cortar uma palmeira com a catana e o Filipe, cansado de brincar e da caminhada, foi sentar-se à sombra e pôs-se a cortar um pau com a faca. A certa altura a mãe recomendou-lhe que saisse dali, mas ele respondeu:

— A palmeira ainda não cai — e deixou-se ficar no mesmo sítio.

Veio uma rajada de vento mais forte que derrubou a palmeira.

Ouvindo os gritos da mãe e o estalido dos ramos que se iam partindo, o rapaz fugiu, mas fê-lo com tanta infelicidade que correu para onde a árvore ia cair.

Foi apanhado, em cheio, pelo tronco e ficou esmagado debaixo dele.

A mãe correu a auxiliá-lo, mas encontrou-o sem fala e respirando a custo. Retirou-o de sob a palmeira, com o auxílio de uma vizinha, mas pouco depois o rapaz exalava o último suspiro.

Foi grande a aflição da pobre mulher, ao ver morto o seu único filho, agravada pelo medo de que o marido lhe batesse.

Resolveu fugir para o mato e ficar por lá, mas a Lúcia, boa cristã e mulher de ascendente entre a povoação, dissuadiu-a e conseguiu arranjar as coisas com o marido.

Assim partiu para o céu a alma daquele bom diabrete cheio de amor a Jesus. Os seus restos repousam à sombra da Cruz e espero que ele tenha ido contemplar o Supremo Bem por que tanto ansiava.

O outro caso é o da Luísa.

Era uma rapariga de dezasseis anos, alta, bem proporcionada e robusta, com um sorriso forçado que encobria qualquer preocupação que só ela conhecia.

Lembro-me de que, nos meus primeiros tempos em Fuiloro, vi, um dia, ao celebrar missa numa capela — uma sala com um altar portátil sobre uma mesa vazia —, uma rapariga aparecer à porta e fugir.

Quando referi o caso ao Vicente, o único cristão da zona, que tinha sido educado num colégio de Soibada, respondeu:

— Deve ser a Luísa.

Mais tarde, tendo ido visitar a aldeia dos meus primeiros alunos, vi uma rapariga que, mal deu com os olhos em mim, fugiu a esconder-se em casa.

— É a Luísa! — exclamou um garoto, a rir.

Fiquei intrigado com essa Luísa, tanto mais que era a primeira vez que ouvia um nome feminino cristão aplicado a uma timorense daqueles sítios.

Semanas mais tarde, quando recebi os nomes de algumas garotas que vinham inscrever-se na catequese, lá me apareceu a Luísa. Foi aí que fiquei a

conhecê-la, longe de pensar que iria dar-me matéria para um capítulo deste livro.

Era amiga da Celeste mas havia entre elas uma certa distinção de categorias porque, se o avô desta era um herói dos tempos idos, que estava agora velho e consumido, o tio da Luísa era chefe de suco e homem de grande prestígio na região. Isto dava à rapariga um certo ascendente sobre as companheiras porque, nestes sítios, a autoridade não é uma coisa vã.

Teria ela, então, uns doze anos, e era a mais inteligente das companheiras e a que mais doutrina sabia. Muito curiosa, observando tudo o que dizíamos e fazíamos, foi perdendo a timidez selvagem e afeiçoou-se à Missão.

Depois de baptizada, quando o senhor bispo me pediu que lhe indicasse algumas pequenas para serem educadas no Colégio que as Irmãs Canossianas dirigem em Soibada, indigitei-a a ela, por estar nas condições exigidas. Ficou radiante e foi dizer ao pai e pedir-lhe, ao mesmo tempo, a sua licença.

O caso da Celeste ainda apaixonava a opinião pública, e o pai, para evitar complicações futuras, opôs-se terminantemente. Nem pedidos, nem súplicas, nem lágrimas de família ou a minha intervenção deram resultado. O homem pensava:

— A prima valeu oitenta búfalos e vinte cavalos. Ora a minha filha não lhe é inferior.

Para lhe atenuar o desgosto de ver partir as outras para o Colégio, o pai comprou-lhe uma saia garrida e uns sapatos de salto alto. Ela, muito chorosa, veio ter comigo e disse-me:

— Sou uma infeliz, senhor padre. Uma pobrezinha que não tem ninguém.

Corrigi-a, dizendo-lhe que tinha o pai, a mãe e Nossa Senhora; que obedecesse àqueles e se encomendasse a esta e que a Virgem não a abandonaria.

Soluçando e limpando as lágrimas, lá se dirigiu para casa, prevendo o martírio que a esperava; nessa altura ainda eu não sabia o drama que se ocultava na sua alma.

De repente deixou de vir à Missão; apareceu, dias mais tarde, a dizer que o pai a ia mandar para Lospalos, para casa de um chinês seu amigo, cuja esposa a ensinaria a costurar e bordar, a troco de um búfalo.

Alguns meses depois voltou a frequentar a Missão. Vinha preparar o altar, aos sábados, e aos domingos ouvia missa e comungava com as outras companheiras. No entanto, quando soube que eu iria deixar a Missão de Fuiloro, veio ter comigo, insistindo para que eu fizesse os possíveis por colocá-la no Colégio das Madres Canossianas, em Soibada.

Ante a insistência da filha em não querer casar, o pai resolveu mudar-se para uma propriedade que

tinha no mato e, afastada da Missão, talvez a rapariga cedesse à sua vontade.

Como estava doente, ela ficou na aldeia, em casa de uma prima. A pressão que os pais e irmãos exerciam sobre a pobre Luísa para a obrigarem a casar começou a minar-lhe a saúde, a ponto de o médico ordenar que se sujeitasse a um tratamento especial.

Apesar de tudo, a resolução da rapariga era inabalável e tinha grande receio de não poder resistir à família, pois chegaram a negar-lhe o alimento. Com a sua actividade e como sabia costurar, a rapariga ia ganhando qualquer coisa, mas teria passado muito mal se a Missão não a ajudasse.

Dois anos mais tarde, quando regressei a Fuiloro, a Luísa veio ver-me e insistiu no seu pedido para que eu a mandasse para Soibada. Só então conheci o drama que ela vivia.

— O meu pai, disse ela, quer casar-me com um homem que já tem outra mulher e, como me tenho recusado, bate-me muito.

— E a tua mãe?

— Faz-me o mesmo!

— E o teu irmão mais velho?

— Também me bate por eu não querer casar. Foi ele que fez com que o meu pai me tirasse de casa do chinês para eu não aprender mais costura, e até me obriga a cavar na horta.

— Podias casar-te com um cristão.

— Não quero, porque as mulheres timores casam-se para serem desgraçadas. A vida delas é trabalhar, sofrer, apanhar pancada e chorar.

— A tua mãe apanha pancada?

—- Muita.

— Já viste?

— Tenho visto, muitas vezes.

— Que fazias quando o teu pai batia na tua mãe?

— Fugia com medo. A minha irmã que está casada também apanha. Um dia fugiu para minha casa, mas o meu pai deu-lhe uma sova e foi levá-la ao marido, que lhe deu outra ainda maior. Ajude--me, senhor padre.

A pobrezita afastou-se, soluçando, a pensar talvez que o missionário lhe poderia abrir uma porta que a livrasse da triste sorte que espera todas as mulheres timores.

Em vista da sua perseverança, levada até ao heroísmo, expus a situação da Luísa à Superiora das Madres Canossianas, que da melhor vontade a recebeu, não só como aluna mas até como aspirante à vida religiosa, se tivesse vocação para tal.

Conseguiu que a deixassem ir para Soibada, onde passou três anos, deixando as Madres muito satisfeitas com a sua piedade e adaptação à vida religiosa. Segundo os seus desejos, mandaram-na

para Hong-Kong fazer o noviciado, onde continuou a deixar contentes as suas superioras.

Deus queira que persevere e consiga encontrar a paz e o sossego pelos quais a sua alma tanto ansiava.

## CAPÍTULO XXXIII

*Um monstro parricida — Tchênu-Mata — Lenda do pepino*

O Assutchai é um contemporâneo do rei de Nári que eu conhecia apenas de nome.

No dia em que o vi pareceu-me quase impossível que aquele homem fosse um assassino desalmado que matara o próprio pai porque ralhara com ele em virtude de os seus cavalos lhe terem estragado a horta.

Refiro-me a este homem, não pelos crimes que cometeu — e que foram muitos — mas pelas lendas que andam ligadas à sua família.

Por parte do pai, é descendente das únicas pessoas que se salvaram do Dilúvio Universal e que contam assim a história do seu salvamento:

Vivia em Tchênu-Mata um casal que, quando as águas inundaram tudo, fugiu para o telhado da casa que habitava.

Viram duas enormes montanhas de água, vindas do norte e do sul. Quando as águas se iam juntar apareceu uma águia enorme que, com o bater das asas ora numa ora noutra montanha de água, impediu que se juntassem e conseguiu afastá-las.

O esforço deixou a águia muito cansada e fê-la poisar numa árvore, ali perto. No dia seguinte foram encontrá-la morta e rodearam-na de pedras. Com o tempo formou-se um enorme monte onde os avós do Assutchai faziam sacrifícios, introduzindo pedaços de carne por um buraco que dava para o interior.

Também não é menos interessante a origem da família da mãe do Assutchai.

Na região de Lacavá havia uma aldeola chamada Borugai, onde vivia um homem muito rico, com a mulher e dois filhos.

Quando um dos rapazes tinha nove anos e o outro tinha seis, os pais morreram e não deixaram ninguém que olhasse pelos filhos.

Os moços ficaram com a riqueza do pai, que era constituída por búfalos, cavalos, ovelhas e algum arroz, milho e feijão.

Todos os dias iam guardar os animais, e comiam do que havia em casa. Quando se lhes acabaram os mantimentos tiveram de se alimentar do leite dos animais e de algum farelo que encontravam.

Um dia, quando levavam os búfalos a pastar, o irmão mais velho achou uma pevide de pepino que levou para casa e pôs junto da lareira.

Ficaram muito surpreendidos, no dia seguinte, quando viram que nascera uma planta. Trataram dela e, daí a poucas semanas, deu flor, a que se seguiram dois pepinos.

— Vou levar um pepino — disse o mais novo, uma vez —, para matar a sede, porque está muito calor e não há água nos lugares por onde andamos.

— Esperemos que a rama seque! — respondeu o mais velho.

Deu-se, então, um caso maravilhoso: logo que os rapazes saíram com os búfalos, os dois pepinos transformaram-se em duas meninas muito lindas e pretas que foram pedir arroz a uma velhota cega que vivia perto, procuraram água, acenderam lume e prepararam a ceia para os dois irmãos.

Estes, ao voltarem a casa, tristes por estarem sós e não terem quem cuidasse deles, ficaram muito admirados a verem uma panela que fumegava na lareira. Destaparam-na e viram que tinha arroz muito bem preparado.

Não podendo explicar o caso, lembraram-se de que deveriam ter sido as almas dos pais que tivessem vindo preparar-lhes a comida, pois não havia ali mais ninguém senão a velha cega.

Como isto se repetia todos os dias, foram perguntar à velha se sabia de alguma coisa. Ela res-

pondeu que não, mas que havia dias que ouvia pilar arroz em casa deles.

Em vista disto, o mais velho disse ao outro:

— Hoje vais tu, sòzinho, guardar os búfalos e eu fico em casa para ver quem nos faz a comida.

Escondeu-se atrás duns sacos e, daí a pouco, ouviu um ruído. Reparou melhor e viu que os pepinos se mexiam e se transformavam nas duas lindas pretinhas que se puseram a preparar a comida. Quando esta estava pronta, comeram e disseram:

— Guardemos comida para os nossos irmãos, que foram com os búfalos.

Ouvindo isto, o rapaz levantou-se e perguntou:

— Quem sois vós?

Não obtendo resposta, continuou:

— Donde vindes?

As raparigas começaram a chorar e ele, fingindo não saber de nada, disse:

— Quem tirou dali dois pepinos?

O irmão mais novo, como estava sòzinho, veio mais cedo para casa e encontrou o outro a fazer perguntas às raparigas. Tendo-se inteirado do sucedido disse:

— Pergunta-lhes se querem ficar a viver connosco. Elas tratarão da casa, e nós dos animais.

Ouvindo isto, as raparigas deixaram de chorar e disseram que ficariam com eles.

Viveram assim, como irmãos, durante muitos anos.

Quando já estavam crescidos, a velha chamou-os e disse:

— Vocês já estão em idade de casar. Aconselho-vos a tomarem aquelas raparigas para vossas esposas.

Eles assim fizeram. O mais velho ficou em casa do pai e o mais novo foi viver para casa da velha. Dividiram o que tinham e viveram felizes, durante muitos anos.

Tiveram filhos, que se estabeleceram naquele lugar, e os seus descendentes ainda são conhecidos pelo nome de Uèlifoi (filho de pepino).

Não se sabe o nome dos dois irmãos, mas as raparigas chamavam-se Buiara e Laluara.

As pessoas desta família não comem pepinos, melões, melancias e outra fruta do género porque, se os comessem, morreriam.

# CAPÍTULO XXXIV

*O Miloro, Golias de Timor — Lenda do homem e do jacaré — O Cipriano — O Jonas de Timor*

Todos os povos têm os seus heróis, reais ou lendários, cuja auréola de maravilhoso aumenta à medida que as gerações se sucedem.

Entre aqueles que a tradição lembra com mais orgulho contam-se dois gigantes irmãos, chamados Miloro, o mais velho, e Coromáa, o mais novo.

Miloro parece ter sido o rei e senhor de toda a região que vai das montanhas de Luro ao extremo da ilha, excluindo o reino de Nári.

Eram tão altos, os dois irmãos, que não precisavam de subir aos coqueiros para apanhar os cocos. Não tinham casa como as da outra gente, mas uma casa construída no chão, espécie de cabana baixa e comprida, onde tinham de entrar de gatas e que só lhes servia para dormir. Tiveram de

ficar solteiros, porque não havia mulheres do tamanho deles.

A oeste de Luro, no meio das montanhas, existe um antigo curral de búfalos feito de pedras transportadas por eles e dizem que algumas delas têm mais de um metro cúbico e que, hoje, nem dez homens as conseguiriam mover.

Este lugar é «tei» e ninguém se atreve a aproximar dele, para não atrair uma série de desgraças. Dizem que está guardado por um macaco branco, de tamanho descomunal, e ninguém lá vai, para não atrair as iras das almas dos gigantes.

Um neto de um dos chefes mais prestigiosos de Timor, descendente desses gigantes, contou-me que quisera ir ver o local mas que lhe infundiram tanto medo que desistiu.

Diz-se que, um dia, estando o Miloro nas montanhas de Luro, vieram informá-lo de que os habitantes de Môa-Pitini se tinham rebelado e não acatavam as suas ordens. Era um povo valente, arrogante e insubmisso.

O Miloro não se desconcertou: mal teve notícia da rebelião, arrancou um ramo de árvore, atou-lhe uma corda e fez um arco. Com outro ramo fez uma flecha e disparou-a contra a povoação dos rebeldes, a uma distância de cinquenta quilómetros. A flecha espetou-se no chão, mesmo ao pé dos revoltosos, que, aterrorizados, nunca mais tive-

ram a veleidade de se rebelar contra o chefe. Quanto à flecha, criou raízes e, com o tempo, deu origem a uma mata que, com o nome de Fèlucáa (flecha), ainda hoje existe e é considerada «tei».

Nada mais consegui saber da vida do Miloro. Está sepultado numa pequena colina, junto da casa onde morreu, colina essa que tem o nome do gigante. Tirei uma fotografia à sepultura e, a avaliar por esta, o homem devia ter uns quatro metros.

Todavia, acerca de um antepassado seu, encontrei uma lenda interessante.

Em tempos muito remotos havia um homem chamado Daibúnu que era muito rico e vivia perto de Luro. Não tinha filhos e, por esse motivo, tanto ele como a mulher viviam muito tristes, pois não tinham a quem deixar a fortuna.

Em contrapartida, um irmão dele, muito pobre, tinha muitos filhos.

Um dia Daibúnu disse ao irmão:

— Dá-me um dos teus filhos, para ser meu herdeiro e ficar com tudo o que eu tenho.

O irmão deu-lhe o filho, e o homem, muito satisfeito, levou-o para casa. A mulher também ficou contente, mas o rapaz não gostava de viver com os tios e sempre que podia voltava para casa dos pais.

Um dia, tendo o garoto fugido, o tio foi bus-

cá-lo mas, ao entrar em casa do irmão, ouviu a mulher deste dizer:

— O teu irmão não tem filhos porque é mau. Por isso, Deus castiga-o. A prova é que o nosso filho não quer estar com ele.

Daibúnu voltou para casa e contou à mulher o que tinha ouvido, ficando ambos muito tristes.

Um dia saiu de casa muito cedo, pegou num machado e abalou em direcção ao mar, chegando lá ao nascer do Sol. Estava ele a contemplar as águas quando viu um jacaré sair delas e espojar-se na areia.

Pouco tempo depois ouviu uma restolhada na mata próxima e viu uma cobra enorme que foi direita ao jacaré, começando ambos a lutar.

Ao meio-dia ainda a luta durava, e o homem, que estivera indeciso sem saber que partido tomar, pensou:

— O jacaré não faz mal a ninguém; a cobra come galinhas, cordeiros e porcos: vou ajudar o jacaré.

Aproximou-se e cortou a cabeça da cobra com o machado.

Vendo-se livre, o jacaré transformou-se num homem branco, muito novo e elegante, que disse:

— Vem comigo à minha casa, que é numa ilha longe daqui!

— Tenho medo! — respondeu Daibúnu.

— Nada receies. Põe-te em cima de mim, fecha os olhos e a boca, que nada te acontecerá.

No caminho para a ilha apareceram outros jacarés, que perguntavam:

— O que levas aí, que cheira tão bem?

— É um homem que me livrou da morte. Não lhe façam mal! — respondia o jacaré.

Quando chegaram à ilha, o bicho voltou a converter-se em homem e levou Daibúnu a sua casa, que era um edifício alto e muito branco. Entraram numa sala, cheia de remédios, e o branco disse:

— Leva daí o remédio que quiseres. Este — disse, indicando um frasco — far-te-á muito rico.

— Não preciso, porque tenho muitas riquezas.

— Se levares este, ganharás sempre que jogues!

— Não, porque não sou jogador.

— Então toma este e, quando fores caçar, apanharás muitos veados.

— Eu não sou caçador!

— Leva este, que te fará sábio.

— Não preciso de saber mais.

— Nesse caso leva este, que te fará viver muito; serás sempre novo e não terás doenças ou qualquer outro mal.

— A vida não me interessa, porque não tenho filhos.

Como Daibúnu não queria nada, o branco disse:

— Toma esta bandeira e este livro, e vamos para a tua terra.

Empreenderam a viagem de regresso e, chegados à praia onde o homem o salvara, o branco entregou-lhe a bandeira e o livro, abraçou-o e partiu.

Daibúnu pegou no machado que ali deixara e foi para casa, levando os presentes do outro. Como morreu pouco depois, os parentes enterraram-no no local onde se dera a luta entre o jacaré e a cobra.

O seu túmulo passou à categoria de lugar sagrado onde os caçadores, sobretudo, vão invocar-lhe a alma para terem muita sorte na caça.

A bandeira parece ter a data de 1700 e o livro deve ter sido impresso entre 1650 e 1700. Contém orações e salmos, em latim, com tradução alemã, e ambos os objectos são considerados sagrados e, como tal, os indígenas oferecem-lhes sacrifícios.

Passo agora a contar uma outra lenda, sobre a família dum chefe que se converteu ao cristianismo.

Os antepassados desta família vieram duma ilha longínqua cujo nome se ignora.

Durante a viagem vieram sempre acompanhados por jacarés e, ao chegarem à praia, o barco foi atirado para cima das rochas, transformando-se em rochedo também.

As pessoas costearam a ilha, até Souro, onde se estabeleceram.

Ora um dos sucessores dessa família teve um

filho, chamado Fetussó, que aos sete anos ainda não falava, sendo por isso considerado mudo.

Quando começou a falar começou a dar, também, mostras de loucura. Passava sete meses com ataques furiosos, seguidos de outros sete em estado normal. (Repare-se como o número sete entra na sua lenda).

O pai tinha um rebanho de cabras que, uma vez, se perdeu no mato. Como se tivessem passado sete dias sem que o rebanho aparecesse, mandou o filho procurar os animais. O rapaz foi e, ao passar por um sítio chamado Nâna-Muarêfu, foi engolido por uma serpente enorme, em cujo ventre viveu sete dias e sete noites.

Ao fim deste tempo a serpente vomitou-o e levantou voo em espiral, por cima dele. No entanto começou a soprar um vento muito forte e o animal, não podendo manter-se no ar, caiu perto do rapaz.

Fetussó, não a vendo mover-se, aproximou-se para observar melhor e descobriu que a serpente estava convertida em pedra.

A partir desse momento o rapaz ficou mentalmente são e, quando atingiu a maioridade, foi reconhecido como grande sacerdote, pois era muito sábio e tinha o dom da profecia.

Era um guerreiro notável e como tinha o poder de saber quais os homens que iam ser feridos nas lutas aspergia-lhes as partes do corpo onde

seriam atingidos, com uma pedra preta molhada em água de coco, e tornava-os invulneráveis.

Teve uma só mulher, da qual lhe nasceram dois filhos: Mauraca e Rato-Mimiraca.

Ao sentir-se velho e prestes a morrer chamou os filhos e deu, ao mais velho, a unha do polegar da mão direita; ao mais novo cuspiu-lhe na boca e transmitiu-lhe o dom da profecia. Depois de morto enterraram-no em Hai-Ara (tronco de origem)[1], onde, ainda hoje, a família vai oferecer sacrifícios e implorar a sua protecção.

Mauraca era um guerreiro forte e destemido. Um dia, quando pensava na morte do pai, viu na sua frente uma pequena cobra de ouro que olhava para ele. Era a «Máfu», serpente que aparece aos profetas, e depois disto ficou com o dom da profecia.

Tanto Mauraca como o irmão tiveram dois filhos. Os do primeiro chamavam-se Cailavânu e Latumalai; os do segundo, Toutou e Iessupolo.

Este último tornou-se célebre pelas suas riquezas e pelas grandes viagens que fez, pois chegou a ir a Assuaim, Díli e Cupânu, acompanhado por oitenta criados e cento e cinquenta búfalos.

Para a nossa história interessa-nos o facto de ter sido pai de um outro Rato-Mimiraca que se fez cristão com o nome de Cipriano.

Era um herói bondoso e recto que não consentia desordens entre os da sua gente.

Um dia os chefes de Lautém com um parente do rei de Nári a servir de intérprete foram procurá-lo para que depusesse as armas sem receio, pois os portugueses o deixariam em liberdade, com todas as regalias, assim como todos os seus. Ele consentiu e passou a viver em paz nas suas terras.

Mais tarde, quando vieram os missionários, devotou-lhes toda a sua estima e influência. Baptizou-se, e quis chamar-se Cipriano, pois, explicou, este nome significa o *que faz o bem*, e ele sempre desejara fazer bem.

Morreu deixando numerosa descendência, a maior parte da qual é cristã.

Foi a este Cipriano que eu ouvi lamentar:

— Se os nossos avós não tivessem feito fugir os primeiros missionários seríamos agora tão civilizados como os indianos.

## CAPÍTULO XXXV

### *Baptismo e morte do rei de Nári*

Depois da narração destas lendas é justo que tornemos a voltar a nossa atenção para o rei de Nári e terminarmos o livro, como é óbvio, contando os últimos dias desse patriarca.

O rei tem mais de noventa anos e vive com a mulher e o filho mais novo, esperando que o «Grande» o chame a si e o leve a reunir-se aos seus antepassados.

Numa das minhas últimas visitas, à hora de comer, aproveitei a oportunidade para lhe oferecer pão, umas latas de sardinhas e algumas bananas. Ficou muito admirado ao ver o modo como as sardinhas vinham nas latas e mandou apanhar os recipientes vazios que deitáramos fora. Comeu o pão molhado no azeite das sardinhas, e ia soltando, por entre dentes, a sua expressão favorita:

—· Naucàpáré!»

No ano seguinte, voltando a Fuiloro depois de uma ausência, veio um filho do rei, o Martinho de Jesus, avisar-me de que o pai estava doente e queria baptizar-se. Como o caso não aparentava muita urgência e eu tinha de entrar para um retiro, respondi-lhe que fosse para casa e me avisasse se o pai se pusesse pior.

Dias depois recebi um recado — mandado não sei por quem — a dizer que o rei piorara e insistia em baptizar-se. Montei a cavalo e, acompanhado por um guia, dirigi-me a Nári.

Estávamos em Agosto e o tempo ameaçava chuva.

Não há estradas para Nári, mas apenas carreiros que mudam com o capricho dos transeuntes, e, por má sorte nossa, os caminhos haviam sido cortados por muros, no ano anterior, de modo que nos perdemos.

Estávamos completamente desorientados quando tive a ideia de mandar o meu guia subir a uma árvore alta, a ver se descobria o caminho. O rapaz verificou que estávamos na direcção oposta a Nunutchênu e, mudando de rumo, chegámos, finalmente, a Foé-Ira, onde respirei fundo por me ter visto fora daquele labirinto.

Fui ter com o rei e, ao contrário do que esperava, fui encontrá-lo a dormir, muito bem disposto.

Acordado por um neto, o Perecoro ficou muito admirado de me ver ali. Revelei-lhe que me

haviam dito estar ele muito mal e, por isso, ali me tinha à sua disposição.

Respondeu-me que estava bem e que, de momento, não precisava de coisa alguma.

Ofereci-lhe, então, algumas fotografias dele que eu tirara no ano anterior. Mirou-as muito tempo e, depois, perguntou:

— O que é isto?

— É um retrato.

— Um «ritirato».

Expliquei-lhe que era ele com a mulher e os filhos. Mandou abrir a janela, para ver melhor, e soltou o seu expressivo «Naucàpáré».

Como o vi bem disposto, aproveitei a ocasião para lhe falar no baptismo, mas respondeu, julgando que se tratasse de algum remédio, que se baptizaria quando estivesse doente outra vez.

Fiz-lhe ver que estava enganado e convenci-o a baptizar-se, dizendo-lhe que tinha muito gosto em fazê-lo cristão antes de ir para Díli.

O velho rei aquiesceu. Preparei-o, o melhor que pude, e perguntei-lhe como se queria chamar.

— O senhor padre é que diz o nome! — respondeu.

— Queres chamar-te José Rodrigues, como eu?

— «Zuzé Ruturicu?» Não sou capaz.

— Pois bem, serás José Maria.

— «Zuzé Maria!» «Rau! Rau!» (Está bem).

Deu uma gargalhada e beijou-me a mão.

Recebeu o Sacramento com muito respeito e, depois, deu-me um grande abraço.

Fazia-se tarde, e eu temia perder-me no caminho. Por isso deixei-lhe pão, queijo, sardinhas e bananas e despedi-me dele.

Qual não foi o meu espanto quando o rei me pediu a estola e a sobrepeliz, porque eram muito bonitas. Em vista da minha impossibilidade de satisfazer o seu pedido contentou-se com o guarda-pó.

Ao chegar à Missão ia cheio de fome e de cansaço mas trazia a alma plena da satisfação de haver baptizado o rei de Nári.

No dia três de Janeiro de 1957 o momento da morte chegou para o velho.

Chamou os filhos, ordenou-lhes que abrissem a sepultura a uma certa distância das dos pais e avós, visto ele já ser cristão, que pedissem licença ao missionário para matarem cinco búfalos, dizendo ainda que queria uma cruz na sua cova.

Os filhos assim fizeram, pedindo também que os deixassem fazer um caixão para o pai. Tudo lhes foi concedido sob a condição de não fazerem sacrifícios aos «teis», e recomendando-lhes o missionário que o viessem avisar quando estivesse tudo preparado.

Sete dias depois, como ninguém aparecia, o missionário começou a suspeitar de que o tivessem

enterrado com o ritual pagão, mas a demora era causada pelo atraso na feitura do ataúde.

Quando, finalmente, o padre chegou a Nári para o funeral encontrou o recinto cheio de gente, vendo-se ainda nas árvores os restos dos cinco búfalos com que a família do morto obsequiara os seus hóspedes.

A cerimónia foi simples, sem choradeiras nem arrepelamentos de cabelos.

Os cristãos presentes rezaram o *Padre Nosso* e, no maior recolhimento, em que o silêncio era cortado por um ou outro suspiro menos reprimido da mulher e dos filhos, foi levado à sepultura o último patriarca e rei de Nári.

Aqui fica a narração da sua história, junta com lendas e factos presenciados por mim, e espero, amigo leitor, que ela agrade, compensando assim o trabalho que tive para reunir o material deste livro.

# ÍNDICE